

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

Murilo Otávio Menezes Costa

O ENSINO DE FUTEBÓIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
dilemas, desafios e possibilidades

Belo Horizonte
2024

Murilo Otávio Menezes Costa

O ENSINO DE FUTEBÓIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
dilemas, desafios e possibilidades

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – Proef, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Linha de Pesquisa: Anos finais do Ensino Fundamental

Orientador: Prof. Dr. José Ângelo Gariglio

Belo Horizonte
2024

C834e Costa, Murilo Otávio Menezes
2024 O ensino de futebol na educação física escolar: dilemas, desafios e possibilidades.
[manuscrito] / Murilo Otávio Menezes Costa – 2024.
159 f.: il.

Orientador: José Ângelo Gariglio

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 149-154

1. Futebol – Treinamento técnico – Teses. 2. Futebol – Estudo e ensino – Teses. 3. Esportes escolares – Teses. I. Gariglio, José Ângelo. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 796.332.091.2

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Antônio Afonso Pereira Júnior, CRB 6: nº 2637, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA/MP	UFMG
---	---	-------------

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO MURILO OTAVIO MENEZES COSTA

Realizou-se, no dia 06 de setembro de 2024, às 15:00 horas, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 36ª (trigésima sexta) defesa de dissertação, intitulada *O ensino de futebolis na Educação Física escolar: dilemas, desafios e possibilidades*, apresentada por MURILO OTAVIO MENEZES COSTA, número de registro 2022669422, graduado no curso de EDUCAÇÃO FÍSICA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO FÍSICA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). José Angelo Gariglio - Orientador (UFMG), Prof(a). Silvio Ricardo da Silva (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof(a). Admir Soares Almeida Junior (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

☒ Aprovada

☐ Reprovada

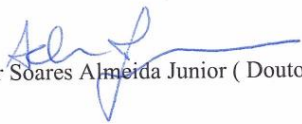
A versão final da dissertação, devidamente corrigida, deverá ser entregue até 60 dias após sua defesa.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 06 de setembro de 2024.


Prof(a). José Angelo Gariglio (Doutor)


Prof(a). Silvio Ricardo da Silva (Doutor)


Prof(a). Admir Soares Almeida Junior (Doutor)

AGRADECIMENTOS

Aos amigos trabalhadores/professores e aos alunos da Educação Básica que contribuíram para minha formação pessoal/profissional e que me fazem acreditar todos os dias em uma educação escolar libertadora.

Aos amigos da turma três do Proef, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pelo companheirismo no processo de construção da minha dissertação e da dos demais colegas que, assim como eu, enfrentaram as dificuldades da produção do conhecimento em Programa de Pós-Graduação.

À minha esposa e a meu filho pelo amor e paciência no dia a dia desses últimos dois anos.

Aos meus Pais, Irmãos, Familiares e Amigos pelas boas conversas e resenhas que me fazem viver de uma maneira mais leve.

À memória do meu Irmão que, em vida, foi um grande exemplo de ser humano.

Ao Professor José Ângelo Gariglio pela orientação e contribuição significativa na realização desse trabalho, além do conselho certo pela escolha do tema da minha pesquisa.

Aos professores/as do Proef/UFMG, pela contribuição inestimável no processo de produção da minha dissertação.

Aos Técnicos Administrativos em Educação da UFMG, em especial à Ana Paula, Secretária do Proef/UFMG, pelo profissionalismo no desenvolvimento das ações de apoio ao ensino.

Ao povo brasileiro que, por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e ao Programa de Mestrado Profissional para Professores da Educação Básica (Proeb), financia o Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (Proef), garantindo que sua existência seja pública e gratuita.

À Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO), pelo ensino de qualidade ao qual tive oportunidade de ter acesso e de poder crescer como ser humano, pesquisador e trabalhador.



“Ali, bem ali, ao centro do campo de futebol, bola rolando, jogadores correndo, tensão, ansiedade, alegria, nervosismo, vontade. De repente tudo para, vem um silêncio, está acontecendo. Eu posso sentir. Eu consigo ver. Nesse momento, nesse exato momento, sou infinito” (Murilo Otávio).

RESUMO

O presente estudo tem como objeto central de investigação o ensino do futebol na Educação Física escolar (EF) e as implicações didáticas que envolvem o processo de escolarização desse conteúdo cultural. Esta pesquisa teve por objetivo geral desenvolver e investigar uma proposta de aulas de futebol, buscando refletir sobre o ensino e a aprendizagem vivenciadas no processo de sua realização. Este objetivo geral se desdobra nos seguintes objetivos específicos: analisar o ensino de futebol na Educação Física Escolar e suas possibilidades; compreender a presença no futebol na escola e nas aulas de Educação Física; produzir uma proposição de aulas sobre o Ensino de Futebol nas aulas de EF; verificar as formas de interação dos estudantes juntos as propostas dos “Futebóis”. Este estudo é de cunho qualitativo, e faz uso das premissas teórico-metodológicas da pesquisa-ensino. A pesquisa mobilizou conceitos advindos dos estudos sociológicos e antropológicos sobre futebol (Daolio, 1989; Scaglia, 1999, 2003; Faria, 2014; Silva; Cordeiro; Campos, 2016), sobre o ensino do futebol na escola (Silveira; Pinto, 2008; Souza Junior; Darido, 2010; Faria; Santana, 2020) e da EF escolar (Bracht, 1997; Vago, 2009; Machado *et al.*, 2010; González, 2019). A investigação mostrou que é possível ampliar e qualificar a relação dos estudantes com o tema do futebol, seja pelo acesso a saberes de ordem conceitual, seja pela experimentação corporal de outras formas de praticar o futebol. A tematização dos “Futebóis” proposta por Rezer (2009), mostrou-se potente para pensar e realizar experiências de diversificação da relação do professor investigador e dos estudantes com o tema do futebol, produzindo outras possibilidades de leitura e produção de sentidos sobre esse tema da cultura corporal, formas essas que ampliam os significados expressos nas mídias sociais, na cultura televisiva e nas práticas culturais diversas. O estudo mostra, também, que a resistência dos estudantes ao tratamento do tema do “Futebóis” na escola pode ser minimizada ou enfrentada via a maior participação dos alunos no processo de proposição, concepção, organização e avaliação de proposições didáticas que visam superar a falsa compreensão de que a escola e a EF não têm nada a ensinar sobre o futebol, já que as experiências de aprendizagem vividas nas práticas culturais possibilitariam esse aprendizado. Por fim, indicamos a necessidade da produção de novos estudos sobre o tema, estudos estes que tomem outros contextos de escolarização e outras formas de abordagens metodológicas com o tema do futebol, de modo a ampliar a reflexão sobre os processos de escolarização do futebol na EF escolar.

Palavras-chave: Futebol. Escolarização do Futebol. Ensino do futebol na Educação Física Escolar. Futebóis.

ABSTRACT

The main objective of this study is to investigate the teaching of football in school Physical Education (PE) and the didactic implications that involve the process of teaching this cultural content. The general objective of this research was to develop and investigate a proposal for football classes, seeking to reflect on the teaching and learning experienced in the process of its implementation. This general objective is divided into the following specific objectives: To analyze the teaching of football in school Physical Education and its possibilities; to understand the presence of football in school and in Physical Education classes; to produce a proposal for classes on the Teaching of Football in PE classes; to verify the forms of interaction of students with the proposals of “Futebóis”. This study is qualitative in nature and makes use of the theoretical-methodological premises of teaching-research. The research mobilized concepts arising from sociological and anthropological studies on football (Daolio, 1989; Scaglia, 1999, 2003; Faria, 2014; Silva; Cordeiro; Campos, 2016), on the teaching of football at school (Silveira; Pinto, 2008; Souza Junior; Darido, 2010; Faria; Santana, 2020) and on school PE (Bracht, 1997; Vago, 2009; Machado *et al.*, 2010; González, 2019). The investigation showed that it is possible to expand and qualify students' relationship with the theme of football, either through access to conceptual knowledge or through bodily experimentation of other ways of playing football. The theme of “Football” proposed by Rezer (2009) proved to be powerful for thinking about and carrying out experiments to diversify the relationship between the research teacher and students with the theme of football, producing other possibilities for reading and producing meanings about this theme of body culture, forms that expand the meanings expressed in social media, television culture and diverse cultural practices. The study also shows that students' resistance to the treatment of the theme of “Football” in school can be minimized or addressed through greater student participation in the process of proposing, designing, organizing and evaluating didactic proposals that aim to overcome the false understanding that school and PE have nothing to teach about football, since the learning experiences lived in cultural practices would make this learning possible. Finally, we point out the need for new studies on the subject, studies that take into account other contexts of schooling and other methodological approaches to the subject of football in order to broaden the reflection on the processes of schooling football in PE at school.

Keywords: Football. Schooling of Football. Teaching football in Physical Education at School. Footballs.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - “Futebóis” e suas tematizações segundo Rezer (2009)	45
Quadro 2 - Dissertações Proef relacionadas ao Futebol	47
Quadro 3 - Aulas – Proposta de aulas de “Futebóis”	60
Quadro 4 - Sites/Fontes de pesquisa	81
Figura 1 - Quadra coberta da escola	55
Figura 2 - Quadra descoberta da escola	55
Figura 3 - Avaliação diagnóstica aula 1	69
Figura 4 - Avaliação diagnóstica aluno 1	71
Figura 5 - Avaliação diagnóstica aluno 2	72
Figura 6 - Avaliação diagnóstica aluno 3	73
Figura 7 - Avaliação diagnóstica aluna 4	74
Figura 8 - Foot/Ball	75
Figura 9 - Futebóis	79
Figura 10 - Pesquisa dos Jogos de Salão	82
Figura 11 - Biblioteca da Escola	83
Figura 12 - Futebóis e a organização das aulas	91
Figura 13 - Brincadeiras com a bola no pé – “Artilheiro”	94
Figura 14 - Brincadeiras com a bola no pé – “Gol a Gol”	100
Figura 15 - Brincadeiras com a bola no pé – “Controlinho”	101
Figura 16 - Jogos populares/de rua – “Golzinho”	106
Figura 17 - Jogos de Salão.....	113
Figura 18 - Jogos Esportivos - Futevôlei	121
Figura 19 - Futebol Gaélico	125
Figura 20 - Futebol Gaélico 2	125
Figura 21 – Futebol Gaélico 3 – Vivência prática	127
Figura 22 - Confeção dos Cartazes	130
Figura 23 - Construção do Mural	133
Figura 24 - Mural	133
Figura 25 - Avaliação escrita 1	135
Figura 26 - Avaliação escrita 2	139
Figura 27 - QRcode	146

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EF	Educação Física Escolar
EEFFTO	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
LCF	Liga Carioca de <i>Football</i>
LMDT	Liga Metropolitana de Desportos Terrestres
Proef	Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
Proeb	Programa de Mestrado Profissional para Professores da Educação Básica
PPP	Projeto Político Pedagógico
Tale	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
Tauí	Termo de Autorização de Uso de Imagem
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O FUTEBOL COMO FENÔMENO SOCIAL E OBJETO DA ESCOLARIZAÇÃO ...	21
2.1 O surgimento do Futebol: um breve histórico	21
2.2 O Futebol no Brasil e sua popularização	23
2.3 O Futebol presente na Escola e na Educação Física escolar	31
3 METODOLOGIA.....	49
3.1 Abordagem Qualitativa	49
3.2 Sobre a pesquisa-ensino	50
3.3 Os projetos de trabalho como inspiração	51
3.4 Diário de Pesquisa	53
3.5 Sobre o <i>locus</i> da investigação	54
3.6 A turma do 7º ano: os sujeitos parceiros do estudo	56
3.7 Sobre os cuidados éticos	56
4 SOBRE O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS	57
4.1 Estruturação das aulas	57
4.2 Os desafios e dilemas na preparação da proposta de aulas	58
4.3 Organização das aulas trabalhadas	60
4.4 A primeira aula: preparando o terreno.....	67
4.5 Sobre a segunda aula: os futebolis entram em cena	77
4.6 Sobre a terceira aula: iniciando a vivência dos futebolis	84
4.7 Sobre a quarta aula: Brincadeiras com a bola no pé.....	94
4.8 Sobre quinta aula: Jogos populares/de rua	103
4.9 Sobre a sexta aula: Jogos de Salão	108
4.10 Sobre a sétima aula: Jogos Esportivos	113
4.11 Sobre a oitava aula: Futebol Gaélico.....	122
4.12 Sobre a nona e décima aula: Avaliações	127
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
6 PRODUTO EDUCACIONAL.....	146
REFERÊNCIAS.....	147
ANEXO I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa (TCLE)	153
ANEXO 2 - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)	155
ANEXO 3 – Carta de Anuência Institucional	157

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objeto central de investigação o ensino do futebol na Educação Física Escolar (EF) e as implicações didáticas que envolvem o processo de escolarização desse conteúdo cultural. Com isso, visamos ampliar a nossa relação, minha e dos estudantes do ensino fundamental de uma escola pública, com esse saber via o reconhecimento da diversidade das formas de manifestação desse fenômeno no seio da cultura e da seleção destas manifestações para dentro do currículo da EF. Esta pesquisa teve como uma de suas inspirações as problematizações contidas no artigo “Pressupostos orientadores para o ensino dos ‘futebóis’ na educação física escolar...”, escrito por Ricardo Rezer (2009)¹.

Para o desenvolvimento do estudo nos valem da realização de uma proposta de aulas sobre futebol, com uma turma do 7º ano de uma escola municipal do município de Contagem. O desenvolvimento das aulas buscou ampliar o conhecimento dos alunos sobre as diferentes maneiras, presente na nossa cultura, de se jogar futebol. A ideia era possibilitar que os próprios alunos conhecessem diferentes modos de se praticar o futebol para além das práticas esportivizadas, tão presentes nas mídias tradicionais e, conseqüentemente, no cotidiano deles, além do espaço escolar no formato do futsal. Desse modo, as aulas foram organizadas de maneira que os alunos pudessem pesquisar, experimentar e inventar múltiplas possibilidades da prática de futebol.

O interesse em investigar o ensino do futebol nas aulas de EF decorre da minha relação pessoal com o futebol ao longo de quase toda a minha vida. Relação essa que se inicia com as minhas idas aos fins de semana, junto de meu pai, às beiras dos campos de várzea da região metropolitana de Belo Horizonte, onde ele jogava. Ali foi a base de toda minha paixão pelo futebol, uma vez que eu ficava brincando de bola a semana toda esperando para correr nos intervalos dos jogos de meu pai.

Essa vivência junto ao futebol de várzea me levou, ainda criança, a iniciar meu sonho/minha “carreira” rumo ao futebol profissional, como jogador na escolinha do Venda Nova Futebol Clube. “Carreira” essa que terminou aos 20 anos de idade com uma enorme frustração. Após passar por diferentes times da região

¹ REZER, Ricardo. Pressupostos orientadores para o ensino dos “futebóis” na Educação Física escolar. Cadernos de Formação RBCE, v. 1, pp. 71- 87, set. 2009.

metropolitana de Belo Horizonte, pude experimentar de perto o fenômeno do futebol profissional e observar a realidade de tantas pessoas que iam por esse caminho. Adolescentes e adultos de várias regiões do Brasil em busca de um sonho propagado no dia a dia dos brasileiros, mas que se viam diante de uma realidade cruel, com estruturas bastantes precárias das equipes, alojamentos lotados, alimentações ruins, nenhum suporte psicológico, promessas vãs. Essas experiências que me levaram a pensar o futebol por uma perspectiva menos idealizadora/sonhadora e de uma maneira mais real, acabaram por me afastar por um tempo do futebol, mas contribuíram para que eu desenvolvesse um olhar mais crítico e social quanto a profissionalização do mesmo.

Após toda uma vivência do futebol na perspectiva do “alto rendimento”, optei por me desligar desse universo de profissionalização, ficando quase dois anos sem jogar partidas de maneira oficial, pelos campeonatos de futebol amador. Apesar de nunca ter me desligado do fenômeno futebolístico de fato, continuando a vivenciá-lo de outras formas. Nessa perspectiva, comecei então a frequentar um pouco mais os espaços do torcer, os botecos, os estádios, as reuniões de amigos, a fazer mais leituras e a assistir vídeos memoráveis do futebol brasileiro². Esse movimento me ajudou a buscar alternativas para a minha vida pessoal e profissional, mostrando que havia outras possibilidades para vivenciar o futebol, inclusive podendo continuar a minha relação com o mesmo na formação universitária, em um curso de graduação em Educação Física.

A partir da minha entrada no curso de licenciatura em Educação Física, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no ano de 2015, me senti instigado a voltar a praticar o futebol de várzea, a jogar todo final de semana e a participar de campeonatos oficiais. Esse retorno foi um momento único na minha vida pessoal e profissional, uma vez que me fez retomar boas lembranças e amizades que havia feito nas categorias de base do futebol. Além de ter sido uma experiência muito positiva e que me motivou a seguir no curso de Educação Física e a me tornar um Professor de Educação Básica, as memórias afetivas da infância alimentaram o

² Alguns exemplos de vídeos aos quais me debruçava são: “Final da Copa do Mundo 1994 – Brasil e Itália”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hmbmN_F23YQ&ab_channel=AlanGomes. Acesso em 30 de março de 2024; “Final da Copa do Mundo 1998 – Brasil e França”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yQFbGivKEY&ab_channel=WallaceBernardo. Acesso em 30 de março de 2024; e “Final da Copa do Mundo 2002 – Brasil e Alemanha”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6RFu-SYt-L8&ab_channel=FelipeMax. Acesso em 30 de março de 2024.

desejo de transmitir toda essa minha relação positiva com a prática futebolística à frente.

Este retorno me proporcionou ainda observar uma outra realidade, bastante precária do futebol brasileiro, mas, ao mesmo tempo, mais sincera para com os jogadores, não fazendo promessas irreais de sucesso e profissionalização, e abrangendo para além da competitividade, a construção de amizades e o lazer. A realidade de um futebol construído com muito trabalho, de pessoas apaixonadas, de comunidades, de grupos de amigos que, minimamente, lutam por um direito a utilizar os espaços públicos da cidade no seu tempo de lazer. Cabe ressaltar que não busco, com o presente trabalho, criar uma idealização do futebol amador, na perspectiva dos campeonatos de ligas oficiais, e sim abarcar a dimensão dos jogos amistosos, entre amigos, das peladas de fim de semana. Essa diferenciação torna-se oportuna uma vez que o futebol amador vem passando, ao longo dos anos, por um processo de “profissionalização”, com a atuação de empresários investindo bastante dinheiro na categoria, montando grandes times, pagando os jogadores e os seus treinamentos e, conseqüentemente, aproximando o futebol amador do modelo do esporte de alto rendimento³.

Na escola, como aluno da educação básica, a minha relação com o futebol era, de certa forma, uma extensão do que vivia fora dela. Desde muito cedo adorava as aulas de EF, tanto pelo fato dessa disciplina proporcionar a experiência de se movimentar, que tanto apreciava, quanto pela possibilidade de jogar mais futebol. Eu, assim como meus atuais alunos, fui um adolescente que “lutava” contra toda a turma pedindo silêncio, para que o professor iniciasse a aula e a turma pudesse, rapidamente, sair da sala para que a atividade prática tivesse o seu início. Não me lembro de me opor de maneira ríspida a outras práticas corporais dentro das aulas, já que eu gostava de tudo que me desse uma sensação de liberdade para me movimentar, mas era no futebol que eu, de fato, me encontrava.

Como nas aulas práticas eu era um destaque da turma, ficava bastante ansioso para jogar e demonstrar minhas habilidades. Adorava montar o time com os alunos que tinham mais dificuldades no futebol, contra aqueles que se diziam bons, para que ali se gerasse um desafio e uma motivação para o jogo. Não ligava muito

³ Como é possível observar na matéria a respeito de ex-jogadores profissionais de futebol que vão jogar na várzea para ganhar dinheiro. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/2023/06/14/futebol-de-varzea-vira-fonte-de-renda-para-campeoes-do-mundial-e-da-libertadores-a-madeira-canta.ghtml>>. Acesso em: 21 de março de 2024.

para instruções ou ensinamentos teóricos, o que eu queria mesmo era correr atrás de uma bola e chutá-la para dentro do gol. Fato que representava um momento de sensações mágicas, de enorme prazer e gozo, individual e coletivo.

Apesar das boas lembranças e experiências, a minha intensa e afetiva relação com o futebol foi fortemente questionada quando da minha entrada no curso de licenciatura em EF na UFMG. No decorrer da minha formação na graduação, fui instigado a repensar a minha relação com o futebol e o lugar deste conteúdo cultural no currículo da EF escolar. Lembro de cursar algumas disciplinas que problematizavam o papel da EF como um componente curricular da educação básica e, dentre as implicações político-pedagógicas, discutia-se o princípio de que a EF era uma área de conhecimento e, como tal, responsável por garantir aos estudantes o acesso a um conjunto plural de conteúdos: esportes, danças, lutas, ginásticas, jogos e brincadeiras, práticas corporais de aventura, dentre outros temas da cultura corporal de movimento passíveis de serem selecionadas e ensinadas nas escolas. Essas problematizações colocavam-se para mim como um primeiro “giro” no meu processo de formação: a EF não deveria se resumir apenas ao ensino do futebol. Mais do que isso, o tratamento deste elemento da cultura não deveria se resumir à reprodução acrítica das formas hegemônicas de jogar o futebol, tão presentes nas escolas, nas mídias e no esporte de alto rendimento.

Além de ampliar minha compreensão sobre a especificidade pedagógica da EF e sobre a necessidade de trabalhar com a pluralidade das práticas corporais presentes na cultura, a graduação em EF – principalmente as disciplinas didático-pedagógicas – me proporcionou uma visão crítica sobre o futebol. Nestas disciplinas, o fenômeno futebolístico era tratado como uma linguagem singular, com sentidos e significados próprios e diversos. Desse modo, com as reflexões e mobilização de conceitos que acessei nessas experiências de formação, pude ampliar a minha compreensão acerca do fenômeno futebolístico e das múltiplas possibilidades de trabalho didático com essa prática corporal.

Em especial, pude compreender melhor que o futebol é uma prática cultural que influencia, e é influenciada, pela cultura e pelos interesses e demandas de uma dada sociedade. O que dialoga com Araújo e Ribeiro Filho (2016), ao comentarem sobre a presença do futebol na cultura brasileira das mais variadas formas: desde a presença massiva de “campinhos” por todo o Brasil; da utilização por políticos como forma de ganho de poder; dos marcos administrativos com a construção de

monumentos, como os grandes estádios/arenas; das conversas do dia a dia que utilizam as gírias futebolísticas; dos nomes das pessoas; das artes, das músicas, das pinturas e das esculturas; até a reprodução dos diferentes tipos de preconceitos, sejam eles racistas, machistas, e/ou homofóbicos. Para os autores, o futebol torna-se, portanto, uma prática social presente nas diferentes relações dos brasileiros, nos seus diferentes tempos e espaços. Inserção essa que se relaciona com uma “transversalidade de temas como: pertencimento, lazer, mídia, gênero, ética, raça, violência, emoção, religião, educação política, globalização, economia, virtualidade, arte (música, poesia, cinema, literatura, pintura, escultura, fotografias) e outras tantas” (Araújo; Ribeiro Filho, 2016, p.63).

Nesta altura da formação universitária, passei a me questionar os motivos de se trabalhar o futebol de forma tão empobrecida na escola. Por que essa prática corporal era tratada, quase sempre, como uma atividade não refletida com fim em si mesma e determinada por uma rotina já consagrada? Por que outras questões que atravessam esse fenômeno social eram esquecidas ou abandonadas pela EF escolar? Questões como essas só foram possíveis de serem elaboradas por meio do estudo do futebol à luz de aportes teóricos do campo das ciências sociais. Uma vez que, contrariamente às minhas expectativas, a disciplina de Ensino de Futebol cursada na graduação, reproduzia a citada abordagem reducionista sobre o conteúdo, limitando-se aos aspectos técnicos e táticos, vinculando-se às práticas do futebol no contexto do esporte de alto rendimento.

Ao ingressar na educação básica, no ano de 2019, na condição de professor de EF para o ensino médio, em uma escola da rede estadual de Minas Gerais, experimentei dilemas e desafios bastante complexos, mas que percebi, ao conversar com colegas na mesma situação, que não era algo isolado, algo que ocorria apenas comigo. Ao me debruçar na literatura, buscando um amparo teórico para minhas inquietações, vi ainda que essas dificuldades eram recorrentes na iniciação à docência. Dialogando com Huberman (1992), percebi que a entrada na docência é caracterizada, em geral, por uma experiência de luta pela sobrevivência e pela descoberta da profissão, sendo esses aspectos interdependentes. A “sobrevivência” estaria relacionada ao confronto com uma realidade complexa, diferente daquela pensada e estudada. Este aspecto estaria mais diretamente relacionado às dificuldades, aos dilemas e aos desafios colocados pela profissão, ao distanciamento dos ideais com a realidade das salas de aula, à interação do fazer

pedagógico com a transmissão de conhecimento e aos limites impostos pelas condições de trabalho. Já a “descoberta da profissão” se refere à sensação de entusiasmo, de exaltação, da importância que o professor iniciante sente ao se tornar responsável pelos alunos e pelo sentimento de pertencimento a um grupo profissional. Huberman (1992), embasado na literatura, acredita ainda que esses dois aspectos caminham juntos, sendo a descoberta (a exaltação, a alegria da responsabilidade) o que permite suportar a sobrevivência (a confrontação com o novo, com uma realidade complexa).

Destaco que os aspectos da sobrevivência foram os que mais sobressaíram, quando da minha chegada à escola. Assustei-me ao perceber, agora como professor, o quão intensa é a presença do futebol na cultura escolar e na EF. Mesmo tendo vivenciado esse fenômeno enquanto estudante da educação básica, não lembrava que o apelo de alguns discentes pela presença do futebol nas aulas de EF tivesse dimensões tão avassaladoras. Ao ponto de, para que pudesse imprimir no meu trabalho um ensino marcado pela pluralidade de conteúdos, precisasse negociar com algumas turmas – em especial com estudantes homens – um tempo destinado ao “rolar a bola” no futebol. Mesmo as proposições de ensino do futebol, mas que fugissem ao jogo livre de futsal, eram rechaçadas pelos estudantes.

Tal realidade levou-me a não querer mais ensinar o futebol nas aulas de EF. Primeiro, por entender que essa prática corporal já estava muito presente no cotidiano dos alunos (fora e dentro da escola), e que deveria proporcionar a eles o ensino de outros conteúdos. Como eu observava que, ao longo de todo o horário da escola, as discussões e os desejos estavam em torno do “ir à quadra para se jogar o futebol”, acabei construindo uma barreira quanto ao ensino do tema, imaginando que os alunos já vivenciavam por demais o futebol de diferentes maneiras e que, desse modo, eu deveria, ao invés de corroborar com uma cultura monotemática, proporcionar vivências junto a outras práticas corporais. Por outro lado, recusava-me a ensinar o futebol nas aulas de EF porque entendia que, ao tratar do futebol de forma sistematizada, entraria em um embate desgastante com os estudantes, por entender que eles recusariam qualquer iniciativa nesta direção. Ou, como falado anteriormente, fariam pressão para que a aula se resumisse ao mero “rola bola”, restrito ao futsal. Sendo assim, nos meus primeiros anos de docência, optei por não trabalhar com o futebol nas minhas aulas curriculares de EF.

Com o passar do tempo essa minha recusa em ensinar o futebol na EF foi sendo colocada em questão. Após algumas leituras e discussões proporcionadas por professores, colegas e disciplinas do Mestrado Profissional em Educação Física, comecei a repensar a minha relação com o futebol, na condição de professor da disciplina de EF. A partir das reflexões possibilitadas pelo mestrado fui entendendo melhor que as práticas corporais são historicamente construídas, e como tal, se modificam ao longo do tempo e trazem consigo sentidos conforme as instituições/pessoas que as pensam, e as pensam a partir de um determinado contexto (Bracht, 1997). Assim, ficava mais claro que a escola poderia ser um *locus* de produção de novos significados sobre a prática do futebol e, por via de consequência, fora dela. Mais precisamente, ficava mais nítido que a EF poderia possibilitar aos estudantes a construção de novos sentidos sobre e para a prática do futebol.

Buscando algumas respostas sobre como tratar o futebol na escola para além do ensino do futsal ou do mero “rola bola”, encontrei na literatura algumas contribuições significativas sobre novas possibilidades de escolarização do futebol nas aulas de EF. O livro organizado por Silva, Cordeiro e Campos (2016), intitulado “O ensino do futebol: para além da bola rolando”, apresenta possibilidades de escolarização do futebol nas aulas de EF que, até então, não havia pensado. Entre elas, cito abordar: a história do futebol no Brasil e no mundo; o futebol e as relações de gênero; o futebol e o racismo estrutural; o torcer e as torcidas organizadas; as manifestações da violência no futebol; e o futebol na música e na literatura. Este livro demonstra que o futebol é uma prática cultural rica em linguagens e que incorpora sentidos e significados expressos na vida social. Por tanto, é uma prática cultural que impacta a constituição da identidade dos sujeitos, sem que estes, muitas vezes, possam perceber. A leitura deste livro permitiu-me ampliar minha compreensão sobre o futebol enquanto fenômeno social, como também, enxergar novos cenários para a didatização deste conteúdo na escola. Entretanto, mesmo reconhecendo a relevância dessas reflexões, via-me receoso em lançar-me em experiências de ensino do futebol que incorporasse tais contribuições.

Foi o artigo de Rezer (2009), citado anteriormente neste trabalho, que tornou mais claro e palpável o desenvolvimento de ações de ensino de futebol na EF escolar, que rompesse com o meu histórico de negação do tratamento deste

conteúdo na escola. Ao propor o ensino de futebóis⁴ na escola, o autor me ajudou a pensar múltiplas formas de tematização do futebol na EF. Melhor dizendo, tornou mais claro outras possibilidades de didatização deste conteúdo para além do ensino do futsal. O referido autor sugere que o futebol poderia ser segmentado em diferentes objetos de conhecimento, a ver: o futebol nas brincadeiras de bola com os pés, nos esportes institucionalizados, nos jogos eletrônicos e nos jogos de salão. Assim, compreende que a prática dos futebóis⁵ na escola pode ampliar o leque de experiências dos alunos para com o futebol, como de reflexão sobre este fenômeno social na contemporaneidade. Esta forma de tematização do futebol na EF escolar, serviu, portanto, como a referência central para pensar ações de pesquisa-ensino a serem desenvolvidas na minha dissertação de mestrado.

Tendo como pano de fundo os dilemas e desafios que venho enfrentando na escola, na relação pedagógica com o conteúdo futebol, esta dissertação tem por objeto central de pesquisa os dilemas e desafios que envolvem o ensino do futebol na EF escolar. Tendo como objetivo principal desenvolver e investigar uma unidade didática de futebol na Educação Física escolar, de forma a promover a vivência e os aprendizados com essa prática corporal. Esse objetivo central desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: a) Analisar o ensino de futebol na Educação Física Escolar e suas possibilidades; b) Compreender a presença no futebol na escola e nas aulas de Educação Física; c) Produzir uma proposição de aulas sobre o Ensino de Futebol nas aulas de Educação Física escolar; d) Verificar as formas de interação dos estudantes junto às propostas dos “Futebóis”.

Para investigar tal fenômeno, pretendo desenvolver uma proposta de aulas sobre o futebol, com alunos do ensino fundamental, com vistas a explorar e ampliar ações de escolarização do futebol, distintas daquelas que experimentei como atleta, como estudante na educação básica e dos modelos de “ensino” de futebol desejado pela maioria dos estudantes da escola de ensino fundamental onde atuo como

⁴ Segundo o autor, o termo “Futebóis” resgata o reconhecimento da diversidade, o futebol “manifesto na linguagem cotidiana como: futebol de várzea, de salão, de praia, de botão, futevôlei, totó, futsal, ‘pelada’, ‘racha’, entre outros” (Rezer, 2009, p.73). Além de colocar com uma possibilidade que permite a Educação Física escolar “tratar pedagogicamente o futebol e o futsal a partir de uma compreensão crítica que lhe confira o *status* de conhecimento da cultura corporal de movimento” (Rezer, 2009, p.72).

⁵ Importante destacar que no presente trabalho, quando a palavra futebóis aparecer sem as aspas, ele se referirá ao plural da palavra “futebol”, se remetendo a diversidade desse fenômeno e suas diferentes possibilidades de vivências. Quando a palavra futebóis aparecer entre aspas – “futebóis”, será referenciado a proposta das tematizações de Rezer (2009).

professor. Pretendo me aventurar em meio aos desafios do ensino dos “futebóis” e, com meus alunos, construir novos sentidos em relação à prática do futebol dentro e fora da escola.

Para o desenvolvimento da pesquisa, serão mobilizados princípios teóricos e recursos metodológicos da pesquisa qualitativa, na medida em que pretendemos investigar um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, ou seja, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos sociais que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001). Nesta perspectiva, nos interessa analisar os sentidos e significados impressos em um projeto de ensino de futebol, que visa ampliar a minha relação como professor e dos jovens do ensino fundamental com a modalidade.

Dentro do universo da abordagem qualitativa, nossa pesquisa é entendida como uma pesquisa-ensino. Isso porque é realizada durante e junto do ato docente pelo responsável pela docência. Objetivando, com isso, vivenciar condutas investigativas na prática do ensino, levando a um processo criativo do saber docente (Penteado, 2010). Nessa concepção de pesquisa, desenvolvemos uma proposta de aulas com estudantes do 7º ano do ensino fundamental, buscando junto aos mesmos, entender, construir e ressignificar o conceito e a prática do futebol fora e dentro da escola.

2 O FUTEBOL COMO FENÔMENO SOCIAL E OBJETO DA ESCOLARIZAÇÃO

Como uma escolha teórica, optamos por compreender mais profundamente o futebol como fenômeno social, buscando analisar as formas de conformação histórica e cultural desta prática corporal no Brasil e no mundo. Com isso, propusemos problematizar as raízes históricas e culturais do futebol, bem como seu enraizamento na cultura brasileira, sua expansão, popularização e transformação em um fenômeno social que consegue mobilizar milhões de pessoas, recursos econômicos e diferentes instituições. Essa discussão nos pareceu importante, porque nos ajuda a entender o peso da presença do futebol na cultura escolar, nos currículos e nas práticas pedagógicas em EF na escola.

Sendo assim, nesta primeira parte do capítulo, apresentaremos um breve histórico sobre o “surgimento” do futebol, do seu enraizamento na cultura brasileira e a sua popularização e transformação em um fenômeno de massas. Posteriormente, trataremos dos processos de escolarização do futebol e dos desafios e possibilidades do ensino do futebol como conteúdo da EF. Na sequência, apresentaremos um breve levantamento bibliográfico da produção teórica sobre o ensino do futebol dentro do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - Proef (dissertações de mestrado) no intuito de apontar recorrências/lacunas na produção teórica sobre o ensino do futebol na escola e melhor situar nosso estudo no conjunto dessas produções. Por fim, discorreremos sobre os procedimentos metodológicos utilizados para a construção de dados empíricos em nossa pesquisa, com descrição e justificativa do método, dos procedimentos de investigação, do *locus* do estudo, dos sujeitos participantes, dos procedimentos de análise e dos cuidados éticos.

2.1 O surgimento do Futebol: um breve histórico

As práticas que utilizam de objetos com formato de bola, para se realizar algum tipo de jogo, existem na história da humanidade desde seus primórdios. Ao redor do mundo, nas mais diferentes culturas, eram realizados jogos utilizando a bola, desde os povos americanos, maias, chilenos, canadenses, aos europeus, gregos, italianos, franceses, ingleses e aos povos orientais, japoneses e chineses. Sendo praticados com características e sentidos próprios conforme os povos e o

contexto onde eles eram realizados. Diversões, comemorações, festejos, espetáculos, questões espirituais religiosas, como forma de treinamento militar e até mesmo como resolução de conflitos. Scaglia (1999), cita um exemplo bem peculiar dos povos maias, no norte de Honduras, onde, em um jogo chamado Copan, o perdedor era decapitado, em um sentido religioso de oferenda aos deuses.

Esses e outros jogos, que fazem ou faziam uso de uma bola, influenciaram os modos como se pratica os futebolis como conhecemos hoje. Segundo Scaglia (2003), o surgimento do futebol se deu por um processo de construção cultural, onde através da evolução de práticas corporais, surgem outras novas práticas. Em outras palavras, não foi do nada que pessoas se reuniram, criaram regras e inventaram o futebol. Ele surgiu mediante influências culturais realizadas sobre outras práticas que já existiam, que faziam uso do implemento da bola. Para o autor, foi uma ideia de evolução de jogos e brincadeiras construídos em meio a uma cultura do divertimento, da alegria. Cabe acrescentar que tais foram construídos em meio a diferentes propósitos segundo a cultura em que os jogos eram praticados, não somente a uma ideia de divertimento, como citado anteriormente. O futebol inclusive, como destaca o próprio autor, foi um produto cultural de transformações e evoluções, para se tornar também um processo em que, através dele, surgem outras práticas, outros jogos e brincadeiras utilizando a bola no pé.

Numa outra direção, Soutto Mayor e Souza Neto (2016), apontam que há uma linha de continuidade dessas práticas existentes e, desse modo, acreditam que a origem do futebol se deu há bastante tempo, até mesmo antes do cristianismo. Porém, os próprios autores também destacam que há outra linha que acredita que o esporte futebol, como conhecemos hoje, está diretamente ligado às transformações políticas, econômicas e sociais relacionadas à revolução industrial na Inglaterra. Então, por mais que existam características similares entre aqueles jogos antigos que se utilizam dos pés e bola e as práticas de futebol verificadas na cultura contemporânea, foi na Inglaterra que esta prática corporal incorporou características mais institucionalizadas e regulamentadas. Desta forma, os esportes, entre eles o futebol, se “emanciparam” em relação aos jogos e brincadeiras, quando foram organizados de maneira mais complexa com regras rígidas e menos relacionado à ideia do êxtase das conquistas que o próprio jogo em si proporciona, se direcionando a uma ideia maior de *performance* (Scaglia, 2003).

As transformações da sociedade capitalista, com as novas maneiras de

produção, os processos de acumulação por parte das elites, a nova organização dos tempos de trabalhos e tempos livres, segundo Soutto Mayor e Souza Neto (2016), levaram, conseqüentemente, à transformação dos jogos e brincadeiras. Uma lógica de otimização e produtividade nas fábricas que atingia todas as esferas sociais, fazem do esporte um importante aliado para uma educação de massas, atuando na educação do corpo (do comportamento), com seus efeitos morais, sanitários disciplinares, buscando a formação de um novo homem, afeito à necessidade do progresso imposto pela sociedade industrial.

Os jogos com bola, precursores do futebol, surgiam nas escolas como uma ideia de práticas e atividades físicas que trariam o ensinamento da liderança, da lealdade, da autoconfiança, da formação de caráter e da disciplina aos filhos da elite. Visto que, nas escolas e na sociedade, devido à ociosidade, esses começaram a apresentar problemas de comportamento e violência. Nesse sentido, ocupar o tempo livre com as práticas de jogos poderia ser uma interessante saída. Thomas Arnold, diretor de uma escola da cidade de Rugby, é tido como um personagem central nesse processo (Scaglia, 1999; 2003).

A partir da introdução dos jogos nas diferentes escolas, do crescimento da prática realizada por um número cada vez maior de pessoas, surgiu a necessidade de se normatizar/unificar as regras, os espaços, os equipamentos e os tempos para que se pudesse realizá-los entre grupos de pessoas de locais diferentes. Para a normatização do futebol, se tem como um importante marco, uma reunião em uma Taberna em Londres, na Inglaterra, ocorrida em 26 de outubro de 1863, onde clubes e escolas se reuniram para consolidação e aceitação de um conjunto de regras. Ali surgia a primeira associação de futebol do mundo, a *The Football Association*. Os únicos que não concordaram com as regras foram os representantes da universidade de Rugby e, por isso, futuramente, criaram o esporte *Rugby* (Scaglia, 2003).

2.2 O Futebol no Brasil e sua popularização

No Brasil, a origem do futebol aparece quase sempre articulada com a história de um garoto nascido em São Paulo, Charles Miller. Filho da elite brasileira, estudou em escolas na Inglaterra, tendo nelas acesso a diferentes tipos de práticas esportivas, dentre elas o futebol. Ao retornar ao Brasil, em sua juventude, trouxe

consigo equipamentos e um livro de regras para a prática do esporte. A partir desse retorno, o jovem então começa a organizar partidas, fundar clubes e difundir a prática futebolística pela capital de São Paulo. Em outras capitais brasileiras existiram outros sujeitos que tiveram papel fundamental na difusão desse esporte pelo país, como Oscar Cox, no Rio de Janeiro, Zuza Ferreira, na Bahia, Victor Serpa, em Belo Horizonte (Soutto Mayor; Souza Neto, 2016). Segundo esses autores, um propósito presente por trás dessa nomeação de fundadores do futebol no Brasil, uma prática tão popular no país, é a ideia dos “mitos fundadores”. Nomenclatura utilizada para destacar nomes tidos como os responsáveis por perpetuar os registros sobre determinado tema ao longo da história. Isso diz muito sobre a perspectiva identitária que os sujeitos de determinado contexto querem transmitir.

Como no caso do futebol brasileiro, um jovem homem, branco, da elite brasileira, inteligente, estudioso, que retorna dos países europeus de primeiro mundo para fundar o esporte mais praticado no país. Claro, como destacam os autores, que não se pode tirar o crédito de Charles Miller, Oscar Cox, Zuza Ferreira, Victor Serpa e de tantos outros “fundadores” do futebol pelo Brasil, do seu importante papel na divulgação e organização do esporte no país, mas é importante lembrar que, em um país com dimensões continentais, deve-se investigar outras versões que destaquem o papel de outros sujeitos e instituições que atuaram na disseminação dessa prática corporal, não se limitando, tão apenas, à ideia dos “mitos fundadores”.

De forma a exemplificar essa possível amplitude de participação de distintos sujeitos no processo de popularização do futebol na realidade brasileira, Scaglia (2003) faz um esforço para questionar a ideia do futebol surgindo por meio de uma pessoa específica, buscando ver as entrelinhas dessa história. O autor cita três prováveis versões de chegada do futebol ao Brasil, todas elas fugindo da ideia de determinar um único sujeito como o responsável.

Na primeira versão, antes de Charles Miller retornar ao Brasil, os marinheiros ingleses já praticavam o futebol nos litorais brasileiros em seus momentos de folgas. Na segunda, operários, também ingleses, que vinham trabalhar em empresas inglesas, na cidade de São Paulo e na Capital Rio de Janeiro, organizavam os jogos de futebol e convidavam colegas brasileiros para completar e jogar contra nas partidas. Por fim, uma terceira versão, indica que o futebol chegou ao Brasil através

de padres e professores jesuítas nas escolas católicas. Escolas essas que, com linhas pedagógicas que se espelhavam nas escolas europeias, buscavam introduzir em seus programas atividades esportivas (Melo, 2000).

Essas versões, segundo Scaglia (2003), são muito questionadas em relação ao formato de sua prática, se ali aconteceu realmente o futebol, criado na Inglaterra, com os equipamentos e regras próprias, e não apenas jogos com a bola parecidos com o que já existiam outrora, os jogos pré-futebol. O autor dá destaque a esses questionamentos, relatando que se o futebol é apenas uma prática delimitada pelas regras oficiais, então muito do futebol que se é comentando no país, não existe, uma vez que são práticas adaptadas conforme o contexto, às vezes com menos jogadores, ou em terrenos não apropriados, espaços menores, sem os árbitros etc.

O futebol “oficial” que chegou ao Brasil tinha em suas características básicas o esporte amador, ou o amadorismo, tornando-o uma prática com um viés elitista, que proporcionava certo *status* na sociedade aos praticantes. Valorizava a ideia do desinteresse, de uma prática realizada nos tempos livres, que formava o caráter de futuros líderes e que tinha, intrinsecamente, a vontade de vencer relacionada no respeito estrito às regras, o *fair play*, ao contrário de vencer a qualquer custo (Bourdieu, 1983). Nesse sentido, era muito valorizada a utilização de termos em inglês e a utilização dos equipamentos específicos pelos participantes. Deixando explícito quem poderia praticar o futebol, a elite. Um exemplo, é a fundação da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), criada por clubes da capital Rio de Janeiro em 1917, onde se deixa claro em seu estatuto que para a prática do futebol se deveria ser amador (não receber nenhuma gratificação), ser sócio do clube ao qual se joga, exercer profissão honesta, saber ler e escrever (Moraes, 2009). Em uma perspectiva eurocentrista, o futebol brasileiro reproduzia o racismo e o elitismo, presentes na sociedade.

Com o crescimento dos clubes, no final do século XIX, se criava uma barreira entre os associados e o restante da população, com uma lógica muito mais de *status* social, de superioridade, do que em uma lógica comercial e econômica. Jogadores negros e trabalhadores de classes sociais menos privilegiadas tinham poucas oportunidades, contando com algumas exceções, como o time do Bangu, na capital Rio de Janeiro, que não tinha tanta rigidez no tecido social da sua composição. Desta forma, os registros indicam que foi o primeiro time a escalar um atleta negro,

em 1905, um dos primeiros times campeões escalando negros em 1911, no campeonato carioca da segunda divisão (Pereira; Azevedo, 2021).

Buscando evidenciar o racismo presente no início do futebol brasileiro, vale a citação de alguns acontecimentos que ocorreram no futebol da capital do país. Soihet (2010) e Silva (2021), dão destaque para o fato de que os times tradicionais formados pela elite carioca (como o *Football and Athletic*, o Fluminense, o Botafogo, o América, o Bangu) ao observarem o crescimento do futebol na sociedade e buscando criar uma ideia de distinção, criaram, em 1905, a Liga Metropolitana de Futebol, e assim, além de proporem as regras, decidiam quais clubes poderiam jogar. Para além de manter princípios futebolísticos britânicos, se tinha uma ideia de não reconhecimento de clubes menores, além de uma segregação racial, se afirmando, em uma publicação da Liga no Jornal da Gazeta Esportiva, que “as pessoas de cor” não poderiam ser registradas como amadores. Como consequência, houve o desligamento de alguns times, dando destaque ao, anteriormente citado, time do Bangu, que por possuir muitos trabalhadores e negros, decidiu se desligar ao não corroborar com os princípios da liga.

Com o passar dos anos, e os clubes de menor expressão - que eram rejeitados pela liga carioca e eram compostos de jogadores de baixa renda e negros - começando a se destacar, foi se abrindo mais espaços, fazendo com que se adentassem na liga e tivessem a oportunidade de disputar as divisões inferiores. Um fato que se destaca nesse contexto foi que, em 1916, um time tradicional da elite, o Rio *Cricket*, foi rebaixado a uma divisão inferior e um time formado por operários e negros, o Andaraí, teve acesso à primeira divisão, passando a disputar junto a outros times de prestígio na sociedade.

Com o crescimento do futebol, os embates classistas e étnicos tomavam novas formas. Hora com a elite buscando se organizar para que os operários e os negros não jogassem (como o já citado estatuto de fundação da LMDT, em 1917, em que se reforçava a ideia do amadorismo), hora com os jogadores negros tendo destaque e levantando o debate sobre a sua presença no futebol. Um exemplo é o jogador mulato, Arthur Friedenreich, que fez um gol no campeonato sul-americano de seleções, em 1919, voltando as discussões sobre a presença de jogadores negros e de baixa renda no futebol. Nesse processo vale lembrar também do famoso time do Vasco da Gama, de 1923, campeão carioca com jogadores negros e de diferentes classes, tendo ainda o artilheiro da competição, o jogador negro Cecy.

Cabe destacar que o Vasco, desde 1917, já tinha uma tradição de recrutar jogadores pelo seu futebol, independente da classe social ou cor (Soihet, 2010).

O futebol no Brasil, apesar de ser organizado para ser praticado por classes da elite, acabou chegando à população. Scaglia (2003) diz sobre a popularização das práticas futebolísticas junto às crianças em suas brincadeiras de rua, onde elas buscavam imitar, se espelhar, nos adultos para construir suas próprias práticas e modos de se divertir. Witter (2003), cita também os empresários cariocas e paulistas que fizeram campos nas propriedades e nas proximidades para atrair e manter os operários em suas empresas. Por mais que tentassem manter o futebol em um viés elitista, não conseguiam, tamanha a sua popularidade. Melo (2000), falando de possíveis fatos que tornaram o futebol popular no país, comenta o fato do futebol ter nascido na várzea, às margens do rio Tietê, em São Paulo, dando a possibilidade de várias pessoas, que não eram ligadas à elite, assistirem às partidas. Além da facilidade para se praticar o futebol, necessitando de pouca materialidade, podendo se utilizar distintos equipamentos (paus para construção das traves) diferentes terrenos planos e o improvisado na produção de bolas.

Com o decorrer do tempo, com o futebol sendo cada vez mais popularizado, com muitas pessoas, de diferentes classes, praticando o jogo, os próprios clubes passaram a, na prática, visando o sucesso e a lucratividade com os jogos realizados, buscar jogadores que eram tidos como talentosos no futebol, independentemente de suas posições sociais e étnicas. Digo na prática, porque, na teoria, ainda se valorizava a ideia do futebol amador, desinteressado, sem um retorno financeiro aos praticantes. Nesse contexto, eram realizados “arranjos” para que bons jogadores, que não eram de classe social abastada, analfabetos ou mesmo sem empregos formais/aqueles considerados como atividades subalternas, fossem contratados. Moraes (2009) dá alguns exemplos desses “arranjos”, citando os analfabetos bons de bola, que eram ensinados pelos clubes a assinarem, ao menos o nome, para poderem jogar e, ainda, aqueles bons jogadores em que os sócios dos clubes davam um emprego formal para que pudessem jogar pelo seu clube - no trabalho eles eram liberados de atividades mais pesadas, saíam mais cedo, para poderem se dedicar ao futebol. Esses jogadores, que não eram da elite, buscavam no futebol uma ascensão social e os boatos eram de que muitos recebiam remunerações e gratificações, desde dinheiro a animais (por isso o nome

popular “bicho”, no futebol), contrariando qualquer princípio do amadorismo. Cenário que ficou conhecido como “amadorismo marrom” (Gomes, 2016b).

Esse cenário do futebol que estava sendo escrito no Brasil, contribuiu para que o profissionalismo ganhasse força e o amadorismo se enfraquecesse. A lógica profissional já estava sendo inserida pelos clubes, a qual queria proporcionar um maior rendimento aos times. Nesse contexto, Gomes (2016a), cita duas hipóteses para a profissionalização do futebol brasileiro. A primeira delas seria as transferências de jogadores a outras ligas no exterior que eram profissionalizadas, onde poderiam ali se ter um emprego formalizado junto à prática do futebol. A segunda hipótese, e a que o autor considera como mais provável, foi às disputas políticas ocorridas na época em torno do futebol. Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, em 1930, alguns grupos acenderam e ocorreram trocas nas lideranças das entidades responsáveis pelo futebol brasileiro. Surgindo, a partir dessas disputas, a primeira liga profissional do Rio de Janeiro (capital brasileira na época), a Liga Carioca de *Football* (LCF), em 1933. Com o surgimento da liga carioca, outras ligas e federações pelo Brasil começaram a apoiar o profissionalismo. Profissionalismo esse, que em uma lógica comercial e espetacularizada, tornou o futebol ainda mais popular no país, possibilitando tanto uma maior participação de atletas quanto um maior acesso ao público e, conseqüente, maior número de adeptos à prática.

Outro importante fator para a disseminação do futebol no Brasil, foi à participação de intelectuais, da imprensa escrita, das rádios e até do próprio estado na era Vargas que, com a popularização do futebol, o fez um símbolo de identidade nacional, em um projeto nacionalista de governo. A Copa do Mundo, de 1938, foi um marco no quesito de instrumentalização política do futebol. Vargas apoiou financeiramente a seleção brasileira de futebol, os recebeu antes do embarque e até colocou sua filha como madrinha da mesma (Souza, 2008 *apud* Gomes, 2016b). Nunca se havia dado tanto destaque para uma competição esportiva mundial. Foi nessa copa do mundo que os jogadores negros, Leônidas da Silva e Domingos da Guia, ganharam destaque, contribuindo ainda mais para a construção da identidade do país como uma nação miscigenada, dentro de uma ideia de “democracia racial” que o governo queria difundir pelo Brasil (Gomes, 2016b).

Até aqui, foi dado o destaque para algumas questões históricas que podem justificar a popularidade e a presença maciça do futebol no país atualmente. Porém,

alguns autores irão destacar, sem negar outros fatores históricos, uma condição sociocultural do povo brasileiro que permitiu adaptar melhor a prática futebolística, gerando conseqüentemente uma maior adesão à prática. Daolio (1989) cita quatro aspectos que permitiram uma melhor adaptação. A busca pela igualdade que o futebol proporciona junto a sua organização de regras, espaços, tempos - algo que, na vida cotidiana, no trabalho, lazer, da massa torcedora, não existe. Uma possível facilidade histórica e cultural com o pé para a prática do futebol, devido a uma mistura das raças negra, indígena e branca - citando exemplos de outras práticas populares com o pé no país, como o samba, a capoeira e danças e rituais indígenas. A importância do drible, do ato de esperteza para enganar o defensor, presentes no futebol - sendo comparada à questão da malandragem, do gingado, do jeito maroto para poder sobreviver. E, por fim, o autor cita a livre expressão individual como outro aspecto que fortaleceu a adaptação brasileira - apesar de ser coletivo, o futebol permite, e até incentiva, jogadas individuais e de criatividade.

Importante, dentro do breve histórico do futebol brasileiro, destacar a presença feminina no futebol do país. No início do século XX, junto dos esportes em geral, o futebol passou por diferentes entendimentos sobre a presença da mulher no seu meio, surgindo entendimentos diversos. Ao mesmo tempo em que se valorizava a exercitação física para uma boa maternidade, dizia que não eram quaisquer atividades que lhes eram recomendadas, inclusive o futebol, considerado violento. As famílias da elite temiam uma desmoralização feminina devido à grande exposição e espetacularização dos corpos nos esportes. Ademais, tinha-se uma ambiguidade, onde algumas práticas que impulsionavam a modernização da mulher e uma autoafirmação dentro da sociedade como o cuidado e com a aparência, uma maior exposição do corpo, a utilização de recursos estéticos e a própria prática de esportes, era tida como de natureza vulgar que aproximava da desonra e da prostituição. Além de um temor implícito do sucesso esportivo das mulheres e conseqüente demonstração de força, poderia fazer com a teoria de uma superioridade natural masculina baseada nas diferenças físicas, fosse refutada (Goellner, 2005).

Desta forma, foram criadas, ao longo da história, regras que dificultariam a participação feminina no futebol, como a elaboração do Decreto Lei n.º 3.199/1930, pelo estado novo - governo de Getúlio Vargas, que criou o Conselho Nacional dos Desportos, onde se trazia orientações contrárias a participação feminina em

desportos “incompatíveis a sua natureza”. Sendo esse decreto regulamentado, em 1965, com mais especificidades, proibindo a prática feminina das lutas, do futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, halterofilismo e *baseball*. O decreto foi revogado somente em 1979, contribuindo de maneira significativa para o surgimento de times femininos na década de 80 (Morel; Salles, 2005).

Interessante observar, que mesmo com o discurso oficial e todas as dificuldades sociais presentes para a não participação feminina no futebol, aconteceram jogos futebolísticos femininos, como, em 1921, um jogo realizado na cidade de São Paulo, “no Tremembé F. C. entre senhoritas Tremembeenses contra senhoritas Cantareirenses” (Morel; Salles, 2005, p.262). Além de existir já na década de 30 do século XX, crônicas em jornais se referindo à prática do futebol feminino (Goellner, 2005). Entretanto, um destaque que a autora apresenta, é que a maior participação feminina, na prática do futebol, gerou diferentes apropriações. Ao mesmo tempo que havia uma ideia de empoderamento, com as mulheres fazendo valer seus desejos e enfrentando um espaço extremamente masculino, acontecia, por outro lado, uma apropriação do mundo futebolístico sobre o universo feminino, ocorrendo uma erotização dos corpos. Seguindo uma ideia de espetacularização, dando destaque a características dos corpos femininos e colocando a prática futebolística em segundo plano, valorizando marcas no corpo que o torna desejável. Um exemplo que ganhou destaque na imprensa, como podemos observar em uma matéria da Folha de São Paulo de Eduardo Arruda⁶, foi o Campeonato Paulista Feminino, de 2001, onde as atletas precisavam cumprir condições estéticas para poder participar. No projeto do campeonato o embelezamento das atletas era primordial para o sucesso do mesmo. A reportagem traz um trecho do projeto em que um dos objetivos era “Desenvolver ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino” (Arruda, 2001, s/p).

Este breve destaque à presença do futebol feminino no Brasil é importante para observarmos como a inserção das mulheres foi um processo complicado, incrustado de preconceitos e estereótipos próprios de uma sociedade machista. Mais recentemente, o cenário tem se modificado. O futebol feminino tem ganhado maior destaque, maiores repercussões na sociedade, mais campeonatos, maior

⁶ ARRUDA, Eduardo. FPF institui jogadora-objeto no Paulista. Folha de São Paulo, São Paulo, domingo, 16 de setembro de 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1609200119.htm>. Acesso em 12 de julho de 2024.

espaço na mídia e, até mesmo, com uma jogadora eleita seis vezes a melhor do mundo no esporte, a jogadora Marta. Apesar dos avanços, podemos observar no dia a dia muitos comentários pejorativos, preconceituosos, comparativos com o futebol masculino de maneira a desvalorizar as mulheres e os próprios patrocinadores investindo muito mais nos homens do que no futebol feminino. Dadas as circunstâncias, o intuito, no presente trabalho, foi de conscientizarmos de como vivemos em uma sociedade que ainda desvaloriza muito as mulheres e, sem dar as mesmas oportunidades e condições, ainda as compara, de maneira extremamente cruel, com os homens.

A origem do futebol, sua inserção e popularização no país, as questões sociais e identitárias que o atravessaram, são bases teóricas importantes para entender um pouco do fenômeno que se tornou o futebol no Brasil. Consequentemente, essas leituras contribuíram para um melhor entendimento do fenômeno nos dias atuais e dos vários temas que o atravessam, sendo significativo para o objetivo do presente trabalho em sua perspectiva de ampliação de possibilidades junto ao tema do futebol na escola. Ajudando também a observar alguns fatos que originaram a presença maciça do fenômeno na sociedade e grande parte do arcabouço que ele traz consigo, tanto em uma perspectiva de popularidade e vivências, como em questões de preconceitos e desigualdades.

2.3 O Futebol presente na Escola e na Educação Física escolar

Após um breve histórico da chegada e popularização do futebol ao Brasil, daremos destaque à sua provável entrada no ambiente escolar, à sua presença até os dias de hoje nos diferentes momentos e espaços escolares e às dificuldades e possibilidades do seu ensino como prática corporal no currículo da EF. Cabe reiterar nossa escolha teórica de introduzir discussões sobre os aspectos histórico-culturais do surgimento e popularização do futebol no Brasil e no mundo, de forma a melhor elucidar como esse fenômeno manifesta-se de forma tão presente e impactante na cultura escolar em geral, e na EF em específico.

É importante, antes de adentrar ao mundo futebolístico no ambiente escolar, destacar o entendimento de EF que o presente trabalho compartilha, por reconhecer que, dentro do campo de estudos da área, ao longo de sua história, produziram-se diferentes concepções de EF, ancoradas em matrizes epistemológicas distintas (da

psicologia comportamental, da biologia e das ciências humanas). Assim, em cada uma dessas concepções têm-se distintas leituras sobre a função e o papel da EF escolar e de seu objeto de ensino.

Para a abordagem desenvolvimentista, sustentada na psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, a ideia central é oferecer à criança – a proposta limita-se a oferecer fundamentos para a EF nas primeiras quatro séries do primeiro grau – oportunidades de experiências de movimento, de modo a garantir o seu desenvolvimento normal, portanto, de modo a atender essa criança em suas necessidades de movimento. De forma distinta, a perspectiva biologicista, sustentada na renovação do paradigma da aptidão física, apregoa a ideia da promoção da saúde, considerando os avanços do conhecimento biológico acerca das repercussões da atividade física sobre a saúde dos indivíduos e as novas condições urbanas de vida que levam ao sedentarismo. Estas duas teorias pedagógicas têm em comum o fato de não se vincularem a uma teoria crítica da educação. Esta teoria crítica aborda, como categoria central, o questionamento do papel da educação na sociedade capitalista (Bracht, 1999).

Em outro polo de concepções produzidas no campo da EF, desenvolveram-se proposições pedagógicas articuladas aos aportes teóricos do campo das Ciências Humanas (filosofia, história, antropologia e sociologia). Denominada de teorias progressistas da EF (pedagogia crítico-superadora e crítico-emancipatória), as formas culturais dominantes do movimentar-se humano reproduzem os valores e princípios da sociedade capitalista industrial moderna, sendo o esporte de rendimento paradigmático nesse caso. Para estas teorias, reproduzir os esportes na escola, por meio da EF, significaria colaborar com a reprodução social como um todo. A linguagem corporal dominante é “ventríloqua” dos interesses dominantes. Assim, tais propostas sugerem procedimentos didático-pedagógicos que possibilitem, ao se tematizar as formas culturais do movimentar-se humano (os temas da cultura corporal ou de movimento), propiciar um esclarecimento crítico a seu respeito, desvelando suas vinculações com os elementos da ordem vigente e desenvolvendo, concomitantemente, as competências para tal: a lógica dialética para a crítico-superadora, e o agir comunicativo para a crítico-emancipatória. Neste contexto, conscientes ou dotados de consciência crítica, os sujeitos poderão agir autônoma e criticamente na esfera da cultura corporal (ou de movimento) e também agir de forma transformadora como cidadãos políticos (Bracht, 1999).

Tendo esse debate em perspectiva, situo-me teoricamente no campo das teorias críticas da EF, ao compreender que a escola seleciona e pedagogiza conhecimentos que não são neutros ou (a)históricos. O currículo escolar, e a EF em específico, trata de conhecimentos construídos historicamente pelos seres humanos que se expressam nos jogos, nas danças, nas lutas, nos exercícios ginásticos, nos esportes, no circo, dentre outros (Soares *et al.*, 1992). Nesse ínterim, o futebol é uma prática corporal que traz as marcas da história humana, portanto, nele expressam-se representações e estruturas sociais diversas (mercado, estado, mídia, economia, raça, gênero, classe) que podem influenciar, de forma decisiva, o seu ensino na EF ou fora dela.

Retomando a discussão sobre os processos de escolarização do futebol, torna-se improvável pensar que uma prática tão popular não chegaria à escola de uma forma ou de outra. Sobre isso, Vago (1996a) problematiza as formas múltiplas de entrada das práticas populares no interior do ambiente escolar. O autor, citando a cidade de Belo Horizonte, retrata uma possível escolarização de práticas corporais lúdicas, através de documentos recolhidos e analisados por Faria Filho (1995)⁷, relatórios de inspetores, cartas de Diretoras de Grupos escolares, entre outros. Em um desses documentos, Vago destaca a fala de uma Diretora do 1º grupo escolar de Belo Horizonte, onde é possível perceber que os alunos se apropriaram dos pátios escolares para realizar suas práticas lúdicas do cotidiano, entre elas o futebol (relembrando que o futebol no Brasil se popularizou nas camadas mais pobres através dos jogos em diferentes terrenos, com diferentes materiais adaptados, através de brincadeiras lúdicas). Não era algo que a escola propunha e nem que era autorizado, mas algo que os alunos traziam do seu dia a dia para se apropriar, a seu modo, do espaço escolar. Mesmo que os dirigentes escolares tentassem impedir ou achassem ruim a presença do futebol, as crianças conseguiram trazer junto de seu cotidiano a prática que se popularizava Brasil afora.

Ainda, segundo uma pesquisa realizada por Vago (2002), a legislação do ensino primário mineira, em 1906, trazia em seu programa de exercícios físicos as brincadeiras, em um contexto em que ainda predominava o ensino da ginástica. Os achados do autor demonstraram que a escola, que se buscava firmar naquela

⁷ Vago(1996) cita o trabalho de Faria Filho (1995) afirmando que o mesmo era uma “tese de doutorado em elaboração”. A tese foi finalizada no ano de 1996. Desse modo, no presente trabalho, colocamos em nossas referências a tese de Faria Filho de 1996.

época, acabou se curvando e incorporando às práticas escolares as práticas culturais externas a ela. Desta forma, a presença do futebol nos pátios de escolas belo-horizontinas e a legislação mineira trazendo as brincadeiras em meio à predominância da ginástica, podem ter representado a entrada do futebol no ambiente escolar. Uma prática lúdica, que fazia parte da cultura popular brasileira e, conseqüentemente, das brincadeiras cotidianas dos alunos, se adentra à escola e, com o passar dos anos, junto à Educação Física, e vai se tornando parte do currículo. Esse movimento acompanhou todo um processo de transformação pela qual a EF passou no século XX, ganhando um grande destaque no fenômeno de esportivização da área (que terá um melhor detalhamento nas próximas páginas).

Com o passar dos anos, o futebol tornou-se o esporte mais praticado no mundo e no Brasil, marcando, conseqüentemente, forte presença nas escolas públicas e privadas, sejam na forma mais formalizada (aulas de EF, escolinhas e equipes esportivas, torneios etc.), seja praticado de maneira mais informal, nos interstícios da vida escolar (recreios, corredores entrada e saída dos estudantes nas escolas), ou ainda, nos comentários sobre jogos de times profissionais transmitidos na televisão no dia anterior ou dos próprios times amadores do bairro. Nestes tempos e espaços da vida escolar, o futebol é praticado e reinventado, dada as condições materiais existentes (espaços múltiplos, “bolas” de tipos diversos – tampinhas, garrafas e latas), as características dos sujeitos, as experiências pregressas com essa prática corporal e seus interesses e demandas (Silva, 2004). Assim como na vida social, o futebol encontra brechas para se fazer presente em diferentes tempos e espaços escolares, mesmo quando não há uma organização e sistematização mais formalizada.

O futebol no ambiente escolar está situado entre as culturas, estabelecendo relações com outros locais em que o ser humano produz cultura, como as ruas, praças e estádios. Essas relações não são de reprodução, nem tampouco de oposição, mas uma relação de tensão permanente (Vago, 2009). Porém, quando se observa os tempos escolares em que os alunos estão em situação de maior liberdade, sem orientação direta de professores, como nos horários de recreio e em horários vagos, por exemplo, parece haver uma relação, muitas vezes, de reprodução ou reinvenção de práticas de futebol experimentadas nas práticas culturais extraescolares. Fato que pode acarretar, no caso do futebol, a reprodução de processos de exclusão, como, por exemplo, maior participação de estudantes

homens, dos alunos habilidosos e de alunos que, por serem maiores e mais velhos, “dominam” os tempos e espaços da vivência do futebol nas escolas. Sobre isso, Faria (2014), observa que a aprendizagem do futebol no cotidiano, para além das técnicas, engloba as formas de agir e as maneiras de movimentar o corpo, que acabam trazendo aspectos implícitos referentes a dimensões identitárias, a significações, a emoções, a valores.

Ao longo da minha experiência como estudante e como professor em formação na Universidade, pude perceber que, também nas aulas de EF, tais práticas de exclusão ocorrem, porque na maioria das vezes a vivência do futebol é desprovida de sistematização, tornando-se, desta forma, uma mera reprodução do esporte institucionalizado (de forma hegemônica, o futsal) ou mesmo um mero fazer pelo fazer, desprovido de um esforço de reflexão e organização didática sistemática. Neste contexto, parece ser corrente que o futebol, nas aulas de EF, resume-se à mera reprodução do que os alunos já vivenciam em seu cotidiano fora da escola, mesmo com uma aparente formalização, com regras, tempos/espacos definidos a priori e tendo um professor dirigindo ações de ensino de futebol (Faria, 2014).

Um fenômeno muito presente nas aulas de EF tem sido chamado de “não aula”, onde o professor não busca pretensões com sua prática, não tem intencionalidades pedagógicas e/ou se abdica de uma sistematização do conteúdo em aulas organizadas. Assim, a preocupação maior é em entregar os materiais para que os alunos se ocupem com qualquer atividade ou mesmo para que descansem dos momentos tediosos das outras disciplinas dentro de sala de aula. São professores, em geral, em estado de desinvestimento pedagógico, também conhecidos popularmente como professores “rola bola” (Machado *et al.*, 2010; González, 2019). Tal situação de abandono, muitas vezes, se confunde com o que seria o “ensino” de futebol na escola.

Esse é um fenômeno gerado por diferentes questões que não serão debatidas no detalhe nesta dissertação, mas que acabam por criar dificuldades extras ao ensino mais sistemático do futebol na escola, sobretudo na EF. Isso porque, se constrói um entendimento das aulas de EF – tanto pela direção, como pelos professores das demais disciplinas e pelos próprios alunos – que seria o mesmo que jogar futebol espontaneamente, pouco se diferenciado das formas como os estudantes se apropriam desta prática corporal no recreio ou demais momentos de ocupação dos tempos e espaços escolares. Alimenta-se a ideia, portanto, de que

não é necessário didatizar o futebol, que os alunos não teriam nada mais a aprender do que aquilo que eles já sabem sobre o futebol (regras, algumas técnicas) e/ou que os estudantes já conhecem o futebol. Diferentemente dessa leitura, ao nosso ver equivocada, entendemos ser necessário investir em ações de ensino e aprendizagem do futebol na escola, de forma que o mesmo seja enriquecido, ampliado, criticado, ressignificado, pelos professores de EF e pelos estudantes da educação básica.

O esforço de sistematização desse conhecimento na EF escolar é marcado por desafios e dilemas que a nosso ver, apresentam elementos que são muito singulares. O fato de o futebol ser a prática corporal mais popular no Brasil, faz com que o seu processo de escolarização seja tensionado pelo conhecimento que os estudantes têm sobre o tema – seja no plano do saber fazer corporal, seja no plano do fazer sobre esse fazer corporal. Essa imersão profunda e longa com esse elemento da cultura (futebol) interroga a autoridade docente e a EF escolar. Haveria um encontro entre sujeitos com autoridade no assunto. Afinal, o que a EF poderia oferecer de conhecimento para além do que os estudantes já sabem sobre o futebol? Há aqui, portanto, uma relação de tensão permanente, como lembra Vago (2009). No caso do futebol, parece haver uma exacerbação dessa, fato que criaria dificuldades extras aos professores que tentam sistematizá-lo e torná-lo um conteúdo de ensino.

Faria (2014), comentando sobre a presença do futebol na escola, afirma que a sua aprendizagem não se dá, na maioria das vezes, a partir de relações formais de ensino - assim como em outros conhecimentos. As estruturas de participação do futebol na vida cotidiana permitem uma enorme aprendizagem dessa prática social difundida na sociedade. Ou seja, a aprendizagem do futebol independe dos processos de ensino escolares. Sendo observável no simples fato de alunos do sexo masculinos desenvolverem sua prática futebolística ao longo dos anos escolares sem ter muitas vezes um ensino sistemático da prática dentro da escola, mas acessando a prática no seu cotidiano. Ao mesmo tempo em que alunas do sexo feminino, muitas das vezes, não têm esse desenvolvimento por não terem um acesso à prática futebolística no seu cotidiano extraescolar (Faria, 2014).

Essas são questões desafiadoras para o ensino do futebol na EF, uma vez que entendemos que a EF escolar tem o papel de tencionar as formas culturais estabelecidas. Formas essas que, muitas vezes sendo naturalizadas, acabam por

produzir desigualdades de acesso e entendimentos sobre os saberes corporais inerentes ao futebol. Por exemplo, compreender as razões históricas e culturais que tornaram o futebol uma prática corporal marcada por processos binários de generificação de corpos e identidades (Furlan; Dos Santos, 2008).

Ainda sobre a tensão permanente presente na escolarização do futebol, Busso e Daolio (2011), refletem sobre três temas que atravessam a presença do futebol no espaço escolar, e que são geradoras de tensões na EF: as regras, o saber jogar e o jogo entre meninas e meninos. Estes são temas que ganham diferentes significados dentro e fora da escola, existindo um confronto quando se encontram no dia a dia das aulas de EF.

As regras, fora da escola, costumam ser mais simples, com menos cobranças em relação às regras oficiais, além de existir uma montagem e escolhas dos times a partir das amizades, estando presentes também situações de faltas e entradas mais duras. No saber jogar, acaba existindo, no futebol extraescolar, a presença de uma forte segregação dos sujeitos menos habilidosos, havendo uma discriminação pelas características pessoais. Já no tema proposto dos jogos entre meninos e meninas, há um entendimento de que os jogos dos meninos são mais fortes, mais rápidos, e os das meninas mais lentos e mais fracos, sugerindo que os meninos precisam se submeter a uma condição de nível inferior para poder jogar com as meninas, gerando diferentes conflitos. Aqui evidencia-se, ainda, a existência das entradas mais duras, que acabam por tencionar e afastar ainda mais uma possibilidade de participação das meninas nos jogos.

Busso e Daolio (2011), entendem que na escola, para jogarem o futebol, em contraponto às suas manifestações nas práticas culturais, os alunos terão que lidar com regras mais amplas, rígidas e complexas. Poderá haver cobranças mais duras de respeito aos combinados, serão introduzidas marcações e penalidades para entradas mais duras e violentas, será instigado e cobrado aos alunos a participação de todos, independente das habilidades, do sexo, buscando uma igualdade de oportunidades. Neste cenário, em certa medida idealizado, múltiplas tensões seriam experimentadas por professores e estudantes. O que exigirá o esforço do diálogo permanente de forma a produzir práticas de jogar futebol em que o direito de participação seja garantido, equidade de oportunidades de aprendizagem e solidariedade nas formas de relação que tensionam formas preconceituosas e excludentes de ler e praticar o futebol.

Retomando o tema da participação feminina no futebol dentro do espaço escolar e na EF, uma das questões desafiadoras e geradoras da tensão permanente entre o futebol praticado nas práticas culturais e aquele vivido na escola e na EF escolar. Quando olhamos para a sociedade, verificamos o avanço nos direitos das mulheres à vida pública (na política, no trabalho, nos movimentos sociais, na educação, na cultura, nos esportes). Atualmente há uma maior presença do futebol feminino profissional nas mídias, com maior número de equipes profissionais, maior número de mulheres tendo oportunidades de acessar o meio futebolístico, tanto dentro de campo, jogando e na comissão técnica, quanto fora de campo (no jornalismo, nas torcidas organizadas). De forma distinta a esse movimento de conquista de direitos, tenho percebido, na condição de professor de EF, que o avanço da presença das mulheres no meio do futebol não se faz tão presente dentro da escola, ou se faz de maneira constrangedora e opressiva. Como se pode perceber em um estudo de Borttolin (2011), sobre as relações de gênero e o futebol, em uma escola estadual de Santa Catarina. Onde todas as meninas entrevistadas, vinte e oito, comentaram sobre o sentimento de desigualdade e exclusão presentes na vivência do futebol na escola. Valendo um destaque para a crítica tanto aos meninos quanto para falta de iniciativa dos professores envolvidos. Ou no estudo de Da Rosa, Souza e Borges (2020), que ao observarem três aulas de EF tematizadas com a prática do futebol em uma escola municipal no Mato Grosso do Sul, presenciaram atos preconceituosos dos meninos contra as meninas e contra a própria professora. Com críticas persistentes às características físicas das meninas, à negação em vivenciar a prática em conjunto, à dificuldade delas em jogar o futebol e até mesmo violências físicas veladas em “trombadas” acidentais.

Desse modo, nos parece importante que o tema das relações de gênero no futebol seja objeto de maior preocupação a EF escolar. Faz-se necessário avançar no desenvolvimento de ações didáticas que promovam a inclusão das mulheres na prática do futebol na escola, dentro dos espaços escolares e na EF, via o empoderamento da participação das meninas por meio do acesso à incorporação de técnicas corporais que favoreçam essa participação, mas também, no acesso a conceitos que ajudem a questionar os processos de produção de desigualdade de gênero, processo esses que sustentam a compreensão distorcida de que futebol não é coisa de mulher. Nesse sentido, a EF terá um papel pontual na direção de valorizar o convívio com as diferenças, entendendo que “a igualdade entre homens e

mulheres inclui e depende do reconhecimento das diferenças” (Furlan; Dos Santos, 2008). É importante dizer que os meninos e as meninas são, ao mesmo tempo, vítimas e produtoras dessa desigualdade de gêneros no futebol. Numa sociedade patriarcal, meninos e meninas aprendem desde cedo a cumprir papéis de gênero distintos, e em posições desiguais na cultura. A EF escolar foi e é responsável, também, por produzir essa desigualdade. Desde cedo, por exemplo, às meninas foram oferecidas, prioritariamente, experiências de movimentos motores finos, enquanto para os meninos experiências de uma motricidade ampla (Romero, 1994).

É importante lembrar, também, que a presença do futebol na escola traz fortes marcas do processo de esportivização da EF escolar - um fenômeno que atravessou toda a segunda metade do século XX. Bracht (1997) entende a esportivização da EF como o fato de área ter assumido os códigos da instituição esportiva, seja porque priorizou o esporte como conteúdo de ensino da disciplina, seja porque reproduziu os códigos, as normas e os valores do esporte de rendimento. A EF seguiu, por um bom tempo, como um braço e um referencial do esporte de alto rendimento dentro da escola, passando a ser pensada como a base da pirâmide esportiva (formadora de atletas). Dessa forma, existiu e ainda existe na escola um “esporte na escola” e não uma “prática esportiva da escola”, ou seja, uma prática que incorpore os valores da escola republicana numa sociedade democrática. Neste horizonte, o reconhecimento dos professores de EF se dá mais pelo que fazem nas escolinhas e/ou equipes esportivas das escolas do que propriamente de ações pedagógicas nas aulas curriculares. Nessa lógica, a EF escolar acabou por assumir, em muitos contextos escolares, ideais próprios dos esportes, como o rendimento, uma competição exacerbada, comparação de rendimentos, uma regulação rígida, uma racionalização de meios e técnicas.

A partir desse contexto, é interessante notar que não somente os estudantes demandam que a prática do futebol assuma tais códigos esportivos, mas também os professores que, em geral, assumem esses aspectos quase na sua totalidade, sem a devida crítica. Nas escolas de educação básica ao qual trabalhei, pude constatar tal fenômeno nas aulas de EF curriculares, nos torneios esportivos e mesmo na forma como os alunos o praticam no contexto da escola e fora dela. Observando, conversando com os alunos sobre o histórico deles com a EF e vivenciando a cobrança exagerada pela prática do futebol, é perceptível a presença do fenômeno da esportivização. Contribuindo para que, aqueles professores que buscam

caminhar junto ao entendimento da EF como um componente curricular e pelo viés da concepção crítica, tenham dificuldade de propor novas possibilidades para a vivência e para o ensino da prática futebolística.

Mesmo reconhecendo que o ensino do futebol na escola é ainda marcado pelo fenômeno da esportivização, visto muitas vezes (sobretudo pelos estudantes) como um tema que não necessitaria ser ensinado, mas apenas fruído no espaço escolar; da permanência dos processos de exclusão das meninas nas aulas de futebol e/ou daqueles que não dominam as suas destrezas motoras; do pouco tratamento didático e da dificuldade de tratar conceitos que relacionam racismo, sexismo, homofobia, economia, política, arte, violência, religião com o futebol; nos últimos anos foram produzidas propostas de ensino do futebol nas escolas que vêm tentando reverter o histórico de um vazio didático neste campo. Melhor dizendo, propostas pedagógicas que buscam romper ou tensionar a lógica da esportivização e que buscam tratar a prática futebolística como algo complexo, apostando em intervenções didáticas que ampliam a relação dos estudantes com o futebol, seja no plano da sua compreensão conceitual, seja no acesso de saberes e fazeres corporais relacionados a essa prática corporal.

Nessa perspectiva, Faria e Santana (2020), trazem reflexões muito interessantes em relação ao ensino do futebol na EF, propondo possibilidades de ensino que tensionam práticas mais tradicionais no ensino do futebol na escola. Na proposta elaborada por eles, busca-se aproximar um diálogo e uma construção de um debate social que caminhe junto às práticas corporais futebolísticas e os comentários cotidianos sobre o futebol no país. Fazem isso utilizando de recursos textuais, de imagens, de vídeos, de músicas, junto à realização da prática futebolística para um aprofundamento no entendimento do futebol no Brasil. Os autores propõem que haja esse caminhar dos diferentes recursos com o ato de jogar futebol, pensando em colocar em foco a singularidade do futebol brasileiro “como uma prática que se multiplica/desdobra em diferentes formas de jogar e de engajamento” (Faria; Santana, 2020, p.186).

Para a realização dessa proposta didática, Faria e Santana (2020), apresentam quatro momentos. Dois baseados em diálogos sobre produções textuais e audiovisuais ligadas ao futebol e dois mais práticos, de construção e realização de uma prática futebolística. No momento do diálogo, os autores apresentam um texto e uma música transmitida em forma de vídeo, que trazem uma perspectiva de um

futebol mais popular, mais real, mais próximo da realidade do povo brasileiro e dialogando sobre a realidade do futebol brasileiro. É apresentado um texto de Luiz Fernando Veríssimo, “Regras do Futebol de Rua” (1978), e a música “Brazuca” (1999), do cantor Gabriel O Pensador. Duas escolhas que dizem muito sobre as diferentes vertentes dos futebolis. O texto, busca trazer de forma cômica, as regras e combinados básicos para se realizar um futebol na rua, como, por exemplo, as características da bola para a realização de uma partida na rua - “A bola - pode ser qualquer coisa remotamente esférica. Até uma bola de futebol serve. No desespero, usa-se qualquer coisa que role, como uma pedra, uma lata vazia ou a merendeira do irmão menor”. Já a música tece uma crítica social importante para pensarmos o futebol e sua realidade dicotômica no Brasil, comentando sobre a vida de duas crianças que nasceram em uma favela e seguem caminhos opostos na vida, com uma se tornando jogador de futebol enquanto a outra sofre com as mazelas da pobreza no país.

Nas atividades práticas do jogo de futebol, Faria e Santana (2020), apresentam uma proposta didática denominada de “fazer timinho”, que está relacionada a uma ideia de se organizar um time, trazendo elementos da realidade que conformam a identidade dos clubes de futebol. Nome, história, hino, cantos da torcida. Com isso, possibilitam aos estudantes conhecer e discutir temas que fazem parte da prática do futebol e que vão além do jogo 11 x 11 dentro do campo. Essa é uma atividade, segundo os autores, que além de ampliar o olhar sobre os clubes de futebol e refletir sobre um outro tema que perpassa o futebol, pode colocar os alunos como protagonistas de sua prática, reconhecendo a si mesmo como um sujeito dessa prática social.

A partir da atividade de “organização de um time”, os autores complementam a proposta com a prática futebolística, buscando variações e adaptações das regras. Primeiramente jogando o futebol/futsal tradicional e depois, em diálogo com os participantes, fazendo uma adaptação para um futebol de duplas, onde se é vivenciado o jogo de mãos dadas com uma outra pessoa, criando ali algo novo, diferente do que se vivencia nas práticas tradicionais do futebol. Objetivando, segundo os autores, uma ideia de invenção e apropriação da prática, caminhando junto a ideia do texto de Luiz Fernando Veríssimo.

A proposta de Faria e Santana (2020), no ensino do futebol, traz consigo novas formas de se observar as diferentes vertentes dos futebolis e sua

complexidade. Eles não trazem algo fechado parecido com um método, mas ideias que nos levam a pensar e questionar os futebolis praticados e vivenciados no Brasil. As atividades apresentadas, podem ser modificadas de acordo com o contexto em que ela é trabalhada e com o que quer se dialogar a respeito do futebol. Os autores, a partir da proposta, nos levam a pensar muitas possibilidades para o ensino do futebol que possam misturar o diálogo crítico junto a vivência da prática, tornando mais palpável o futebol junto a realidade de muitos dos alunos. Aproximando o fenômeno dos sujeitos e fazendo destes participantes ativos no ensino e na construção de sua própria prática.

Na direção, Silveira e Pinto (2008), também trazem propostas de ensino de futebol que visam superar modelos tradicionais do seu ensino na escola. Os autores elencam diversos temas que se relacionam ao futebol, de maneira direta ou indireta, e que contribuem para um entendimento mais profundo e crítico do fenômeno futebolístico. Nessa proposição didática, o futebol é tratado em forma de projetos, nos quais são abordados temas que amplificam a leitura sobre o futebol, a ver: “brincando com o futebol”, “futebol e futebolis”, “‘torneio’ de futebol”, “futebol levado a riso”, “futebol e arte”, “futebol e mídia”, “futebol e história”, “futebol e conhecimento tático” (Silveira; Pinto, 2008). Temas que caminham por várias vertentes do futebol e ampliam o horizonte do fenômeno futebolístico dos alunos. Como os próprios autores destacam, o objetivo da proposição didática é oferecer aos estudantes “algumas possibilidades de experiências com o futebol que acreditamos que não são divulgadas e/ou vivenciadas no cotidiano dos/as alunos/as nas escolas” (p.31).

É interessante observar nesse trabalho de Silveira e Pinto (2008), como existem inúmeros caminhos para se trabalhar com o tema futebol, caminhando por várias áreas da cultura, desde a história, a arte, a mídia, o riso/ludicidade, até a temas mais tradicionais trabalhados com um olhar crítico, como a organização de um torneio na escola e o olhar tático para o jogo de futebol. Além das diversas maneiras de praticar o futebol com os diferentes futebolis existentes e as diferentes perspectivas de realização da prática, como nas brincadeiras utilizando bola no pé. O que esse trabalho traz de interessante, é uma ampliação do entendimento de futebol, nos dizendo que o olhar aprofundado e crítico para como uma prática corporal traz inúmeras possibilidades para a sua vivência na EF, independente da realização de práticas inovadoras ou tradicionais.

Outra proposição, que caminha no sentido de contribuir na legitimação da EF

enquanto um componente curricular, buscando uma maior sistematização dos conteúdos e defendendo um aprofundamento na tematização do futebol, é o estudo de Souza Junior e Darido (2010). Os autores procuram pensar o ensino do futebol para além de um ensino tradicional, muito baseado no procedimento, no fazer, no jogar. Eles ampliam esse ensino para dimensões que irão dialogar e questionar o fenômeno futebol, trabalhando com a ideia dos conceitos e atitudes que atravessam a prática futebolística.

Nesse sentido de buscar legitimar a EF como um componente curricular e propondo subsídios para uma sistematização do futebol, Souza Junior e Darido (2010) apresentam diferentes aspectos didático-pedagógicos na forma de temas, intencionando diversificar e aprofundar o futebol enquanto um conteúdo. São os temas: “Dimensões sociais do esporte: educação, participação e rendimento”, “A origem do futebol: do jogo ao esporte”, “Futebol e cultura popular: o esporte volta a ser jogo”, “Futebol no Brasil: da elite ao povo”, “Futebol e arte”, “Fundamentos técnicos do futebol”, “Futebol e ética”, “Futebol feminino e o seu contexto”, “Resgate de jogos da cultura popular”. Dentro de cada um desses temas são trabalhadas atividades diversas, que vão desde discussões dos jogos praticados, de textos, filmes, músicas, à construção e rememoração de histórias futebolísticas e a vivência/resgate de práticas tradicionais construídas/dialogadas com os próprios alunos.

Os autores, Souza Junior e Darido (2010), em suas proposições, seguem junto das perspectivas críticas da EF, entendendo as práticas corporais como práticas culturais que influenciam e são influenciadas pela sociedade. Sendo atravessadas por diversos temas presentes na cultura ao qual a prática está inserida. O futebol que os autores buscam propor, é um futebol influenciado por diversos temas e que está presente em diferentes espaços e tempos. Desse modo, o fenômeno futebolístico, sendo tratado a partir da perspectiva de diferentes olhares e locais, possibilita o surgimento de novas proposições para se trabalhar, questionar e refletir sobre o futebol presente na sociedade. Algo que os autores conseguem, a meu ver, abarcar, trazendo nove temas distintos, que dialogam entre si, e que propiciam um aprofundamento na vivência do fenômeno futebolístico.

Nos trabalhos apresentados por Faria e Santana (2020), Silveira e Pinto (2008) e Souza Junior e Darido (2010), é instigante observar as inúmeras possibilidades de escolarização do futebol. Entre elas destaca-se o esforço de

relacionar o futebol com a cultura nacional, a história brasileira, as artes, as mídias, o riso/ludicidade, o torcer, a compressão da cultura futebolista contida na construção dos times de futebol, a crítica aos torneios tradicionalmente estabelecidos, dentre outros. Possibilidades de intervenção didática que nunca havia vislumbrado até a escrita deste trabalho. São trabalhos que interrogam a minha relação com o futebol, seja pelo meu histórico de forte vinculação como atleta no futebol amador – marcados pela naturalização dos processos de esportivização - seja pela negação do ensino do futebol na EF dada a falsa representação incorporada por mim de que ensinar futebol seria o mesmo de que uma EF não inovadora. São trabalhos que buscam construir novas práticas e entendimentos para com o futebol no espaço escolar, diferentes daqueles presentes de modo hegemônico na sociedade.

Esse entendimento do futebol e suas possibilidades de trabalho na EF, estão em sintonia com as reflexões produzidas por Vago (1996b), quando este busca problematizar as diferenças entre o que seria o “esporte da escola” e o “esporte na escola”. O autor defende a ideia de que a escola, para além de transformar os saberes presentes na sociedade em objetos de ensino e fazer uma reflexão crítica sobre estes, têm um papel de intervir na sociedade por meio de uma produção cultural própria. Os esportes (no presente trabalho, o futebol), devem ser transmitidos para as gerações futuras, como um direito. Por outro, devem ser criticados e ressignificados de forma que a escola possa produzir novas formas de compreensão, novos sentidos e significados sobre os temas da cultura corporal. Esse movimento pode ser caracterizado como uma produção cultural que atravessa os muros da escola e tenciona outras práticas corporais. A EF teria um papel fundamental na produção das novas formas de lidar e praticar o futebol na escola e fora dela.

A partir do entendimento da perspectiva que o presente trabalho apresenta sobre o ensino do futebol na EF, suas possibilidades, construções e questionamentos, e acreditando que a prática futebolística adentra na escola e acaba por incorporar e tencionar os códigos escolares, participando tácita e intencionalmente dos processos de formação dos estudantes, é que entendemos que tal prática corporal deveria ser recorrentemente objeto de estudo e produção sistemática pela EF, como também por outras disciplinas escolares. Tendo essa premissa como pano de estudo, encontramos nas problematizações produzidas por Rezer (2009) acerca do ensino dos futebolis na escola, uma inspiração para nossa

pesquisa-ensino. O autor apresenta alguns pressupostos orientadores para construção de uma abordagem crítica do ensino dos futebolis na Educação Física escolar. Segundo o autor, o ensino dos futebolis pode ser:

uma possibilidade que permite a EF tratar pedagogicamente o futebol e o futsal a partir de uma compreensão crítica que lhe confira o *status* de conhecimento da cultura corporal de movimento, sendo tratado como um objeto de estudo do professor e, conseqüentemente, como um tema importante a ser ensinado na EF escolar, sem desconsiderar seus elementos específicos (Rezer, 2009, p.73).

O autor, ao utilizar o plural para designar o futebol, busca resgatar “o reconhecimento da diversidade desse fenômeno, manifesto na linguagem cotidiana como: futebol de várzea, de salão, de praia, de botão, futevôlei, totó, futsal, ‘pelada’, ‘racha’, entre outros” (Rezer, 2009, p.74). Em sua proposta, o autor apresenta seis tematizações dentro do universo futebolístico para se trabalhar nas diferentes fases da educação básica, ensino fundamental I e II, e no ensino médio. Sendo elas: as brincadeiras de bola com os pés, o resgate de jogos populares/de rua, os jogos esportivos, o aprofundamento técnico/tático, os jogos eletrônicos e os jogos de salão. Importante destacar que o autor reforça o seu entendimento sobre as pluralidades existentes nas escolas e desse modo se compromete em não apresentar um modelo rígido para o ensino dos “futebolis”, mas sim apresentar sugestões e possibilidades de ensino que deverão ser relidas e contextualizadas conforme as especificidades da realidade escolar. Essas tematizações serão apresentadas de maneira resumida no Quadro abaixo:

Quadro 1 - “Futebolis” e suas tematizações segundo Rezer (2009)

Anos Escolares	Tematizações - “Futebolis”	Resumo
Ensino Fundamental I 1º ao 5º ano	Brincadeiras de bola com os pés	“Em diferentes línguas, jogar e brincar são expressos em uma única palavra. Tais manifestações podem ser muito interessantes para constituir situações de ensino na EF escolar, resgatando uma riqueza inalienável no contexto da infância” (Rezer, 2009, p.75).
	Resgate de jogos populares/de rua	“...um processo de exploração das memórias dos estudantes – do que brincam fora da escola, quais os “jogos de bola” experienciados, enfim, suas experiências –, em um processo de resgate de jogos populares/de rua de ‘futebolis” (Rezer, 2009, p.77).

Ensino Fundamental II 6º ao 9º ano	Jogos esportivos	“Os jogos esportivizados constituem-se como uma construção humana, dotada de um arcabouço de conhecimentos a serem tratados no âmbito escolar. Nesse momento, torna-se pertinente maiores aproximações da EF com o esporte institucionalizado...” (Rezer, 2009, p.78).
	Jogos eletrônicos	“No que se refere às possibilidades que os jogos eletrônicos representam em situações de aula, é possível considerar uma gama de conhecimentos presentes, por exemplo, no jogo <i>Fifa</i> , em que podem ser abordados: sistemas de jogo e equilíbrio entre atacar e defender (o “técnico” precisa “armar” seu time); regras (número de substituições, punições, infrações, entre outros); organização esportiva (fórmulas de campeonatos/torneios, eliminatória simples, dupla, chaves, todos contra todos etc.); acordos internos entre os envolvidos (tempo, fórmula de disputa, calendário etc.)” (Rezer, 2009, p.80).
Ensino Fundamental II 9º ano Ensino Médio 1º ao 3º ano	Aprofundamento técnico/tático	“Inicialmente, para abordar essa fase, considero necessário compreender conceitualmente técnica e tática a partir de uma relação de indissociabilidade, em que elas se apresentam nas situações corriqueiras do jogo na aula. Ampliar a compreensão dos fenômenos pela linguagem pode permitir uma ampliação das relações dos seres humanos entre si e com o mundo. Bem como ampliar as possibilidades de intervenção pedagógica começa pela ampliação da percepção da complexidade do fenômeno em questão” (Rezer, 2009, p.81).
Diferentes fases escolares	Jogos de salão	“Jogos de salão são considerados aqueles desenvolvidos em espaços fechados, com representações reduzidas de jogadores (o botão, no futebol de botão, por exemplo), tabuleiros (dama, por exemplo), implementos (tais como a raquete do tênis de mesa), com menor amplitude de movimento que os jogos normalmente desenvolvidos em aulas de EF na quadra/ campo” (Rezer, 2009, p.83).

Fonte: Elaborado pelo autor, segundo a proposta de Rezer (2009).

Dentro da perspectiva de Rezer (2009), é interessante observar que essa pluralidade de temas para se trabalhar com o futebol dentro da escola, pode ser

apropriada ao longo de toda a educação básica a partir de interpretações e adaptações, como o próprio autor ressalta. As brincadeiras com a bola no pé e o resgate de jogos populares/rua, por exemplo, são uma ótima oportunidade para os alunos do ensino médio rememorarem brincadeiras da infância e se apropriarem de uma prática que talvez não tenham tanto acesso.

Assim como os jogos eletrônicos que estão chegando cada vez mais cedo às mãos das crianças, poderiam ser apropriados pelos alunos do Fundamental I com as devidas leituras e adaptações. A construção da proposta teórico-metodológica de Rezer (2009), pode ser importante para se questionar o ensino de futebol na EF, os processos de esportivização desta prática corporal dentro e fora das escolas, ampliar o conhecimento das diferentes manifestações do futebol na cultura, assim como, o entender como uma produção sociocultural, portanto, como uma construção (plural, dinâmica, contraditória, conflitante).

No intuito de situar meu estudo dentro da produção teórica sobre o ensino do futebol na escola já instalada, realizamos um levantamento bibliográfico da produção teórica sobre o ensino do futebol nas dissertações de mestrado produzidas dentro do Proef nacional. Este levantamento foi realizado em setembro de 2023 na página oficial do programa no site da Universidade Estadual Paulista no tópico de produções intelectuais⁸. Não havendo nenhum recorte temporal e nenhum descritor de busca, foram selecionadas todas as dissertações presentes no tópico da página. Do total de 148 dissertações de mestrado defendidas, encontramos apenas 11 trabalhos que tiveram como objeto de estudo o futebol ou ensino do futebol. Isso representa cerca de 8% das dissertações finalizadas. Para este levantamento foram lidos os resumos de cada um destes 11 trabalhos. Segue abaixo um Quadro com os títulos das dissertações, seus autores, o ano de conclusão e os polos onde os trabalhos foram desenvolvidos.

Quadro 2 - Dissertações Proef relacionadas ao Futebol

Título da Dissertação	Autor	Ano	Polo Proef
Metodologia de ensino do futsal na educação física escolar: uma proposta baseada nos jogos táticos por compreensão	Edilson Medeiros de Oliveira	2020	Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

⁸ Disponível em: <https://www.fct.unesp.br/#!/pos-graduacao/-educacao-fisica/producoes-intelectuais/>. Acesso em: 05 de outubro de 2023.

Fazendo história e vencendo preconceitos: uma experiência na escola pública com o futsal para meninas	Marcos Leiva da Silva Nery	2020	Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Processos educativos emergentes de uma unidade didática com o <i>fútbol callejero</i> nas aulas de educação física	Tiago Grifoni	2020	Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
Educação física escolar e a contribuição da metodologia <i>callejera</i> nos conhecimentos atitudinais.	Fábio de Moraes	2020	Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
A participação das meninas nas aulas de Educação Física: dilemas de um professor no ensino do futsal	Antônio Jorge Martins Malvar	2020	Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
Jogos escolares do estado do Tocantins: uma proposta de adaptação da modalidade futsal	Marcos Junior de Souza	2020	Universidade Federal de Goiás - UFG
O ensino de esportes de invasão na Educação Física escolar: construção e análise de uma proposta de ensino pautada nos jogos desportivos coletivos e nos estilos de ensino.	João Arlindo Dos Santos Macedo	2020	Universidade Federal de Goiás - UFG
Vai ter campeonato de novo? Limites e possibilidades de uma proposta pedagógica para o ensino do futsal na educação física escolar a partir do Sport Education Model	Fabiano Schulz Lopes	2020	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ
Currículo da Cidade : análise documental e métodos de ensino em Educação Física	Márcio Silva Paiva	2021	Universidade Estadual Paulista -Unesp
Educação Física Escolar e o Conteúdo de Esportes: Uma ação possível no atendimento das Diretrizes Curriculares	Wilson Pereira de Castro Filho	2020	Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT
Esporte de invasão: inovações para ensino do Futsal no ensino fundamental	Eduardo Silva dos Santos	2020	Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Fonte: Elaborado pelo autor.

Destas, duas dissertações são sobre gênero e futsal, duas são sobre o ensino de esportes através da metodologia *callejera* que é relacionada ao futebol *callejero*, uma sobre o próprio futebol *callejero*, uma sobre o ensino dos esportes incluindo o futsal na metodologia da concepção crítico emancipatória de Kunz, uma sobre uma proposta de se repensar as competições de futsal e sua organização nas escolas e quatro são sobre o ensino de futsal utilizando de metodologias ligadas a área de pedagogia do esporte - ensino dos jogos para compreensão ou TFGU, *sport*

education, jogos desportivos coletivos, estilos de ensino, pedagogia das intenções táticas e no método centrado nos jogos condicionados.

Podemos observar que também dentro do Proef o tema do ensino futebol tem sido objeto de estudo e intervenção pedagógica a partir de diferentes perspectivas e abordagens. São trabalhos que situam, em geral, numa perspectiva crítica de EF, com pesquisas que se preocupam com a participação feminina no futebol, com os processos de escolarização deste esporte e com o desenvolvimento de metodologias de ensino que visam ampliar o conhecimento dos estudantes sobre esse objeto de conhecimento. Não encontramos nenhum trabalho que explorasse a ideia de “futebóis” desenvolvida segundo a argumentação teórica e metodológica produzida por Rezer (2009). Desse modo, entendemos que o nosso trabalho pode vir a contribuir para o avanço das reflexões e proposições didáticas para o ensino do futebol, oferecendo uma colaboração singular neste debate didático-pedagógico.

3 METODOLOGIA

3.1 Abordagem Qualitativa

Dado o objeto de estudo e os objetivos de investigação, serão utilizados os princípios teóricos e os recursos metodológicos da pesquisa qualitativa, da pesquisa-ensino e da pedagogia de projetos. Isso porque, tenho a intenção de acessar, interpretar e problematizar as percepções, os sentidos e os significados construídos junto aos alunos acerca das experiências de formação em meio a um projeto de ensino de futebol na EF.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Na pesquisa qualitativa não se pretende construir verdades absolutas, tipos ideais de experiências formadoras, generalizações abstratas ou comparações estatísticas. As percepções e os sentidos construídos pelos sujeitos expressam-se de maneira mais contundente em palavras, signo, esse, capaz de representar de forma mais potente as sombras, o caos, a beleza, a incompletude, a complexidade e as dialéticas da subjetividade humana.

Pretendo, desta forma, compreender o complexo mundo da experiência humana: como as pessoas vivem, experimentam, interpretam e constroem os significados do mundo social e de que modo esses são integrados na cultura, na linguagem e nas ações dos atores sociais. Isso tudo, com a finalidade de conseguir imagens multifacetadas do fenômeno social estudado, tal como se manifesta nas distintas situações e nos contextos sociais (Schwandt, 1994). De forma mais específica, me interessa os significados que brotam das relações humanas, próprias do professor pesquisador e dos alunos, na vivência de uma proposta de aulas de ensino de futebol na EF.

3.2 Sobre a pesquisa-ensino

Para o desenvolvimento da investigação, optei por abraçar os princípios da pesquisa-ensino, aqui entendida como uma metodologia que reúne um pesquisador acadêmico e um professor da educação básica em torno de um projeto de investigação. Mais do que isso, as problemáticas da pesquisa são oriundas da cultura escolar e dos desafios do ensino no contexto escolar, com vistas a interferir e modificar o trabalho docente, qualificando as ações de ensino. A pesquisa-ensino, portanto, é aquela em que é realizada durante e junto do ato docente pelo próprio responsável pela docência. Objetivando vivenciar condutas investigativas, na prática do ensino, levando a um processo criativo do saber docente.

Existe, dentro da pesquisa-ensino, o entendimento de um professor que irá pesquisar a sua própria docência ao longo do seu fazer docente, denominado professor pesquisador. Que, ao interagir com seus alunos, irá transformar a interação em uma interação de pesquisa, através da ação investigativa, problematizadora do seu ensino (Penteado, 2010). A autora lembra que, em uma pesquisa-ensino, o professor pesquisador será aquele que reflete sobre sua prática docente, mas que coloca no centro da sua reflexão, como uma variável a ser considerada nos problemas do ensino, a sua atuação docente, e não apenas os outros - sociedade, governo, famílias - como responsáveis pelas mazelas do ensino.

Dentro das possibilidades de procedimentos metodológicos da pesquisa-ensino, o professor pesquisador poderá ser auxiliado junto de um pesquisador universitário, que tem a pesquisa e o ensino da mesma, como o centro do seu trabalho. Ao caminhar juntos, se unem em prol da realização da pesquisa-ensino,

participando de maneiras diferentes, mas com igual importância para a produção de conhecimento sobre o ensino escolar. O professor-pesquisador seguindo o seu caminho de refletir a sua prática docente, visando uma intervenção para a resolução do problema de pesquisa objetivado, e o pesquisador-professor buscando contribuir junto a ciência, na orientação, reflexão e questionamentos da prática docente em relação próxima do professor-pesquisador, uma vez que não está presente dentro do contexto escolar específico (Penteado, 2010).

Desse modo, a pesquisa-ensino se relaciona diretamente com o presente trabalho, caminhando em conjunto ao objetivo central do estudo, na proposta de investigar e propor o ensino do futebol na EF. Onde o professor pesquisador através da análise do seu fazer docente no dia a dia escolar, junto ao professor pesquisador (orientador), irão juntos refletir sobre realização da proposta, contribuindo dessa forma para melhores entendimentos junto a EF.

A organização da proposta, seguindo os princípios da abordagem qualitativa e da pesquisa-ensino, foi realizada com inspiração nos estudos dos projetos de trabalho para a construção e a realização da proposta de aulas. Visto que o presente trabalho busca, em uma de suas bases, a construção junto dos alunos de novos entendimentos e possibilidades ao ensino do futebol na EF.

3.3 Os projetos de trabalho como inspiração

Para concepção e desenvolvimento das aulas sobre o futebol, tomamos como referência alguns dos pressupostos teórico-metodológicos da pedagogia dos projetos de trabalho. Os projetos de trabalho não são um método propriamente dito, mas uma maneira de buscar entender e refletir a escola, abrindo possibilidades para repensar o saber escolar e a função da própria escola (Hernandez, 2007). Seguindo essa linha, o autor afirma que os projetos de trabalho não seguem uma fórmula geral ou regras rígidas para conceber e realizar ações didáticas nas escolas. Pelo contrário, busca-se reconhecer o contexto ao qual se é construída a proposta. Em um entendimento de que a sala de aula é viva e as relações ali presentes são intensas. Indo na perspectiva de que o desenvolvimento de um projeto não é linear e nem previsível, impossibilitando, inclusive, de acontecer uma repetição do projeto, pois, mesmo que a pesquisa seja a mesma, o percurso é diferente.

Dentro dos projetos de trabalho há um entendimento de escola que não objetiva apenas o ensino de conteúdo, mas uma aproximação junto aos alunos, os entendendo como sujeitos de identidade e buscando contribuir na construção das suas subjetividades. Uma escola que não está alheia ao que acontece ao seu redor, mas que procura uma interação crítica com os saberes e relações sociais construídos na sociedade em que ela está inserida.

A escola, desse modo, se propõe a situar os conteúdos ensinados na cultura ao qual eles serão utilizados, buscando, nesse sentido, facilitar a aprendizagem dos mesmos. Seguindo uma linha de se propor temas transversais, que atravessam os diferentes tipos de conhecimento e abarcam as diferentes disciplinas escolares, indo na contramão da organização curricular por disciplinas que possibilitam o acesso aos conhecimentos de forma fragmentada.

Hernandez (2007) afirma que a proposta dos projetos de trabalho se encontra dentro de uma tradição da escolaridade, que busca pesquisar a realidade e propiciar uma participação ativa dos alunos, fazendo com que os projetos de trabalho se pareçam com outras propostas dentro dessa tradição. No entanto, o autor ressalta que existem alguns pontos específicos dos projetos de trabalho que as diferenciam das outras propostas. Dentre eles, o início com um tema ou problema negociado com os alunos, a ideia de se iniciar com um processo de pesquisa junto a uma busca por fontes de informação, a ideia de retorno ao problema inicial com novas dúvidas e perguntas, a relação com outros problemas, a recapitulação junto da avaliação do que se aprendeu, a conexão com outros temas ou problemas.

Os pressupostos teóricos-metodológicos da pedagogia de projetos, desenvolvido por Hernandez (2007), contribuíram de maneira significativa para a concepção das aulas, como para a construção de dados para a pesquisa. Destaco em especial, a compreensão dos estudantes como sujeitos fundamentais ao processo de tomadas de decisão sobre desenvolver as ações de ensino, a necessidade de realizar coletivamente as pesquisas sobre o tema a ser aprendido/investigado, a ampliação da relação com o conteúdo (futebol) via o tratamento das informações levantadas e o alargamento da compreensão entre o conteúdo estudado e o cotidiano dos estudantes fora e dentro da escola.

3.4 Diário de Pesquisa

Objetivando compreender mais profundamente os acontecimentos ocorridos no transcurso das aulas, desenvolvemos diferentes tipos de registros de realidade: registros escritos em um caderno de campo pessoal (do professor) com anotações dos acontecimentos, das sensações experimentadas, os desafios e os dilemas enfrentados no exercício do ensino do futebol; as dificuldades e descobertas dos estudantes; o registro fotográfico de fatos ocorridos nas aulas; a confecção de vídeos de ações de ensino e aprendizagem realizadas, dos materiais didáticos produzidos, dos registros elaborados pelos estudantes, dentre outros. Tudo isso se transformou naquilo que podemos chamar de nosso diário de pesquisa.

Entendendo que os registros realizados, por si só, não esgotam o diário de pesquisa, foi realizado um registro reflexivo com a junção e análise de todo o material registrado. Dessa forma, o material recolhido foi organizado de maneira digital, dentro de pastas específicas referentes a cada aula, para que facilitasse a análise posterior. A partir da junção das anotações, das fotografias e dos vídeos capturados, foi possível fazer um complemento e uma leitura mais ampla das aulas e das práticas pedagógicas realizadas.

Segundo Borges e Silva (2020), o diário de pesquisa é uma narrativa do próprio pesquisador, buscando restituir aquilo que ele observou e vivenciou em sua pesquisa de campo. Reflexões, aproximações e distanciamentos, relações, experiências, facilidades, dificuldades e, até mesmo, o próprio ato de pesquisar. A realização do diário de pesquisa permite, ao pesquisador, retomar aquilo que foi realizado ao longo de sua prática, buscando as nuances, os detalhes, os significados, contribuindo para uma melhor análise dos fatos (Borges; Silva, 2020).

No que tange o desenvolvimento dessa pesquisa, entendo que o diário de campo foi um instrumento de registro da realidade importante para que pudesse ampliar a minha leitura, os meandros de uma experiência de ensino que tinha o futebol como objeto de aprendizagem e pesquisa ao mesmo tempo. Mais do que isso, o diário de campo possibilitou que pudesse, em meio ao caminhar das aulas, imaginar com os estudantes a ampliação do nosso conhecimento sobre o futebol, escavando novas descobertas sobre o tema e novas formas de conhecer e praticar esse tema da cultura.

3.5 Sobre o *locus* da investigação

O estudo foi realizado na “Escola Municipal A”⁹, localizada na cidade de Contagem, Minas Gerais (MG). A escola oferta do 1º ao 5º ano do Fundamental I, no turno da tarde, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, no turno da manhã, e o Ensino de Jovens e Adultos (Eja), no turno da noite. São 43 professores e 25 técnicos administrativos, sendo atendidos, aproximadamente, 800 alunos nos três turnos escolares.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP), a escola encontra-se inserida em uma região de grande vulnerabilidade social do município de Contagem, em uma área circunscrita à Administração Regional Nacional. A população é, principalmente, de baixa renda, prevalecendo uma tipologia de moradia mais simples. A Escola está localizada em um bairro, relativamente, pequeno que se integra a outros bairros e vilas. Próxima à Escola está situada a Universidade Federal de Minas Gerais e o Jardim Zoológico, importante espaço de educação, cultura e lazer.

A infraestrutura didático-pedagógica da escola dispõe de 14 salas de aula, 02 salas de atividades de educação integral, biblioteca, laboratório de ciências, sala de multimídia, sala de atendimento educacional especializado e 02 quadras poliesportivas.

Dado o pertencimento institucional da “Escola A” à Rede Municipal de Educação de Contagem, o trabalho pedagógico desenvolvido na escola está referenciado a um documento curricular municipal, produzido no ano de 2019. Este documento, denominado “Referencial Curricular – Educação Física”, estabelece fins educativos, objetivos de aprendizagem e conteúdos a serem seguidos por todas as disciplinas escolares no Ensino Fundamental I e II. Além, o documento estabelece vínculos com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sobretudo no que trata dos conteúdos a serem mediados nas escolas.

As aulas de Educação Física na “Escola A” são distribuídas em duas aulas semanais, com dois professores no turno da manhã e dois professores no turno da tarde. A divisão dos anos escolares em que cada professor irá trabalhar é definida, ao final do ano anterior, em diálogo entre os docentes da área do turno junto à coordenação e direção pedagógica. Nesta escola há uma boa materialidade, com bons espaços e diversos materiais específicos referentes às práticas corporais para

⁹ Nome fictício para preservação da identidade da escola.

se trabalhar ao longo do ano letivo. Existe uma questão em relação a uma das quadras poliesportivas ser aberta, sem cobertura, fato que acarreta, às vezes, algumas dificuldades em relação ao clima.

Figura 1 - Quadra coberta da escola



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 2 - Quadra descoberta da escola



Fonte: Arquivo pessoal.

3.6 A turma do 7º ano: os sujeitos parceiros do estudo

A turma escolhida para participar do estudo foi o 7º ano, sala 701, do turno matutino da “Escola A”. Essa turma é composta por 22 alunos, sendo 09 do gênero feminino e 13 do gênero masculino, com faixa etária média de 12 e 13 anos. A escolha se deu pelo fato do pesquisador ser docente da turma e por ter alunos que se identificam bastante com o conteúdo Futebol, além de apresentarem certo entusiasmo com propostas de ensino de EF que transcendam o ensino de esportes coletivos, tradicionalmente presentes nas aulas de EF escolar (vôlei, futebol, handebol e basquete).

3.7 Sobre os cuidados éticos

Em conformidade à Resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis, ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, foram elaborados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o Termo de Autorização de Uso de Imagem (Tauí), ambos assinados pelos responsáveis dos estudantes, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Tale), assinado pelos próprios estudantes, e o Tale assinado pela direção da “Escola A”. Esses termos tiveram como objetivo assegurar a ciência de todos os objetivos e procedimentos de nosso estudo.

4 SOBRE O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS

Nesse capítulo da dissertação trato dos processos de construção e realização das aulas sobre “futebóis”. Em um primeiro momento apresento o percurso de concepção e estruturação de nosso projeto de ensino. Posteriormente, descrevo, de forma mais panorâmica, o que ocorreu em cada uma das aulas desenvolvidas, apontando os objetos de conhecimento tratados, os objetivos de ensino e aprendizagem, as atividades desenvolvidas, as formas de registro do processo de aprendizagem e os procedimentos de avaliação.

Em um segundo momento do capítulo, narro, de forma reflexiva, o que efetivamente ocorreu em cada uma das aulas. Nessa narrativa, apresento os fatos ocorridos e registros das experiências de ensino e aprendizagem (narrativas escritas, fotos de aulas e materiais produzidos e utilizados). Nesse esforço de narrar a experiência realizada por mim e pelos estudantes, busco produzir reflexões a luz de aportes teóricos do campo da educação, da EF escolar e da pesquisa sobre o futebol e o ensino do futebol.

Por fim, elaboro uma síntese do exercício de reflexão sobre os desafios, dilemas e aprendizagens experimentadas no decurso da implementação da unidade didática.

4.1 Estruturação das aulas

Buscando investigar os desafios e possibilidades do ensino do futebol na EF escolar, foram desenvolvidas 10 aulas com uma turma do 7º ano da “Escola Municipal A”. Tal proposta teve inspiração nas problematizações contidas no artigo “Pressupostos orientadores para o ensino dos “futebóis” na educação física escolar...”, escrito pelo professor e pesquisador Ricardo Rezer (2009). Importante destacar que o futebol na presente proposta é entendido para além da prática corporal tradicionalmente apresentada à sociedade brasileira - um jogo de 22 jogadores (homens em sua maioria), em uma estrutura enorme de estádio, campos gramados parecendo um tapete verde, televisionado a todo país, sendo comentado nos programas esportivos o ano todo nas grandes mídias hegemônicas e, conseqüentemente, sendo reproduzido nas escolas e na EF¹⁰. O futebol aqui é

¹⁰ Reproduzidas no formato do futsal devido à organização escolar e a estrutura disponível.

entendido como uma manifestação cultural com possibilidades infinitas de apropriação, fruição e invenção pelos sujeitos e coletivos sociais. No torcer, no vestir, no festejar, nas conversas do dia a dia, nas gírias, na literatura, nas músicas, nas redes sociais, na espiritualidade e nas possibilidades de se manifestar de diferentes maneiras como, por exemplo, práticas corporais, brincadeiras com a bola no pé, jogos populares/futebol de rua, jogos de salão, jogos esportivos, jogos eletrônicos, aprofundamento técnico/tático (Rezer, 2009). Sendo, este último modo de vivenciar o futebol, o interesse da presente proposta de aulas.

Para a construção das aulas, foi tomado como referência alguns dos pressupostos teórico-metodológicos da pedagogia dos projetos de trabalho de Hernandez (2007). Busquei construir/negociar com os estudantes a proposta do tema, utilizei da pesquisa como o início do processo, procurei dialogar sobre o percurso da proposta de aulas junto dos alunos, construí um planejamento mais flexível, permitindo alterações de acordo com o caminhar das aulas e proporcionando uma maior autonomia aos estudantes, dando a eles maior responsabilidade por sua própria aprendizagem.

4.2 Os desafios e dilemas na preparação da proposta de aulas

Propor aulas relacionadas ao futebol, buscando sair do tradicional ensino dos esportes, através do aprendizado tático/técnico, surgiu como um desafio. Seria a primeira vez que eu trabalharia buscando propor e construir junto aos alunos vivências e possibilidades para aprender o futebol e suas diferentes maneiras de se colocar na sociedade. O que sempre veio à cabeça foram discussões procurando entender o futebol e as várias questões sociais que o atravessam, como, lazer, alto rendimento, racismo, machismo, homofobia, lutas de classe.

Porém, ao me deparar com o artigo de Rezer (2009), vi que existiam outras possibilidades para se trabalhar o futebol e a sua presença na sociedade através das práticas corporais. Podendo incluir ali, ao longo das vivências, as diferentes discussões sociais que o rodeiam. Entendi que, apesar dos objetivos de a unidade não focarem nessas importantes discussões, ao longo das vivências futebolísticas, estariam presentes várias das questões que surgiriam nas aulas. Não posso negar que também tem uma questão pessoal muito forte na escolha da proposta de Rezer,

visto que são práticas que eu queria ter vivido na minha educação básica e não tive oportunidade.

As aulas foram pensadas de forma que os estudantes pudessem, efetivamente, participar dos processos de aprendizagem. De forma inicial, pensei que as primeiras aulas deveriam ser utilizadas para a realização de um diagnóstico sobre o conceito de futebol que os alunos tinham, bem como, conhecer as experiências pregressas com essa prática corporal. As demais aulas foram pensadas para que os estudantes pudessem ampliar sua relação com futebol, via o acesso às múltiplas manifestações dessa prática corporal na cultura. Inspirado nas reflexões de Rezer (2009), entendi que o futebol é vivido no ato de torcer, nas formas de vestir, de festejar, nas conversas do dia a dia, nas gírias, na literatura, nas músicas, nas redes sociais, na espiritualidade e nas possibilidades de se manifestar de diferentes maneiras como práticas corporais, entre elas, brincadeiras com a bola no pé, jogos populares/futebol de rua, jogos de salão, jogos esportivos¹¹.

Referenciados em princípios teórico-metodológicos da proposta dos projetos de trabalho (Hernandez, 2007), o tema foi proposto aos alunos algumas semanas antes da realização das aulas, visando observar a motivação e o envolvimento deles com a proposta. Como citado anteriormente, na escola manifestam-se formas históricas de expressão do futebol, vividas tanto em espaços/tempos mais formais (aulas de EF, eventos esportivos), como informais (no recreio, entrada e saída da escola). Muitas vezes o futebol sendo entendido como sinônimo de futsal, ou uma reprodução da forma que essa prática corporal está expressa na televisão e nas mídias sociais. A ideia não era negar essa experiência, mas dialogar, criticar, expandir, ressignificar e reinventar o conhecimento pregresso que os estudantes traziam sobre o futebol.

Munido dessas intenções, “gastei” um tempo para explicar as reais intenções por trás da proposta de aulas, para que os estudantes pudessem entender melhor o que se pretendia com o projeto. Foi um processo bastante rico de conversas sobre a proposta, com os alunos manifestando motivações com relação à possibilidade de ampliação do conhecimento sobre o futebol. Este esclarecimento foi central para o

¹¹ Levando em conta o tempo disponível para a realização das aulas, os temas dos jogos eletrônicos e do aprofundamento técnico/tático, presentes na proposta de Rezer, não fizeram parte das aulas. Pelo entendimento junto aos alunos de que a escola não teria estrutura e nem teria tempo suficiente para se organizar em relação aos jogos eletrônicos e de que o aprofundamento técnico tático poderia ser trabalhado em outro momento futuro, visto também uma maior presença dessa manifestação futebolística na sociedade e na mídia hegemônica.

estabelecimento de consensos possíveis que possibilitaram um início promissor do professor com a investigação sobre o referido tema.

4.3 Organização das aulas trabalhadas

No intuito de oferecer ao leitor uma visão mais panorâmica de todas as aulas realizadas, apresento, a seguir, como foram realizadas as dez aulas que compuseram a totalidade da proposta. Neste Quadro estão dispostos os objetivos de ensino e aprendizagem, os objetos de conhecimento tratado em cada aula e uma descrição sucinta das atividades desenvolvidas:

Quadro 3 - Aulas – Proposta de aulas de “Futebóis”

Unidade de Ensino: Futebóis - 1ª AULA
Objetos de conhecimento O futebol e seus múltiplos significados.
Objetivos de Ensino • Avaliar os alunos sobre o entendimento e a relação deles com o Futebol; • Promover discussões sobre a origem da palavra Futebol e os significados atribuídos a ela.
Objetivos de Aprendizagem • Compreender as relações entre o Futebol consigo e a vida pessoal; • Entender os significados atribuídos ao futebol a partir da reflexão da origem e significado da palavra.
Descrição das Atividades 1º momento • Foi solicitado aos alunos para que em uma folha de caderno eles escrevessem sobre o entendimento deles sobre o futebol. Eles precisaram responder através da escrita as seguintes questões: - O que é o Futebol? - Qual a sua relação com o Futebol? Ao final da escrita foi solicitado que eles fizessem um desenho sobre o que eles escreveram. Eles transformaram a escrita deles em um desenho. Ao final desse momento os registros foram recolhidos para futuramente no final da proposta de aulas serem retomados para uma discussão com os alunos.
2º momento • Nesse momento, foi questionado aos alunos sobre o que eles registraram e sobre o entendimento deles sobre o futebol. A ideia aqui foi buscar um entendimento mais amplo sobre essa prática corporal tão difundida mundialmente.
3º momento • Concluindo a aula, foi colocado no quadro a palavra “Futebol” e discutido junto aos alunos a sua origem, o seu significado vindo da junção de duas palavras inglesas <i>Foot + ball</i>, pé + bola. A partir desse entendimento se possibilitou abrir um leque de possibilidades junto a prática futebolística para na próxima aula discutir o termo “Futebóis” e a proposta de Rezer (2009).
Unidade de Ensino: Futebóis - 2ª AULA

Objetos de conhecimento: "Futebóis" e seus significados
Objetivos de Ensino • Problematizar com os estudantes o significado da palavra "Futebol" (do inglês, <i>Football</i>), buscando dialogar através dos registros feitos pelos alunos; • Trabalhar, com os alunos, conceito sobre os "Futebóis"; • Promover e instigar os estudantes a construir propostas de práticas de "Futebóis".
Objetivos de Aprendizagem • Refletir sobre o significado pessoal da prática do Futebol; • Compreender os conceitos dos termos "Futebol" e "Futebóis"; • Formular propostas inovadoras de práticas de futebol.
Descrição das Atividades 1º momento • Foi lembrado o que foi realizado na aula anterior. A introdução às aulas junto ao tema dos "Futebóis", a pequena avaliação realizada por eles e a conversa feita em torno da palavra Futebol. 2º momento • Nesse momento foi retomado o termo "Futebóis" junto aos alunos, que na aula anterior, foi apenas apresentado. Aqui foi feito um aprofundamento no termo, os seus significados e a proposta de Rezer (2009) para se trabalhar com o tema na escola. • Foi escrito no quadro e explicado a palavra "Futebóis" e ligado a ela as possibilidades de práticas segundo o autor – "Brincadeiras com a bola no pé", "Jogos populares/de rua", "Jogos esportivos", "Jogos de Salão", "Jogos eletrônicos" e "Aprofundamento técnico/tático". 3º momento • Foi proposto aos alunos organizar, junto do professor, as próximas aulas a partir da proposta dos "Futebóis" apresentada na aula. Para isso os alunos foram organizados em grupos e direcionados a biblioteca para fazerem as pesquisas. • O professor aqui teve o papel de instigar os alunos a pensarem as propostas e mediou as discussões que surgiram. • Os alunos tiveram liberdade em sua pesquisa na internet, inclusive como uma forma de aprender em relação à utilização de termos de buscas. O professor ficou no apoio e como um questionador nas buscas dos alunos. Orientando-os também com fontes de pesquisa na internet disponíveis nos links abaixo. "Jogos de Salão" – Futebol: Disponível em: < https://ge.globo.com/blogs/bola-nas-costas/post/2019/02/07/10-maneyras-de-brincar-com-futebol-que-fizeram-historia.shtml >. Acesso em: 05 de outubro de 2023. "Jogos populares/ de rua": Disponível em: < https://esportes.r7.com/futebol/fotos/relembre-11-maneyras-de-jogar-futebol-com-seus-amigos-de-infancia-que-so-a-rua-pode-ensinar-01082015 >. Acesso em: 05 de outubro de 2023. Disponível em: < https://uolesporte.blogosfera.uol.com.br/2014/12/02/13-maneyras-de-jogar-futebol-na-rua/ >. Acesso em: 05 de outubro de 2023. "Jogos Esportivos": Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Variantes_do_futebol >. Acesso em: 05 de outubro de 2023. Disponível em: < https://www.esportelandia.com.br/futebol/tipos-de-futebol/ >. Acesso em: 05 de outubro de 2023. "Brincadeiras de bola com os pés":

Disponível em: <<https://plannetaeducacao.com.br/2020/10/16/4-atividades-relacionadas-ao-futebol-que-podem-ser-praticadas-dentro-de-casa/>>. Acesso em: 05 de outubro de 2023.

Unidade de Ensino: Futebóis - 3ª AULA

Objetos de conhecimento:

Futebóis - Brincadeiras de bola com os pés

Objetivos de Ensino

- Promover a discussão sobre os “Futebóis” segundo Rezer (2009).
- Organizar junto aos alunos a construção dos temas a serem desenvolvidos nas próximas aulas conforme a discussão sobre o conceito de futebóis.
- Organizar a apresentação da pesquisa sobre os “Futebóis”

Objetivos de Aprendizagem

- Refletir sobre os conceitos trabalhados nas aulas anteriores de “Futebol” e “Futebóis”
- Conhecer corporalmente as práticas dos “Futebóis” elaboradas por outros grupos de alunos

Descrição das Atividades

1º momento

- Foi lembrado as práticas e conversas realizadas nas aulas anteriores buscando iniciar a proposta da organização das próximas aulas da proposta.

2º momento

- Nesse momento foi proposto que os alunos, junto do professor, organizassem as próximas aulas a partir da proposta dos “Futebóis” apresentada na última aula e a partir da pesquisa realizada por cada grupo.
- Em diálogo com os alunos ficou combinado das duas últimas aulas serem organizadas para a avaliação de toda a proposta.
- Se organizou as aulas e se escreveu no quadro a seguinte sequência de temas:
3ª Aula: Brincadeiras de bola com os pés
4ª Aula: Brincadeiras de bola com os pés
5ª Aula: Jogos populares/de rua
6ª Aula: Jogos de Salão
7ª Aula: Jogos esportivos
8ª Aula: Prática futebolística diferente proposta pelo professor
9ª e 10ª Aula: Avaliação

3º momento

- O grupo responsável pelo tema das “Brincadeiras de bola com os pés” apresentou sua proposta e discutiu com a sala as possibilidades de sua realização.
- No espaço da quadra o grupo de alunos responsáveis pelo tema da aula, com a ajuda do professor, organizou o espaço para a realização da brincadeira denominada “Artilheiro” e foi realizada as atividades.

“Artilheiro”

Em um espaço reduzido, jogam-se dois contra dois, com cada time tendo um jogador de linha (o artilheiro) e um goleiro. O goleiro lança a bola e o jogador de linha tenta com apenas um toque realizar a finalização para fazer o gol, sem a interferência do jogador de linha do outro time.

Unidade de Ensino: Futebóis - 4ª AULA

Objetos de conhecimento:

Futebóis - Brincadeiras de bola com os pés

Objetivos de Ensino

- Organizar as práticas corporais de “brincadeiras com a bola no pé” junto aos alunos relacionadas aos “Futebóis”;
- Propor um questionamento das práticas realizadas junto à proposta das aulas discutidas anteriormente e sua relação com os temas “Futebol” e “Futebóis”;

• Consolidar junto aos alunos o entendimento do termo “Futebol” e “Futebóis”.
Objetivos de Aprendizagem • Vivenciar e questionar as “brincadeiras com a bola no pé”; • Relacionar as práticas corporais de “brincadeiras com a bola no pé” propostas às discussões realizadas em aulas anteriores sobre os termos “Futebol” e “Futebóis”; • Compreender os termos “Futebol” e “Futebóis”.
Descrição das Atividades 1º momento • Em sala foi lembrado os combinados da aula passada em relação à organização das aulas da unidade. • Os alunos do grupo de “brincadeiras com a bola no pé” apresentaram as propostas pesquisadas pelo seu grupo. O professor, junto da turma, analisou a prática proposta, observando se ela entraria nas classificações propostas e nos objetivos já apresentados aos alunos nas aulas anteriores. O jogo consistia na formação de dois pequenos times que jogariam em um espaço reduzido. O objetivo era tentar fazer o gol chutando a bola de longe ou atrás da linha que divide o espaço em dois. Pela descrição do grupo, parecia muito com uma brincadeira tradicional futebolística chamada de “Gol a Gol”. • O grupo levou uma segunda proposta, mas seria feita apenas se desse tempo. O jogo era formado por duas equipes, onde uma se espalharia dentro da grande área da quadra e o outro ficaria do lado de fora. O time do lado de fora jogaria a bola para o alto para que o time de dentro da área controlasse a bola no alto e buscasse fazer o gol, que teria um goleiro neutro. Como não era uma atividade tão simples, se alterou a proposta, permitindo que a bola pudesse dar um quique no chão durante o controle da bola no alto. A atividade parecia muito com uma brincadeira tradicional futebolística chamada de “controlinho”. 2º momento • Realização das “brincadeiras com a bola no pé”. Os próprios alunos, com ajuda do professor, explicaram e organizaram as práticas. O professor buscou dar um suporte, misturando mais a turma, formando grupos mais heterogêneos. • Foi realizado com todos os alunos participando apenas da primeira proposta, devido ao tempo de aula e a logística de organização do espaço. A segunda proposta foi realizada apenas por um pequeno grupo de alunos. 3º momento • A conclusão da aula foi uma rápida roda de conversa com os alunos sobre as propostas trabalhadas. Foram feitos questionamentos se a proposta realmente entrou no tema de “brincadeiras com a bola no pé” e o que acharam da atividade em relação à dinâmica e à participação.

Unidade de Ensino: Futebóis - 5ª AULA
Objetos de conhecimento: Futebóis – Jogos populares/de rua
Objetivos de Ensino • Organizar as práticas corporais de “futebol de rua” junto aos alunos relacionadas aos “Futebóis” • Propor um questionamento das práticas realizadas junto à proposta das aulas discutidas anteriormente e sua relação com os termos “Futebol” e “Futebóis” • Consolidar junto aos alunos o entendimento do termo “Futebol” e “Futebóis”
Objetivos de Aprendizagem • Apresentar e explicar as práticas de “jogos populares/ de rua” escolhidas pelo grupo. • Vivenciar e questionar as práticas dos “jogos populares/ de rua”

• Relacionar as práticas corporais de “jogos populares/de rua” propostas às discussões realizadas em aulas anteriores sobre os termos “Futebol” e “Futebóis” • Compreender os termos “Futebol” e “Futebóis”
Descrição das Atividades 1º momento • Em sala foi lembrado os combinados da aula passada em relação à organização das aulas da unidade. • Foi lembrado rapidamente também os significados dos termos Futebol e “Futebóis” que estávamos trabalhando ao longo das aulas. 2º momento • Já no espaço da quadra, os alunos do grupo dos “jogos populares/ de rua” apresentaram as propostas pesquisadas pelo seu grupo. O professor junto da turma analisou a prática proposta, observando se ela entrava nas classificações propostas e nos objetivos já apresentados aos alunos nas aulas anteriores. • A atividade foi organizada pelo grupo responsável pelo tema da aula e o restante dos alunos, com a ajuda do professor, ajudaram a organizar o espaço. A atividade trazida pelo grupo nada mais era do que o famoso “golzinho”, uma atividade bem conhecida para quem brinca na rua de futebol. Se divide duas equipes com poucos jogadores em um espaço menor e se joga o futebol de uma maneira reduzida, com o objetivo de fazer o ponto acertando o gol pequeno ou golzinho. Na prática, acabou tendo uma adaptação e se usou toda a quadra com as balizas oficiais do futsal e com a sala toda participando. Ao final da atividade foi acrescentado mais uma bola no jogo. 3º momento • A aula foi concluída com uma conversa na arquibancada da quadra. O professor os questionou sobre a participação deles na atividade, sobre a dinâmica, sobre a quantidade de pessoas participando, sobre a aula de uma forma em geral.

Unidade de Ensino: Futebóis - 6ª AULA
Objetos de conhecimento: Futebóis – Jogos de salão
Objetivos de Ensino • Organizar as práticas corporais de “jogos de salão” junto aos alunos relacionadas aos “Futebóis”; • Propor um questionamento das práticas realizadas junto à proposta das aulas discutidas anteriormente e sua relação com os termos “Futebol” e “Futebóis”; • Consolidar junto aos alunos o entendimento do termo “Futebol” e “Futebóis”.
Objetivos de Aprendizagem • Apresentar e explicar os “jogos de salão” escolhidas pelo grupo; • Vivenciar e questionar os “jogos de salão”; • Relacionar as práticas de “jogos de salão” propostas às discussões realizadas em aulas anteriores sobre os termos “Futebol” e “Futebóis”; • Compreender os termos “Futebol” e “Futebóis”.
Descrição das Atividades 1º momento • Em sala foi feita uma conversa sobre todas as aulas que haviam sido feitas até ali e quais seriam as próximas aulas da proposta que construímos. Relembramos as atividades e a proposta que estava sendo trabalhada nas aulas com o Futebol e os “Futebóis”. • Foi conversado nesse momento também sobre o combinado feito entre professor e alunos sobre as avaliações nas duas últimas aulas da unidade.

2º momento

- Ainda em sala o grupo dos “Jogos de Salão” explicou o que são os jogos de salão e deu exemplos de alguns.
- Na quadra foram realizados os jogos de salão”. Os próprios alunos, com a orientação do Professor, explicaram e organizaram as práticas. O professor buscou misturar mais a turma, formando grupos mais heterogêneos.
- Foram realizadas as atividades do Totó ou Pebolim, o futebol de botão e o futebol de prego.
- Com uma participação e empolgação maciça dos alunos, as atividades práticas foram realizadas até o final da aula, não havendo a roda de conversa.

Unidade de Ensino: Futebóis - 7ª AULA

Objetos de conhecimento:

Futebóis – Jogos esportivos

Objetivos de Ensino

- Organizar as práticas corporais de “jogos esportivos” junto aos alunos relacionadas aos “Futebóis”;
- Propor um questionamento das práticas realizadas junto à proposta das aulas discutidas anteriormente e sua relação com os temas “Futebol” e “Futebóis”;
- Consolidar junto aos alunos o entendimento do termo “Futebol” e “Futebóis”.

Objetivos de Aprendizagem

- Apresentar e explicar os “jogos esportivos” relacionados aos “futebóis” escolhidos pelo grupo;
- Vivenciar e questionar os “jogos esportivos” propostos;
- Relacionar as práticas de “jogos esportivos” propostas às discussões realizadas em aulas anteriores sobre os termos “Futebol” e “Futebóis”;
- Compreender os termos “Futebol” e Futebóis”.

Descrição das Atividades

1º momento

- A aula foi iniciada com a conversa sobre a aula passada, do tema dos “Jogos de Salão”, que não havia dado tempo de fazer ao final da aula.
- Como nas aulas passadas, foi lembrado rapidamente o que já havia sido realizado nas aulas até esse momento e questionado a alguns alunos a explicação da nossa proposta de aulas sobre os “Futebóis”.
- Os alunos do grupo dos “Jogos esportivos” apresentaram sua proposta, trazendo o futevôlei como uma possibilidade para a vivência do futebol de uma maneira esportivizada.
- O professor buscou lembrar aos alunos conteúdos anteriores que já haviam sido trabalhados sobre a ideia do porquê o futevôlei seria considerado um esporte.

2º momento

- Na quadra, o grupo dos “Jogos esportivos” explicaram a sua proposta e começaram a pensar na organização. O professor, junto a todos os outros alunos, conversou sobre a proposta questionando se seria possível vivenciar o futevôlei do formato que ele é praticado no esporte, com a rede montada bem acima do chão. Se chegou a um consenso que era necessário fazer uma adaptação. Foram colocados cones separando as quadras ao invés de uma rede de vôlei.
- Com uma participação e empolgação maciça dos alunos, as atividades práticas foram realizadas até o final da aula, não havendo a roda de conversa.

Unidade de Ensino: Futebóis - 8ª AULA

Objetos de conhecimento:

Futebóis – Futebol Gaélico

Objetivos de Ensino • Possibilitar novas vivências relacionadas aos Futebóis; • Proporcionar a realização de uma prática futebolística diferente da maneira tradicional ao qual se joga no Brasil.
Objetivos de Aprendizagem • Vivenciar práticas não tradicionais do futebol; • Observar as possibilidades de vivências que o futebol proporciona; • Compreender a existência de diferentes modos de se vivenciar/praticar o Futebol.
Descrição das Atividades 1º momento • A aula foi iniciada com a conversa sobre a aula passada, do tema dos “Jogos esportivos”, que não tinha dado tempo de fazer ao final da aula. • Como nas aulas passadas, foi lembrado rapidamente o que já havia sido realizado nas aulas até esse momento e questionado a alguns alunos a explicação da nossa proposta de aulas sobre os “Futebóis”. • Nessa 8ª aula, como havia sido combinado com os alunos na organização da proposta de aulas, na 3ª aula, o professor se organizou para apresentar uma prática dos “Futebóis” diferente das que os alunos apresentaram. Uma ideia de proporcionar novas vivências relacionadas ao futebol que os alunos não conheçam. A prática futebolística escolhida, foi o Futebol Gaélico, uma variação do futebol meio misturado com handebol e Rugby, lá da Irlanda. Disponível em: <https://gq.globo.com/Prazeres/Esporte/noticia/2019/07/conheca-o-futebol-gaelico.html>. Acesso em: novembro 2023. 2º momento • Realização da prática do Futebol Gaélico, proposta pelo professor, na quadra da escola. 3º momento • Com uma boa participação e empolgação dos alunos, as atividades práticas foram realizadas até o final da aula, não havendo a roda de conversa.
Unidade de Ensino: Futebóis - 9ª AULA
Objetos de conhecimento: Futebol e Futebóis – Avaliação
Objetivos de Ensino • Possibilitar a construção de conhecimentos, coletivamente, a partir do conteúdo trabalhado ao longo das aulas; • Avaliar a construção de conhecimentos produzidos.
Objetivos de Aprendizagem • Construir conhecimentos de forma coletiva sobre o conteúdo trabalhado ao longo da proposta de aulas; • Registrar o conhecimento construído através da confecção de um cartaz.
Descrição das Atividades 1º momento • A aula foi iniciada com a conversa sobre a aula passada, sobre o Futebol Gaélico apresentado pelo professor, já que não tinha dado tempo de fazer ao final da aula. 2º momento • Após o breve momento de retomada ao que foi trabalhado nas aulas práticas e teóricas, a avaliação foi explicada, e os alunos se organizaram nos grupos para a realização da mesma, na própria sala de aula.

Avaliação: Os grupos elaboraram um cartaz sobre a proposta dos Futebóis que eles foram sorteados, apresentaram e realizaram ao longo das aulas. Os grupos irão construir na próxima aula um mural na escola para fixar esses cartazes e divulgar a proposta das aulas de ampliar a visão sobre as práticas dos Futebóis.

- A aula foi destinada exclusivamente para a realização da avaliação. O professor acompanhou os grupos e deu um suporte na confecção dos cartazes.

Unidade de Ensino: Futebóis - 10ª AULA

Objetos de conhecimento:

Futebol e Futebóis – Avaliação

Objetivos de Ensino

- Avaliar a construção de conhecimentos produzidas ao longo das aulas;
- Propiciar uma reflexão do que foi aprendido ao longo das aulas.

Objetivos de Aprendizagem

- Divulgar e apresentar o conhecimento produzido, adquirido ao longo da proposta de aulas;
- Refletir sobre o tema “Futebóis” trabalhado ao longo da proposta de aulas e registrar a reflexão.

Descrição das Atividades

1º momento

- Foi lembrado tudo o que já havíamos trabalhado até essa aula, os temas, as atividades, o significado da palavra Futebol, os temas dos “Futebóis”.
- Rapidamente o professor lembrou e explicou qual seria a dinâmica dessa aula, com os alunos fazendo a mesma avaliação que fizeram na 1ª aula (mas agora após ter participado de diferentes vivências), e logo após montariam o mural no corredor da escola sobre os “Futebóis”, com cada grupo colando o seu trabalho no mesmo.

2º momento

- Avaliação: Foi solicitado aos alunos para que em uma folha de caderno eles escrevessem sobre o entendimento deles sobre o futebol. Eles precisaram responder, através da escrita, as seguintes questões:
 - O que é o Futebol?
 - Qual a sua relação com o Futebol?
 - E os “Futebóis”, o que seria para você?
 - O que você achou de maneira geral das aulas de Futebol que tivemos? Escreva sobre as suas experiências nas aulas.
- Montagem do mural sobre os “Futebóis” com a colagem dos trabalhos realizados na aula passada pelos alunos.

Conclusão e avaliação das aulas

Para os registros da presente aula será realizado:

- O recolhimento da produção escrita dos alunos para avaliação do professor e a comparação com os registros escritos da 1ª aula;
- O registro de fotos da aula, com a respectiva autorização dos alunos;
- Registro por parte do Professor em seu diário de aula.

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.4 A primeira aula: preparando o terreno

A primeira aula da unidade foi um momento único na minha, ainda, curta trajetória como professor. Apesar de já conhecer muito bem os alunos, por ter trabalhado com eles nos últimos dois anos, fiquei muito ansioso, lembrando um

pouco as minhas primeiras aulas na educação básica. Sendo um projeto de aulas com uma projeção bem traçada, que demandava bastante organização para a realização daquilo que foi planejado, eu fiquei um pouco receoso com a possibilidade de não dar tempo de fazer o que foi pensado inicialmente. Somou-se ainda o fato de estar no final do ano letivo e a escola vivendo a organização de eventos com datas ainda a serem definidas.

Neste contexto, esta primeira aula ocorreu de maneira mais tensa, comigo apreensivo e apressando um pouco os alunos na avaliação diagnóstica, fazendo comentários gerais a respeito do futebol que, agora avalio, poderia ter esperado até que finalizassem a avaliação. Enfim, tive um pouco de dificuldade em trabalhar com uma “pressão” de tempo e em aceitar o fato, buscando em Caparroz e Bracht (2007), de que é na vida que se materializa o fazer pedagógico da EF, mesmo que parte dessa vida tenha vivido e pensado na concepção das aulas. Faltou maior tranquilidade e serenidade de minha parte para lidar melhor com a “vida em movimento” presente na sala de aula.

A aula, a princípio, foi organizada para ser trabalhada em três momentos, que se complementariam. O primeiro momento seria com a aplicação da avaliação diagnóstica. Os alunos deveriam responder duas questões gerais sobre o entendimento deles acerca do futebol (“O que é o Futebol?” e “Qual a sua relação com o Futebol?”) e, depois, realizariam um desenho sobre o que escreveram. Em um segundo momento iríamos conversar sobre o que eles registraram na avaliação e a aula seria concluída, em um terceiro momento, introduzindo a discussão do significado da palavra “futebol” e a ideia dos futebolis. Aqui a ideia era relacionar ao plural da palavra e à existência de várias maneiras de se jogar, pincelando, ainda, as ideias de Rezer (2009) e sua proposta da vivência de diferentes possibilidades junto a esse fenômeno. A proposta partiu do pressuposto de que esse movimento contribui para uma exploração, junto aos alunos, do significado das palavras e dos termos, buscando aprofundar na ideia do que realmente se propõem a transmitir.

Na prática, a aula acabou sendo realizada com uma organização diferente. A ideia era seguir como estava planejado, mas, no contexto da escola, da sala de aula e das minhas preocupações em relação ao tempo, a organização da aula acabou sofrendo algumas modificações. Não houve tempo para conversar sobre a proposta de Rezer, tendo optado, desse modo, apenas pela introdução à conversa sobre a

palavra “futebol”, sua origem, seus significados e uma rápida conversa sobre o plural do termo, os futebolis.

No primeiro momento da aula prática, na realização das avaliações diagnósticas, os alunos abraçaram a proposta de formas distintas. Alguns foram bem rápidos e mais desleixados em relação à avaliação, enquanto outros se envolveram bastante, fazendo a ilustração com maiores detalhes, “gritando” nomes de jogadores de futebol famosos e comentando a respeito de lances que ocorreram em partidas de futebol na televisão. Até abracei, automaticamente, a empolgação dos alunos e participei, de modo pontual, com comentários futebolísticos sobre times e sobre jogadores. Talvez aqui tenha me perdido um pouco e, avalio, posso ter interferido por demais sobre o entendimento de futebol, podendo ter influenciado nas respostas as quais pretendia avaliar.

Destaco, porém, que essa empolgação inicial era algo esperado, refletindo muito a popularização do futebol brasileiro, sua presença no cotidiano dos sujeitos e como, provavelmente, ele se adentrou na escola (Vago,1996a). Achei interessantíssima essa empolgação de parte significativa da turma, participando intensamente da aula, manifestando, por meio de falas e gestos, o gosto pelo futebol, reinventando e transformando a partida de futebol em um torcer dentro da sala de aula e retomando, assim, suas experiências anteriores com a prática corporal (Silva, 2004).

Figura 3 - Avaliação diagnóstica aula 1



Fonte: Arquivo pessoal.

O segundo momento da aula ocorreu por meio de uma conversa realizada após a avaliação diagnóstica. Busquei dialogar com o que eles responderam nas questões e tentei instigá-los a pensar o futebol como um fenômeno para além do jogo que é visto na televisão. Realizei uma leitura breve do que eles haviam registrado e os questionei sobre o que representaram em suas escritas e desenhos. Ficou evidente uma apropriação diferente pelos gêneros.

No caso dos meninos, ficou clara a aproximação deles com o tema, mas ainda muito arraigado às mídias tradicionais, com desenhos do campo verde com 11 jogadores e bastante desenhos de jogadores famosos. Esse, inclusive, foi um dos pontos que abordei com a sala: o papel das mídias na transmissão de imagens e informação a respeito do futebol que eles conhecem. Por exemplo, questionei sobre os campos verdes que eles desenharam e se, na região onde moram, conhecem algum campo de futebol com essas características. A resposta foi negativa, acompanhada de muitas risadas. Falei sobre várias questões que envolvem o futebol, desde questões da participação feminina, a questões políticas-econômicas que envolvem o investimento financeiro das empresas privadas nos times de futebol.

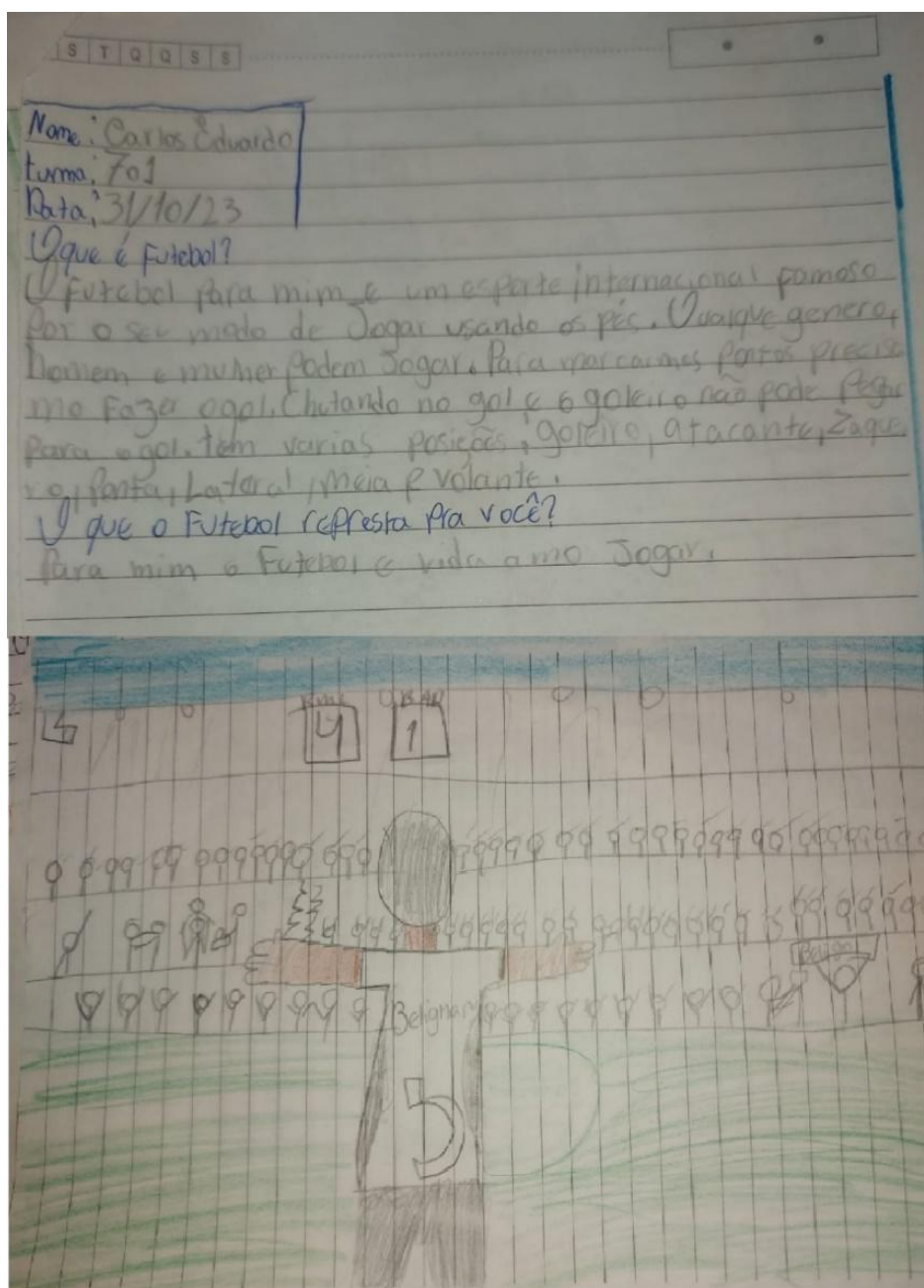
Busquei dialogar um pouco sobre o que Gonzáles e Ferstenseifer (2009) chamam de “estruturas e representações sociais que atravessam o universo das práticas corporais” (p.16). Ou seja, temas que atravessam as práticas corporais sem, necessariamente, estar vinculado de maneira específica a uma delas. São aqueles temas que estão presentes na sociedade e que, conseqüentemente, irão surgir nas práticas corporais, uma vez que elas estão presentes na nossa cultura.

Em relação às meninas, ao serem questionadas a respeito de suas respostas na atividade, algumas logo falaram que o futebol “não faz diferença nenhuma na vida delas” e que “não tem nenhum impacto”. Percebi que estavam pensando no sentido do gosto pessoal, como se eu houvesse questionado se elas gostam ou não de futebol. Assim, foi necessário fazer um adendo à opinião delas, explicando que a questão posta não era só em relação a fatos positivos do futebol, mas sobre o que esse fenômeno impacta na nossa vida. Dei como exemplo os torcedores que incomodam os vizinhos com seus gritos, berros, “zuações”, e argumentei que esse fato poderia ser algo negativo do futebol. Elas logo entenderam. Além, destaquei as questões presentes na sociedade, referentes à presença feminina no futebol, todo machismo que assola a participação das mulheres como torcedoras, jogadoras ou demais trabalhadoras do meio futebolístico. O objetivo foi fazer com que, a partir da

ênfase nesses fatos, elas refletissem, pensando que a indiferença ou esse “não gostar de futebol”, não era algo tão natural ou que surge do nada, podendo perpassar por outras situações sociais.

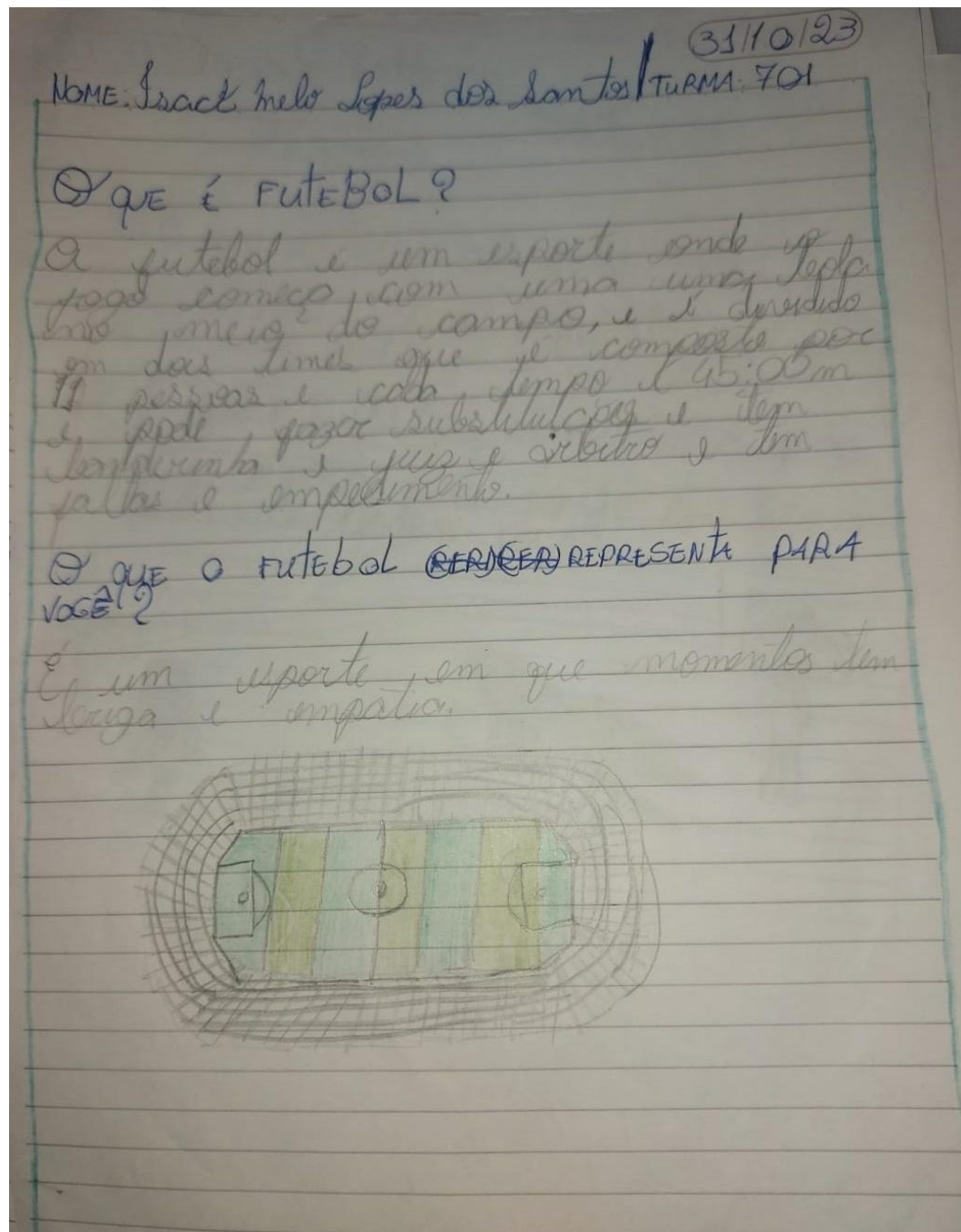
Seguem os registros dos estudantes sobre os significados que tem o futebol em suas vidas, Figura 4 e Figura 5, com registros de dois meninos, e Figuras 6 e 7, com registros de duas meninas:

Figura 4 - Avaliação diagnóstica aluno 1



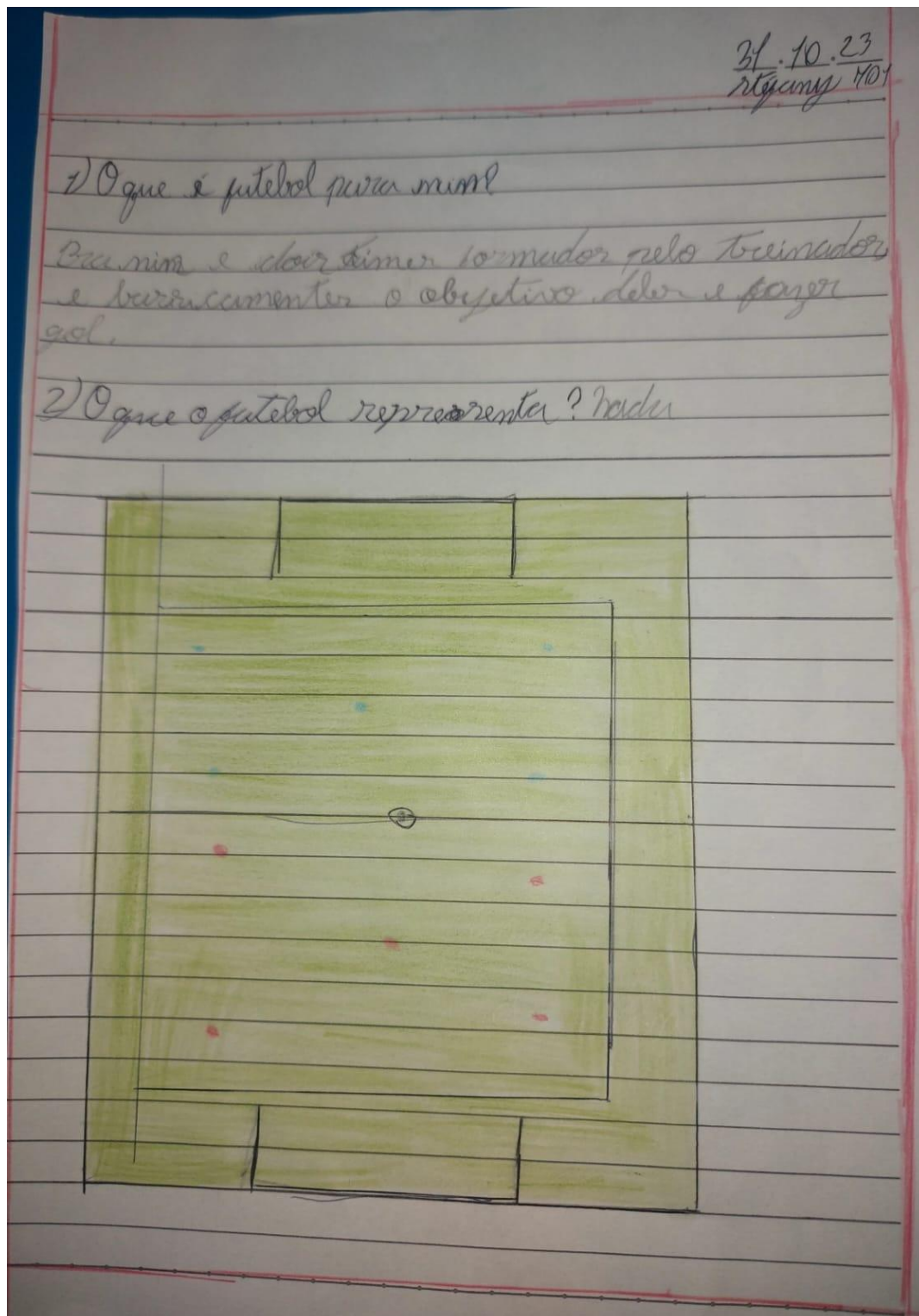
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 5 - Avaliação diagnóstica aluno 2



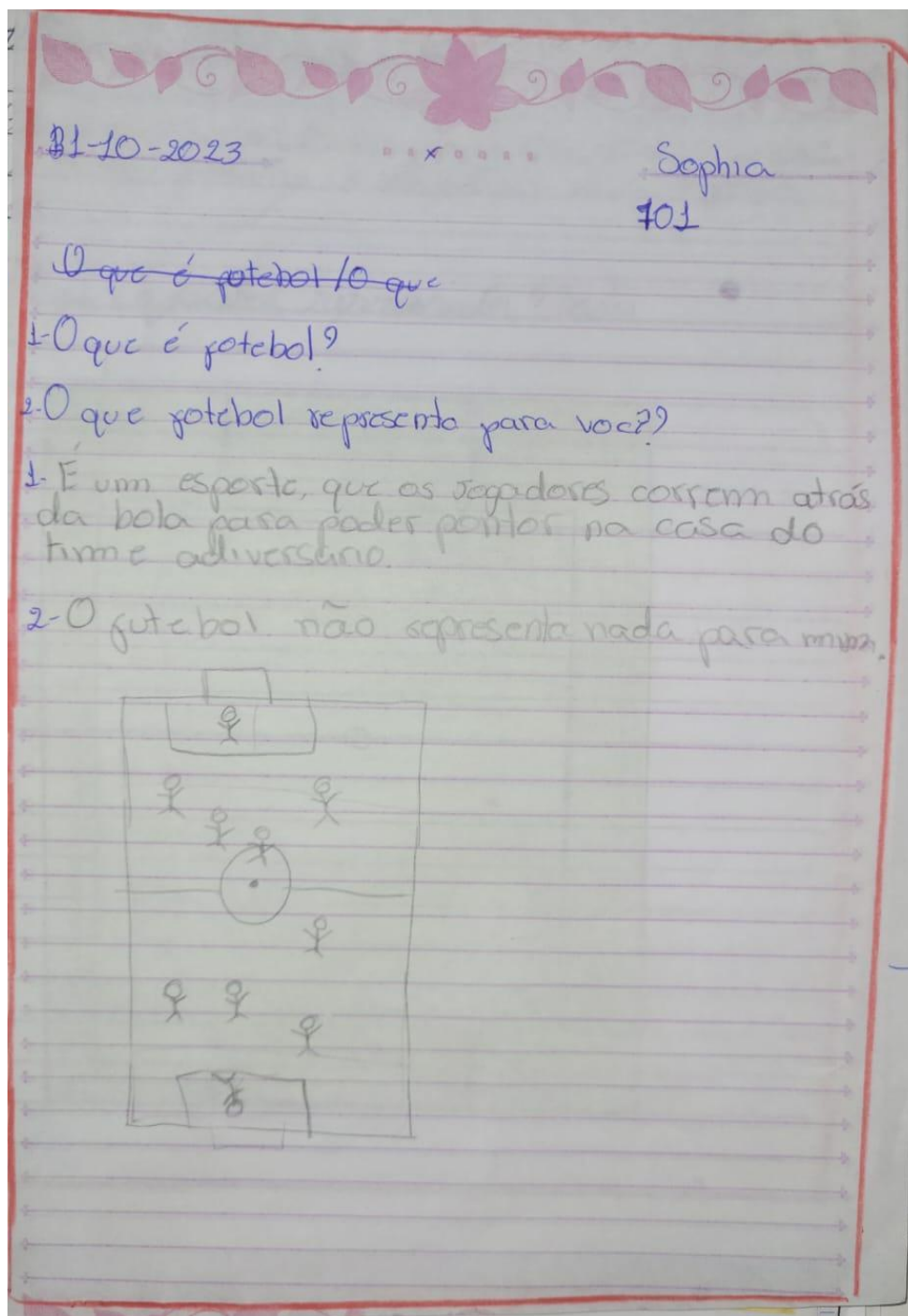
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6 - Avaliação diagnóstica aluno 3



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 7 - Avaliação diagnóstica aluna 4



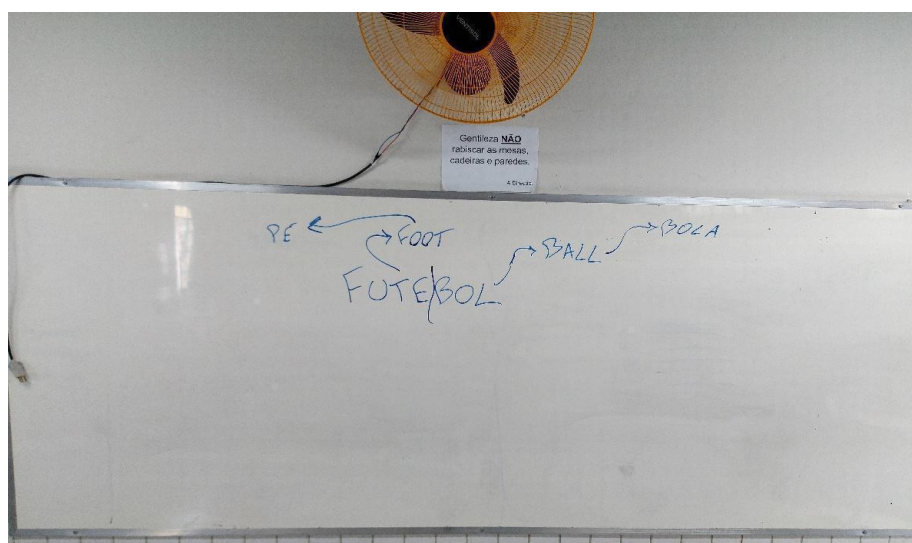
Fonte: Arquivo pessoal.

Em um terceiro momento, já em processo de conclusão da aula (visto que o tempo estava acabando), escrevi no quadro as palavras em inglês “foot” e “ball”, bola no pé e iniciei a discussão a respeito de como a origem do termo “futebol” se deu pela junção das palavras. Por fim, pincelei algumas ideias sobre os futebolís com o objetivo de aprofundar no entendimento sobre o que a etimologia da palavra, e o futebol no plural, podem representar.

Apesar do pouco tempo restante, busquei problematizar com os alunos a ideia do futebol como uma prática cultural que vai além dos significados que são postos pela mídia, levando-os a pensar que a prática do futebol pode ser apropriada pelos sujeitos de formas distintas a essa forma hegemônica. Fui conversando com os alunos a respeito desse entendimento das práticas com a bola no pé, se elas tinham alguma relação com o futebol ou não. Os questionei se o futebol era só aquele jogo de 11x11 ou 5x5, com duas balizas, marcações e regras padronizadas, ou se a prática do futebol, a partir da etimologia da palavra, poderia ser pensada e vivida de outras formas. Indaguei: *que outras possibilidades de jogar utilizando o pé e a bola existem?*

A reação dos alunos foi surpreendente, porque ficaram surpresos com essa possibilidade de o futebol ser algo além do campo verde, da quadra, das balizas. E, conforme o que estávamos discutindo sobre a ampliação do significado do termo futebol, eles foram se jogando na “brincadeira” com a palavra, cochichando um com o outro, falando um pouco mais alto na sala e construindo, de maneira mais aleatória, práticas com a bola no pé, sugerindo propostas, ideias, brincadeiras, que também poderiam ser o futebol. Fiquei surpreso com a receptividade dos estudantes e feliz por perceber que um dos objetivos da aula estava sendo alcançado. Nessa aula foi apenas introduzido a ideia dos futebolis como maiores possibilidades para o futebol, mas não foi possível iniciar a proposta de Rezer (2009).

Figura 8 - Foot/Ball



Fonte: Arquivo pessoal.

Avalio, de maneira geral, que essa primeira aula foi bem animadora, com uma participação massiva dos alunos, comentários pertinentes e alguns até mais

exagerados, dado o interesse gerado sobre o tema. Muitos ainda tratavam os ídolos do futebol e a rivalidade presente em Belo Horizonte, entre os times do Cruzeiro e do Atlético. Vale ressaltar a maior participação dos meninos do que das meninas nas atividades, apesar destas terem procurado questionar, comentar e buscar informações junto ao professor.

Gostaria de dar destaque a essa temática, à menor participação das meninas na aula e aos seus posicionamentos e entendimentos de que o futebol “não faz diferença em suas vidas”. Isso pode significar o gosto pessoal pela prática, mas também evidencia um fator cultural presente na sociedade ao não possibilitar, ou dificultar, o acesso das meninas, desde o nascimento, ao mundo futebolístico (Romero, 1994). Como abordado no referencial teórico, a história do futebol feminino no Brasil demonstra o quão foi, e é, difícil a participação das mulheres no futebol, com diversos tipos de preconceitos, estereótipos e, até mesmo, com ação estatal para proibi-las de jogar em determinadas épocas (Goellner, 2005). Todo esse contexto pode, ainda nos dias atuais, dificultar a participação feminina no futebol, dentro das próprias aulas de EF (Borttolin, 2011; Da Rosa; Souza; Borges, 2020).

O objetivo inicial da aula, de introduzir o termo “futebóis” baseado na proposta de Rezer (2009), não foi alcançado. O que me gerou maior ansiedade em relação à próxima aula, que daria prosseguimento à discussão sobre os futebóis com um conteúdo mais extenso. Esta tensão, entre a ação didática idealizada e a realizada, mostra que a prática pedagógica vivida em sala de aula é parte constituinte de uma proposta de aula organizada, e que precisa ser incorporada no desenvolvimento de um projeto de ensino. Algo que parece óbvio, mas que, na condição de professor pesquisador, dentro de sala de aula, não é de fácil percepção, como também, não é tarefa simples, dado o peso do tempo disponível posto pela pesquisa e regulado pela cultura institucional.

Essas reflexões lembram-me os debates de Hernandez (2007), sobre o desenvolvimento de projetos de trabalho. O autor argumenta que há de se pôr em questão as regras rígidas na realização das ações didáticas, no sentido de reconhecer a circulação de sentidos que atravessam a aula, a partir de uma intervenção proposta pelo professor. Esse entendimento tenciona os processos formativos da minha formação inicial e me interroga sobre “o que professor deve ser” e sobre “qual concepção pedagógica assumir no meu fazer pedagógico”.

4.5 Sobre a segunda aula: os futebolís entram em cena

A segunda aula foi organizada para acontecer em três momentos. Primeiramente, seria lembrado as conversas da aula anterior sobre o significado da palavra “futebol”, o plural do termo, os futebolís, e a proposta de Rezer (2009). Em um segundo momento, os alunos seriam organizados em grupos e iriam para a biblioteca pesquisar sobre os temas ligados ao futebol que Rezer trazia em seu trabalho. No terceiro e último momento, os alunos retornariam à sala com as informações futebolísticas pesquisadas. Esses dados os ajudariam a, junto ao professor, organizar aulas futuras a serem apresentadas por cada grupo. Entretanto, foi necessário realizar alterações na proposta inicial, devido à dinâmica corrida da aula anterior, que impossibilitou de introduzir a proposta de Rezer (2009).

Desse modo, na aula em questão, foi proposto retomar as conversas realizadas sobre o significado da palavra “futebol” e a ideia dos futebolís, para depois iniciar a conversa sobre a explicação do termo “Futebolís” proposto por Rezer, se complementando com a pesquisa na biblioteca. O último momento da aula foi organizado, a partir das pesquisas realizadas, para se discutir e construir com a participação ativa dos alunos a organização das aulas futuras. Último momento, esse, que foi pensando em diálogo com as ideias dos projetos de trabalho de Hernandez (2007), uma tradição que busca negociar, construir, com os alunos as propostas de aulas, em um processo de pesquisa junto a uma busca por fontes de informação.

Ao chegar na sala de aula logo percebi que o ambiente estava mais cheio que a aula anterior, havia quatro alunos a mais (sendo um deles o típico aluno que pede futebol o ano todo, em todas as aulas). Ao me deparar com esse fato, pensei o quão acertado foi colocar, na organização da aula, um momento destinado a lembrar, com mais detalhes, o que foi dito nas aulas anteriores. Visto que aqueles alunos “novatos” estavam “perdidos” em relação às conversas e à organização do tema já iniciado. Assim, iniciando a aula, pedi aos alunos que haviam participado da introdução ao tema futebolístico que fizessem comentários sobre o que foi conversado anteriormente, já buscando explicar para os alunos recém-chegados o que havia sido discutido - um modo que encontrei para fazer uma rápida avaliação do que os alunos aprenderam com a aula anterior. Foi um movimento que trouxe boas respostas aos meus questionamentos sobre o entendimento dos alunos sobre

as discussões acerca do futebol. Eles conseguiram explicar, tranquilamente, a ideia da palavra futebol, sua tradução, e as possibilidades a partir do seu significado.

Após o instante lembrando as discussões realizadas, retomei a introdução realizada anteriormente sobre os futebolis e busquei aprofundar o diálogo, introduzindo a conversa sobre o termo “Futebolis” cunhado por Rezer. A ideia foi bem parecida com a da aula anterior, seguindo o objetivo de aprofundar no entendimento das palavras e suas representações. Ao escrever a palavra no quadro, os alunos a estranharam, alguns não a reconheceram e alguns até comentaram que estava escrita errada, mesmo que na aula anterior eu já houvesse pronunciado tal palavra.

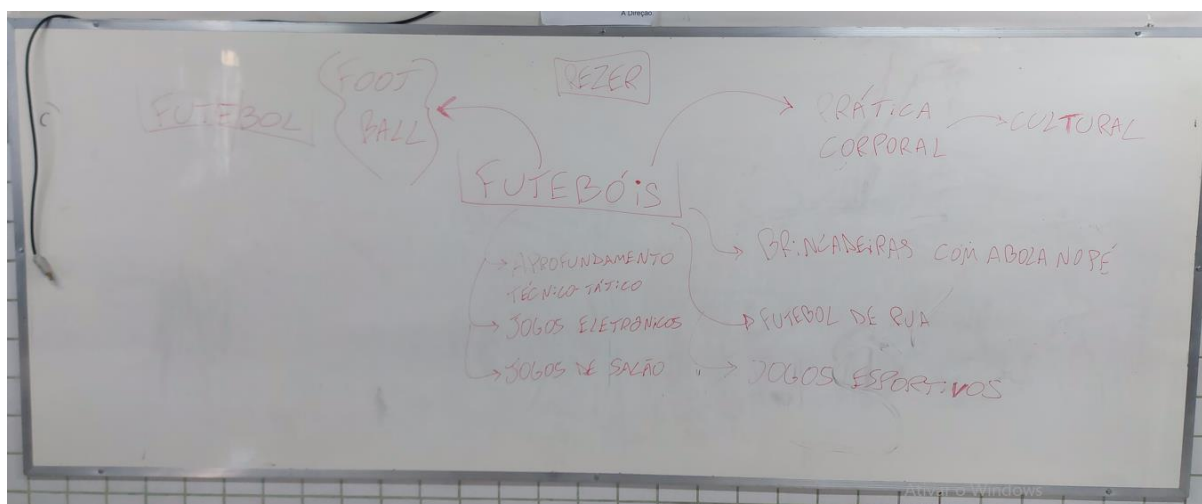
Os alunos que comentaram algo sobre o próprio futebol, o fizeram abordando o futebol profissional midiático, os diferentes futebolis praticados pelos times profissionais e suas diversas maneiras de se jogar futebol com jogadores de níveis variados de habilidade. Chegaram a, inclusive, comparar o nível do futebol da Europa com o brasileiro. A princípio, achei engraçado, mas ao absorver esse “não entendimento” dos alunos, ali no momento da aula, percebi que, realmente, não se trata de uma palavra comum de se ler e que, até mesmo eu, só observei o termo com maior cuidado na minha preparação anterior às aulas, após ler alguns artigos sobre o tema (Rezer, 2009; Souza Junior; Darido, 2010; Faria; Santana, 2020). A partir desse estranhamento, utilizei da própria palavra para questioná-los. Separei o “s” e fui lembrando o que essa letra normalmente representa quando está no final das palavras. Logo eles perceberam a ideia do plural, da pluralidade, e começaram a lembrar de algumas outras práticas relacionadas ao mundo do futebol – futevôlei, futebol de areia, futsal.

A partir desse entendimento, comentei brevemente sobre as práticas corporais como práticas culturais, afirmando que, apesar do futebol ter o esporte em si como a prática de maior destaque no mundo, existem diversas outras práticas corporais ligadas ao movimento de chutar a bola com o pé, e ao futebol, que não tem a mesma visibilidade na mídia, mas que são tomadas como significativas para a vida das pessoas e comunidades. Um exemplo básico que utilizei, e que os alunos rapidamente entenderam, foi o questionamento sobre a possibilidade ou não de vivenciar, em qualquer lugar, o futebol de campo com 22 jogadores. O que eles responderam negativamente, já que não tinham acesso às condições materiais para tal vivência.

Neste momento, comentei de adaptações que poderiam ser feitas para que as pessoas pudessem vivenciar o futebol de forma distinta de como viam na TV e nas mídias sociais. A isso os alunos responderam que vivenciam o futebol com denominações e associações para com os jogos e brincadeiras nas ruas e praças do bairro, como as brincadeiras do “golzinho”, “rebatida”, “controlinho”, “peruzinho”, “dois toques”. Dialoguei com os alunos, buscando na história, a ideia de que o futebol é um produto cultural que sofreu transformações e evoluções no tempo em função dos interesses econômicos e sociais, das demandas por espaço de lazer, das lutas por igualdade de gênero, raça e classe e dos interesses pessoais de cada um dos sujeitos. Foi o gancho para introduzir a taxonomia proposta por Rezer (2009), no que trata das diferentes manifestações do futebol na cultura.

Escrevi essa taxonomia no quadro, já pensando na atividade de pesquisa a ser realizada na biblioteca, com os estudantes. No quadro, escrevi, ainda, as seis tematizações que o autor propôs para o ensino do futebol: brincadeiras com a bola no pé, jogos populares/futebol de rua, jogos de salão, jogos esportivos, jogos eletrônicos, aprofundamento técnico/tático.

Figura 9 - Futebóis



Fonte: Arquivo pessoal.

Após expor a classificação proposta por Rezer, na lousa da sala de aula, os alunos foram instigados a comentar ou explicar cada uma destas classificações sobre o futebol. Os temas que geraram maiores dúvidas entre os estudantes foram os dos jogos de salão, que foram confundidos com o futebol de salão (como era conhecido o futsal antigamente) e o aprofundamento técnico/tático, que eles não faziam ideia do que era. Foi necessária uma melhor explicação de cada um dos

temas, pontuando que os jogos de salão são aqueles jogados, normalmente, em locais fechados (em salas, conhecidas por salão) e que faz uso de peças representativas dos jogadores, de implementos e equipamentos que simulam um jogo de futebol (o totó, o futebol de prego, o futebol de botão). Após essa explicação ficou mais claro o porquê da designação do futebol de salão.

Sobre o tema aprofundamento tático/técnico, problematizei com os estudantes que está relacionado com formas de entendimento e leitura de como acontecem as práticas, buscando uma maior praticidade/facilidade em sua realização. Uma explicação mais fácil que veio à cabeça foi em relação ao treinamento dos jogadores profissionais e aqueles realizados nas escolinhas dos bairros. Exemplifiquei com a ideia de um técnico que propõe atividades para que os jogadores melhorem o seu jeito de praticar o esporte, buscando tanto tocar e chutar melhor a bola, quanto se movimentar melhor para receber a bola de maneira mais livre.

Já com o tempo da aula se esgotando, e uma preocupação em relação à pesquisa futebolística organizada para o segundo momento da aula, expliquei rapidamente a proposta do trabalho em grupo que faria parte das aulas nas próximas semanas. Assim, cada grupo seria sorteado com um dos temas explicados e teriam que escolher uma atividade prática em relação ao tema para apresentar à turma e “organizar” a atividade a ser realizada na quadra. Em comum acordo com os alunos, dividimos a sala em quatro grupos, distribuindo quatro dos temas explicados anteriormente.

Os temas “jogos eletrônicos” e o “aprofundamento técnico- tático” foram retirados da proposta. Foi uma opção pessoal que expliquei rapidamente aos alunos e fiquei de, na próxima aula, explicar com mais tranquilidade. Uma vez que estávamos no final do ano letivo, percebi que não teria tempo hábil de trabalhar com os seis temas propostos pelo autor, tendo que escolher dois para serem excluídos. Os jogos eletrônicos demandavam uma certa estrutura física e material que a escola não possuía, ou um tempo para organizar essa estrutura, algo que também não teríamos. E o aprofundamento técnico/tático, além de ser algo mais complexo de se trabalhar (entendi que demandar isso dos alunos não seria viável naquele momento), é uma parte do futebol que está presente cotidianamente nas escolinhas de esportes, no esporte de rendimento e nos discursos que circulam nas mídias tradicionais que cobram a ligas profissionais deste esporte. O que, de certa forma,

me distanciou, naquele momento, do tema. Todavia, entendo ser um conteúdo importante a ser discutido com os estudantes, pois entendo que o mesmo é também importante para a compressão do futebol. Esses dois temas eu propus trabalhar com os alunos em algum momento futuro.

Após a divisão de grupos e dos temas, fomos à biblioteca para que cada grupo buscasse informações, utilizando os computadores e o acesso à *internet*, sobre o tema sorteado, como também, pesquisassem práticas corporais vinculadas com o seu tema que pudessem ser apresentadas a toda a turma. Os alunos tiveram algumas dificuldades na pesquisa, encontrando bastante informação em relação ao futebol, notícias, placares, tabelas de campeonatos, mas pouca coisa específica sobre o tema do trabalho.

Os grupos que ficaram com “as brincadeiras com a bola no pé” e “os jogos populares/futebol de rua”, tiveram maior facilidade, pois são os termos mais populares e de mais fácil acesso na *internet*. Já os grupos dos “jogos de salão” e dos “jogos esportivos” tiveram um pouco mais dificuldade, necessitando da minha ajuda para definir os termos corretos a serem pesquisados. O termo “jogos esportivos”, confundiu um pouco os alunos, com eles encontrando bastante coisa em relação a vários esportes, incluindo o futebol, mas não conseguindo filtrar informações específicas em relação à proposta. Desse modo, eu apenas os guiei a encontrar os termos corretos para a pesquisa.

O grupo dos “jogos de salão”, por sua vez, foi bem mais complicado. Não é um termo fácil de se encontrar na *internet*, mesmo relacionado ao futebol. Com a correria da aula, ficou ainda mais difícil fazer essa busca. Mas, o diálogo estabelecido com o grupo, foi bastante rico e esclarecedor, tanto para mim quanto para os estudantes, pois pudemos ampliar nossa capacidade de pesquisa, como também, conhecer diferentes jogos relacionados ao tema. A partir do diálogo, fomos jogando termos diferentes na busca até chegar em informações que nos foram úteis para aquele momento. No Quadro abaixo estão dispostos os endereços dos *sites* que foram por mim indicados para que os estudantes realizassem a pesquisa:

Quadro 4 - Sites/Fontes de pesquisa

“Jogos de Salão”	Disponível em: < https://ge.globo.com/blogs/bola-nas-costas/post/2019/02/07/10-maneyras-de-brincar-com-futebol-que-fizeram-historia.ghtml >. Acesso em: 02 de novembro de 2023.
-------------------------	--

“Jogos populares/ de rua”:	Disponível em: < https://esportes.r7.com/futebol/fotos/relembre-11-maneiras-de-jogar-futebol-com-seus-amigos-de-infancia-que-so-a-rua-pode-ensinar-01082015 >. < https://uolesporte.blogosfera.uol.com.br/2014/12/02/13-maneiras-de-jogar-futebol-na-rua/ >. Acesso em: 02 de novembro de 2023.
“Jogos Esportivos”:	Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Variantes_do_futebol https://www.esportelandia.com.br/futebol/tipos-de-futebol/ >. Acesso em: 02 de novembro de 2023.
“Brincadeiras de bola com os pés”:	Disponível em: < https://plannetaeducacao.com.br/2020/10/16/4-atividades-relacionadas-ao-futebol-que-podem-ser-praticadas-dentro-de-casa/ >. Acesso em: 02 de novembro de 2023. Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 10 - Pesquisa dos Jogos de Salão

MENU

ge

BOLA NAS COSTAS

Q BUSCAR

10 maneiras de brincar com futebol que fizeram história

Lista relembra época em que não era preciso tanta tecnologia pra se divertir com o futebol

Por Bola nas Costas

07/02/2019 14h59 · Atualizado há 5 anos









Fonte: Globo Esporte – Site¹².

¹² Disponível em: <<https://ge.globo.com/blogs/bola-nas-costas/post/2019/02/07/10-maneiras-de-brincar-com-futebol-que-fizeram-historia.ghml>>. Acesso em: 02 de novembro de 2023.

Figura 11 - Biblioteca da Escola



Fonte: Arquivo pessoal.

Devido ao avançar do tempo, a aula foi concluída na própria biblioteca. Dei apenas alguns recados em relação à próxima aula e à continuidade do projeto, além de cobrar que os grupos organizassem a pesquisa, já se preparando para apresentar as atividades encontradas relacionadas ao seu tema e organizar a sua prática no espaço das quadras. Antes de liberá-los, alguns alunos cobraram sair de sala na próxima aula, já que tivemos duas aulas seguidas dentro de sala. Consenti, mas falei que tudo dependeria da nossa organização no início da próxima aula.

Nessa primeira aula eu já havia percebido, mas ficou mais evidente o quão desafiador era construir uma proposta de ensino em que se aposta no diálogo com os estudantes e no exercício coletivo da pesquisa. Além das minhas dificuldades pessoais, e dos meus limites de formação profissional para desenvolver o ensino com essa concepção pedagógica, havia também o peso da maquinaria escolar. O que mais pesava era o controle do tempo. Por um lado, tinha que concluir as aulas programadas para fins da realização da pesquisa, por outro, o tempo disponível era limitado, uma vez que o calendário da escola criava sérios constrangimentos.

Dificultou muito nesse contexto a ideia de não seguir regras rígidas, de ter uma proposta menos previsível, de caminhar mais no tempo dos alunos, no estímulo à participação coletiva e no exercício constante da problematização dos objetos de ensino. Com o tempo disponível apertado, não tive a tranquilidade necessária para

aprofundar na dinâmica mais processual. Muitas vezes tive que ser mais duro com alguns estudantes, cobrando deles maior envolvimento. Tudo isso porque fiquei preso no que foi planejado e queria que o planejamento ocorresse tal como havia pensado, além de ter uma grande preocupação de reservar um tempo para a vivência das práticas futebolísticas.

Essas questões se somam ao fato da inovação no ensino do futebol que propus aos alunos, uma vez que eles precisariam entender que as aulas práticas/na quadra, aconteceriam, mas apenas em um momento posterior à construção teórica sobre o tema. Algo que, na realidade dos alunos, dentro da EF, muita das vezes não acontece, sendo mais comum as vivências desconexas de uma sistematização dos conteúdos (Machado *et al.*, 2010; González, 2019). Além, os alunos trazem consigo conhecimentos específicos sobre o futebol, de seu contexto, que muito se remete a vivência prática do jogo de futebol tradicional (Faria, 2014), gerando, assim, alguns tensionamentos sobre o modo como os alunos entendem e querem praticar o futebol e o modo como eu quis apresentá-lo nas aulas.

Mesmo diante desses dilemas, entendo que a experiência foi fundamental para aprender que é possível, nas escolas e na EF, desenvolver ações pedagógicas com tais características.

4.6 Sobre a terceira aula: iniciando a vivência dos futebóis

Era a terceira aula e eu ainda estava um pouco ansioso com o caminhar do projeto. Estava receoso com o tempo disponível para a realização das práticas dos “futebóis”, uma vez que ainda não havíamos iniciado as experiências de movimentação no chão da quadra. Somando-se a isso, existia uma pequena pressão, através de questionamentos dos alunos, sobre o “fazer a aula na quadra”, sobre o “jogar bola” que havia sido proposto e explicado no início da proposta de aulas. Essa ansiedade, tanto minha quanto deles, em desenvolver as práticas, acabou por dificultar um dos objetivos dessas três aulas iniciais, que era a de aprofundar no entendimento dos termos “futebol” e “futebóis”. Fato que me demandou uma retomada constante às explicações básicas apresentadas nas duas aulas anteriores sobre os termos e, conseqüentemente, ficando sem tempo para dar continuidade às aulas.

É evidente que um componente curricular como a EF tem como uma de suas especificidades o movimento corporal, o aprender um saber corporal, um saber fazer corporal (Bracht, 1999). Essa singularidade gera um conjunto de expectativas nos alunos de que a aula da EF seja distinta das demais disciplinas. Tal distinção cria uma falsa oposição: aprendizagem conceitual ocorre nas outras disciplinas; na EF vivenciam-se movimentos, em geral, pouco sistematizados, nos quais os conceitos são tomados como estranhos a esse componente curricular.

Ao incorporarem esse aspecto da cultura escolar, os alunos acabam criando uma grande pressão, com falas e gestos, para saírem da sala de aula tradicional e irem para quadra. Parece que o incômodo dos alunos também advém do fato de que estavam tendo aulas de futebol, mas que, até o momento, não haviam ocorrido as experiências de movimentação corporal com o futebol. Para eles ia ficando inconcebível o fato de ter aulas de futebol em que a prioridade inicial era aprender conceitos sobre o futebol. Um entendimento que, para além do aspecto da cultura escolar, está presente em seus cotidianos, onde se vivencia bastante o futebol através de experiências de movimentação e pouco aprofundamento em conceitos sobre o mesmo, o que influencia diretamente as expectativas dos mesmos junto as aulas de ensino de futebol (Faria, 2014) e acaba gerando toda uma relação de confronto entre as culturas. Uma relação, como diria Vago (2009), de tensão permanente.

Dentro da organização da aula existiam dois momentos, mais um terceiro, caso os dois primeiros fossem concluídos em um tempo razoável para que conseguíssemos sair da sala e nos direcionarmos à quadra. O primeiro momento foi pensado para se retomar o que foi realizado nas aulas anteriores e para discutir os conceitos de futebol e futebóis, para que conseguíssemos dar continuidade às aulas de maneira com que os alunos participassem e entendessem melhor a proposta sobre os temas futebolísticas apresentada nas aulas anteriores.

No segundo momento foi pensado a construção com os alunos dos temas das aulas seguintes, baseado no que foi discutido e pesquisado nas duas primeiras aulas da unidade. Imaginando que os alunos viriam para a aula com as pesquisas realizadas e preparados para proporem uma atividade prática conforme o seu tema, eu, o professor, ficaria como mediador e os alunos iriam, juntos, organizar as propostas a serem praticadas nas quatro aulas seguintes. O terceiro e último

momento, caso sobrasse tempo, seria a proposta de irmos para a quadra já iniciar um dos temas escolhidos pelos alunos.

Ao iniciar a aula, seguindo como o planejado, retomei a conversa sobre o termo “futebol” e sobre os futebóis, buscando avaliar o entendimento e até o comprometimento dos alunos com as aulas. Ficou claro que, boa parte dos alunos, incorporou um conceito de futebol a partir da associação e junção das palavras pé e bola. Compreenderam também que o conceito de futebóis está relacionado ao plural de futebol e que, esse plural, expressa a ideia da existência de diferentes maneiras de se jogar/vivenciar o futebol. Alguns alunos reivindicavam: “dá os futebóis aí”.

Porém, em relação à proposta de Rezer (2009), com a tematização dos “futebóis” e os diferentes temas relacionados ao futebol, eles não lembravam tanto e alguns comentaram que não entenderam muito bem. O que me instigou a pensar que, provavelmente, a maioria, apesar de ter feito a pesquisa sobre os temas na aula anterior, não a organizou para ser apresentada na aula presente. Fiquei um pouco preocupado com a realização da parte prática na quadra, que tinha a possibilidade de ocorrer no último momento da aula.

Ainda na introdução da aula, escrevi no quadro o termo “futebóis” e explicitiei os quatro temas que havíamos conversado e separado os grupos na aula passada: “brincadeiras com a bola no pé”, “jogos populares/futebol de rua”, “jogos de salão”, “jogos esportivos”. Reforcei a questão dos temas que foram excluídos, “jogos eletrônicos” e o “aprofundamento técnico/tático”, e relembrei as particularidades da escolha. Após a escrita no quadro, questionei os alunos sobre os significados dos quatro termos relacionados ao futebol. Os “jogos populares/ de rua” e as “brincadeiras com a bola no pé” eles explicaram com certa tranquilidade, até porque os nomes são mais autoexplicativos e estão mais presentes no seu cotidiano. Entretanto, sobre os “jogos esportivos” e os “jogos de salão”, os alunos não lembravam tanto, relacionando-os ao futebol de campo e ao futebol de salão/futsal, tendo sido preciso retomar esses temas com mais calma.

Destaco que os “jogos de salão”, realmente, são difíceis de se entender, uma vez que o termo não está presente no nosso cotidiano. Procurando uma explicação mais prática, revisei o texto de Rezer (2009), para buscar o significado, a ideia de jogos que são realizados em menores espaços, em salões de jogos. Ao utilizar de exemplos mais próximos dos alunos ficou mais fácil o entendimento, como o futebol de mesa, o futebol de mão, os jogos de tabuleiros relacionados ao futebol, o futebol

de prego. Quanto aos “jogos esportivos” relacionados ao futebol, lembrei um pouco de características dos esportes trabalhados com a turma anteriormente e a ideia de regras mais fixas, práticas organizadas por instituições, que têm uma maior divulgação nas mídias, procurando dar alguns exemplos que poderiam ser mais próximos deles como o futsal, o fut7, o futevôlei.

Aqui é interessante notar que os alunos tinham maior conhecimento daquelas práticas futebolísticas mais presentes nas mídias tradicionais, como o futebol de campo, e no seu dia a dia, com as adaptações do futebol às brincadeiras com a bola no pé e ao espaço da rua. Isso diz muito das características da popularização futebolística no Brasil, com o papel da imprensa e do estado muito intenso nesse processo de divulgação do futebol tradicional (Gomes, 2016b), além da própria ideia de fácil adaptação da prática futebolística para a realidade do brasileiro (Melo, 2000). Entretanto, oportuno destacar que, de certa forma, diz sobre o processo de esportivização pela qual a EF vivenciou, com práticas futebolísticas não tradicionais sendo desconhecidas ou não vivenciadas pelos alunos, como os jogos de salão e os jogos esportivos futebolísticos não tradicionais que muitos ali não conheciam. Dizendo assim, sobre a importância da EF em buscar novas possibilidades ao ensino do futebol, com características críticas, e que permita aos alunos acessarem novas maneiras de se vivenciar os muitos futebolis (Silveira; Pinto, 2008; Rezer, 2009; Souza Junior; Darido, 2010; Faria; Santana, 2020).

Dando continuidade à aula, iniciei o segundo momento lembrando-os do combinado de construirmos juntos a organização das próximas aulas, segundo o que havíamos dialogado e pesquisado nas aulas anteriores. Assim, a partir da pesquisa realizada pelos alunos sobre os quatro temas futebolísticos apresentados, pensaríamos a organização das próximas quatro aulas, onde cada grupo apresentaria e organizaria a vivência das atividades pesquisadas referente ao seu tema.

Era esperado que houvesse uma maior participação dos alunos, mas não foi o que aconteceu, comigo, na função de professor, tendo que estar mais presente na condução da organização da aula. Imaginei que os alunos iriam tecer mais comentários e tirar dúvidas a respeito das atividades que encontraram, apresentando questionamentos e embates sobre a ordem das apresentações dos grupos, mas foi necessário eu estar mais à frente para que a organização e os diálogos sobre as propostas ocorressem. Somou-se o curto tempo de aula que ainda

tínhamos, já que eu pensava na possível realização da atividade na quadra, num terceiro momento da aula.

Buscando caminhar com a organização, visto que os alunos, até aquele momento, pouco se prontificaram ao diálogo, achei importante colocar no quadro da sala dez tópicos referentes às próximas dez aulas, para que houvesse uma facilitação no entendimento dos temas principais das mesmas (Figura 12). Como já havíamos feito duas aulas da proposta, e estávamos agora na terceira, foi riscado os dois primeiros tópicos. Nesse momento, acrescentei ainda que, caso tivesse tempo nessa terceira aula, um dos grupos apresentaria uma de suas práticas pesquisadas na aula anterior, lá na quadra. Após esse comentário, foi perceptível o desconforto de toda a sala, visto que a maioria dos grupos não levou as atividades pesquisadas na aula anterior.

Era algo um pouco esperado, visto que essa aula se desenvolveu após um feriado prolongado e os alunos esquecerem de realizar a tarefa. Imaginei que algo do tipo poderia acontecer, assim, levei algumas propostas ante esse esquecimento por parte dos estudantes. Entretanto, superando minhas expectativas, um dos grupos, o de “jogos e brincadeiras com a bola no pé”, comentou que tinha no caderno a proposta deles escrita. Aproveitei a situação e propus aos alunos que esse grupo assumisse a atividade prática dessa terceira aula e da quarta aula, visto que, na aula presente, o tempo já estava curto e daria tempo apenas de iniciar as atividades do grupo. Todos os alunos aceitaram a ideia, e alguns até ficaram felizes com a situação, visto que nenhum outro grupo tinha levado as suas atividades feitas na pesquisa da aula anterior e, desse modo, não poderiam apresentar.

Dentro da organização da proposta das dez aulas, a 5ª, a 6ª e a 7ª aula, seriam divididas entre os outros três grupos restantes para a apresentação de suas pesquisas. Após a minha introdução à organização e escrita dos tópicos das aulas no quadro, os próprios alunos começaram a dialogar e definiram a sequência das próximas aulas. Nesse contexto, de auto-organização, a quinta aula ficou com o grupo dos “jogos populares/futebol de rua”, a sexta aula com o grupo dos “jogos de salão” e a sétima aula com o grupo dos “jogos esportivos”. Após essa definição, combinei com os alunos que nas duas últimas aulas, a 9ª e a 10ª, seria necessário realizar atividades avaliativas, tanto para o ano letivo da escola, quanto para a proposta de aulas sobre os “futebóis”. Entretanto, a 8ª aula ainda estava sem um

tema específico. Busquei dialogar com os alunos os instigando a pensar alguma solução para essa questão.

Nesse diálogo surgiu a ideia, por parte dos alunos, de repetir uma das práticas que seriam realizadas ao longo das aulas quatro, cinco, seis e sete, sendo a prática escolhida ao final da sétima aula pela votação da maioria. Consenti com a proposição vinda dos alunos, pois achei que seria importante valorizar o interesse e o gosto deles por uma das atividades realizadas ao longo das aulas. Porém, naquele momento, lembrando de algumas leituras a respeito do ensino do futebol, como em Souza Junior e Darido (2008), que procuravam diversificar e aprofundar o futebol enquanto um conteúdo, me atentei que poderia ser interessante levar mais uma possibilidade de vivência futebolística aos alunos, diferente daquelas que eles vivenciariam ao longo das aulas e diferente daquelas que eles têm contato no dia a dia.

Sobre essa aula, pensei, especificamente, no Futebol Gaélico irlandês. Optei por não os apresentar a ideia, porque poderia aparecer dentro das atividades propostas pelos alunos e, também, para ser um elemento surpresa. Desse modo, propus essa ideia aos alunos e pedi que escolhessem entre essas duas possibilidades colocadas para a oitava aula. Após uma breve conversa foi feita uma votação, da qual eu me abstei, e a minha proposta de levar mais uma novidade dentro dos futebolis venceu. Estava organizado ali o tema das próximas sete aulas da proposta dos futebolis segundo Rezer (2009).

A escolha de ter proposto na oitava aula uma prática futebolística diferente das práticas tradicionais, foi importante. Eu não tinha a certeza, mas imaginava que as atividades que os alunos levariam para suas apresentações, poderiam ser práticas com menos complexidade, ou mesmo que eles já conheciam, visto que os alunos poderiam querer uma atividade mais fácil de explicar. Propor práticas inovadoras que não estão no dia a dia dos alunos seria uma possibilidade de aumentar o entendimento e a vivência junto aos futebolis, contribuindo para que pudessem perceber que o futebol não é uma prática fixa, mas que está em constante movimento com adaptações, alterações, conforme o contexto e a cultura em que ele é praticado.

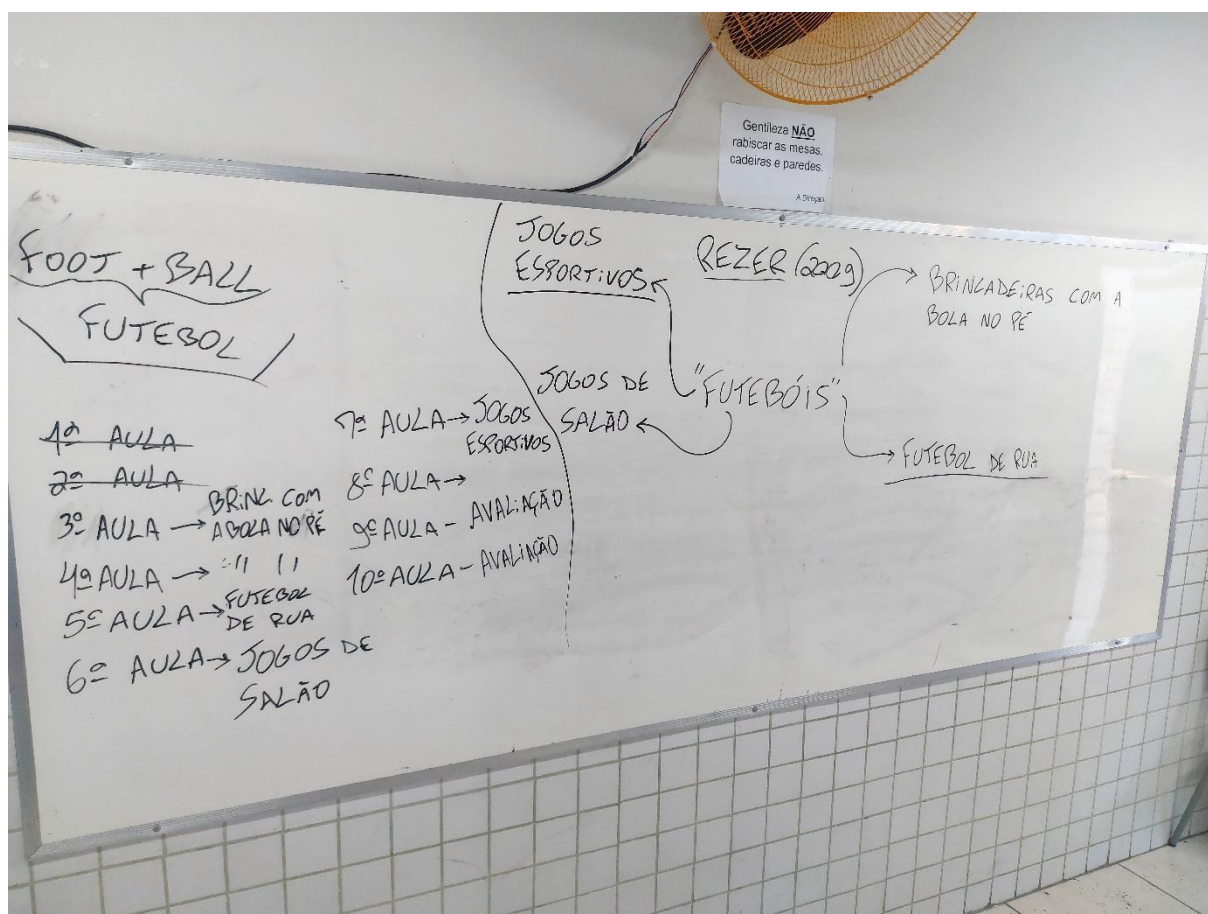
Nesse sentido, como salienta Bracht (1999), podendo levar os sujeitos alunos a agir de forma mais autônoma junto a cultura corporal, atuando de maneira mais crítica para com as práticas futebolísticas. Essa ideia de inovar, surgiu a partir de

leituras junto a um ensino de futebol dentro de uma perspectiva crítica, que procuram, a partir de um aprofundamento nas discussões futebolísticas, propor novas práticas que irão questionar o modo tradicional e hegemônico presentes na sociedade (Silveira; Pinto, 2008; Rezer, 2009; Souza Junior; Darido, 2010; Faria; Santana, 2020). Além de uma busca pessoal para diminuir as tensões e dilemas que envolvem o ensino de futebol, onde, através de uma prática em que os alunos tinham nenhuma ou pouca vivência, poderia amenizar as questões de participação feminina, de participação apenas dos mais habilidosos, as questões das regras e dos combinados que, por vezes, conflitam com as práticas extraescolares (Busso; Daolio, 2011; Faria, 2014).

Em relação ao planejamento das aulas, eu esperava que fosse algo construído com menor participação minha e maior participação dos alunos. No momento da aula, não consegui enxergar outra possibilidade de não intervir tanto, uma vez que o tempo disponível no calendário para a realização das aulas estava corrido, com o ano letivo terminando e eu precisando avaliá-los ao final. Neste momento, fiquei um pouco inquieto e ansioso, esperando que os alunos participassem muito mais, deixando que a minha atuação fosse mais de mediador do processo. Entretanto, entendi que se eu não os instigasse a falar, sairia muito pouca coisa. Além do que, já havia algumas pequenas pressões para eu ministrar o futebol no molde “rola bola”. Desse modo, fiquei preocupado em aguardar um maior tempo pelas falas dos alunos, imaginando que, no meio desse processo, essa cobrança por rolar a bola se intensificasse. Optei por me precaver.

Acredito que, pelo modo como foi realizado esse processo de planejamento em conjunto com os alunos, esperar que eles tivessem participado mais, pode ter sido uma pequena ilusão. Visto que o tempo para a construção do entendimento de futebol e futebóis, ao qual me propus trabalhar, e o processo de pesquisa junto aos temas dos “futebóis” de Rezer (2009), foi curto e um pouco corrido. Soma-se que os alunos vivenciam, em seu cotidiano, o futebol praticado de maneira mais tradicional e trazem consigo, para dentro da escola, vários de seus significados identitários, de valores, de emoções (Faria, 2014). Assim, pedir que questionem e debatam sobre uma proposta que caminha na contramão dessa tradicionalidade poderia ser complicado. Além de questões da própria cultura escolar, e da EF, em ter em sua história, como componente curricular, tradições de “não-aulas” (Machado *et al.*, 2010; González, 2019).

Figura 12 - Futebóis e a organização das aulas



Fonte: Arquivo pessoal.

No último momento da aula, como combinado com os alunos, nos organizamos para ir à quadra com o objetivo de realizar a atividade proposta pelo grupo das “brincadeiras com a bola no pé”. Em sala, ainda, pedi que o grupo lesse a proposta da atividade e explicasse à turma, para um melhor entendimento. O grupo entendeu a própria proposta, mas teve dificuldade de explicar ao restante da sala. Então lemos com calma o que eles haviam escrito. Professor, grupo e sala, juntos, fomos “desvendando” a proposta.

A atividade chamava-se “artilheiro”, que eu já conhecia, mas com outras características. Tomei o cuidado de não influenciar com esse meu conhecimento prévio a descrição da atividade proposta pelos alunos, mas relembrei com eles sobre a ideia das práticas corporais serem culturais, e poderem sofrer modificações ao longo do tempo e do contexto em que ela se encontra. Além de reforçar uma

característica presente nos jogos e brincadeiras de alteração de regras, que eu já havia trabalhado com eles em um trimestre anterior.

O grupo explicou, de uma maneira bem sucinta, que o jogo acontecia em um espaço menor, uma quadra de futsal reduzida, onde jogariam quatro pessoas, uma dupla contra outra dupla. Um goleiro e um jogador de linha, o artilheiro, que faz o gol. A primeira dupla faz sua jogada sem intervenção do jogador de linha da outra dupla, apenas do goleiro para proteger o gol. O goleiro lança a bola e o jogador de linha tenta fazer o gol, que vale 1 ponto. Gol de goleiro direto, vale 2 pontos. Observei que foi uma explicação rápida e objetiva, mas optei por não intervir nesse momento e deixar que, na organização da atividade na quadra, fossem dados mais detalhes. Os alunos finalizaram a explicação e seguimos juntos para a quadra da escola.

Na quadra os alunos retomaram a explicação e eu participei na organização do espaço, uma vez que já estava no fim do horário. Fui dividindo rapidamente as duplas e as colocando, cada uma, em um espaço de jogo. Como não foi possível fazer espaços de jogos para todos participarem ao mesmo tempo, algumas duplas ficaram esperando um pouco para poderem jogar. Os jogos ocorreram de forma bem dinâmica e, assim, rapidamente essas duplas já entravam para jogar, enquanto outras duplas que estavam jogando saíam um pouco.

Na dinâmica da atividade, apesar das explicações, ela acabou virando um jogo de campo reduzido, onde um jogador jogava contra o outro e cada time tinha um goleiro. Eu entendi, após observar o início dos jogos que, provavelmente, o grupo organizador, apesar de escrever e explicar a atividade de uma maneira, na prática, realizou a atividade de forma diferente, uma vez que o jogo se tornou um jogo comum de futebol, um contra um, driblando para tentar fazer o gol no goleiro.

Como eu conhecia uma atividade com o nome de “artilheiro”, com a mesma organização, me atinei sobre esse equívoco, porém entendi que não havia sentido alterar o trabalho, uma vez que a proposta era de que eles levassem e organizassem a atividade. Sobre o ocorrido, vale lembrar que o futebol é uma prática cultural que transcende as propostas oficiais, sendo infinitamente apropriado e ressignificado pelos sujeitos, por meio de modificações e alterações que levam em conta o contexto em que ele é inserido e nas possibilidades de praticá-lo (Scaglia, 2003). Neste momento, entendi que os alunos poderiam estar ampliando a compreensão do termo “futebol” (jogo com o pé e a bola) por meio de

experimentações não previstas formalmente. Desse modo, optei por deixar os comentários e as reflexões com os estudantes para o final da aula, questionando-os sobre o que as possíveis modificações que eles fizeram na prática acarretaram a produção de outro jogo.

Uma aluna estava com dores abdominais e disse que não participaria da aula. Pedia a ela que realizasse registros (gravação de vídeos e produção de fotos). Como o tempo da aula estava se esgotando, optei por deixar os alunos jogarem até bater o sinal, sem realizar a avaliação, via roda de conversa. Deixei essa avaliação para o início da aula seguinte.

No esforço de reflexão sobre as atividades práticas realizadas nessa aula, percebi que houve uma boa participação de todos os alunos. Algumas questões, como a exclusão dos menos habilidosos e das meninas, além das imposições de regras extra escolares ao futebol, postas na literatura (Busso; Daolio, 2011), apareceram de maneira bem sucinta, e talvez somente porque houve uma alteração da proposta no momento de realização da atividade. Com o professor mais próximo à realização, acredito que isso possa ter contribuído para uma maior participação e envolvimento.

Percebi também que os alunos deveriam ter maior participação na organização do espaço, dos times, na condução das explicações. Digo isso porque ainda me vejo com uma postura muito diretiva nas aulas, não conseguindo permitir que os alunos participarem com mais autonomia na condução das atividades. Existia também aquele temor de que, ao dar mais autonomia aos alunos, eles transformassem a aula na vivência do futebol tradicional e que já ocorre em outros momentos na escola, com os meninos tomando conta da quadra e se auto-organizando para a prática, excluindo as meninas e os menos habilidosos, trazendo de maneira direta as suas apropriações futebolísticas do contexto extra escolar (Faria, 2014).

Figura 13 - Brincadeiras com a bola no pé – “Artilheiro”



Fonte: Arquivo pessoal.

4.7 Sobre a quarta aula: Brincadeiras com a bola no pé

A quarta aula seguiu a mesma ideia das aulas anteriores, procurando, inicialmente, por rememorar diálogos e atividades já realizadas, situando os alunos no contexto futebolístico das aulas e continuando a propor novos entendimentos e novas possibilidades de práticas de futebol. Nesses momentos, independente do conteúdo que trabalhava nas aulas de EF, observei alguns descasos por parte dos alunos com o que se estava sendo proposto. Nessa aula não foi diferente. Tiveram alunos um pouco dispersos em relação aos questionamentos gerais feitos sobre o que estávamos trabalhando nas aulas (significados de termos, as tematizações futebolísticas, as atividades práticas na quadra já apresentadas), não sabendo qual o grupo estava participando e a proposta da respectiva atividade, mesmo estando presente nas três aulas anteriores.

Confesso que foi bastante desanimador ter que lidar com a desvalorização do conhecimento da EF, manifesto no comportamento dos estudantes. Mais uma vez, os alunos entendem que as aulas de EF são horários livres, com muitos deles,

inclusive, tentando ditar o que deve ou não acontecer nesse espaço de formação. Como recorrente, esta forma de desvalorização da EF manifesta-se mais fortemente nas vozes e gestos dos meninos, mas com as meninas se mostrando apáticas aos conteúdos trabalhados e, conseqüentemente, aparentando não os valorizar.

Apesar de conhecer todo o contexto do componente curricular da EF e sua busca por legitimação, como ressaltam González e Fensterseifer (2009), esse descaso aparente e recorrente ao longo das aulas, acaba, por muitas vezes, desanimando. Mesmo com uma perspectiva de trabalho dentro de uma tematização que está intimidante ligada à realidade e ao interesse dos alunos - o ensino do futebol - eles acabam por entender a aula como um “rolar a bola”, para que possam jogar e acabam por atrapalhar uma discussão mais aprofundada e a ideia de se possibilitar uma vivência futebolística mais ampla. Além de trazer, de suas realidades, características implícitas e explícitas do jogo de futebol tradicional, contribuindo para a perpetuação das desigualdades de oportunidades na vivência dos menos habilidosos e das meninas (Busso; Daolio, 2011).

Dada toda essa situação, sempre opto por reforçar conceitos e ideias já trabalhadas sobre o futebol e a inclusão desses públicos, mesmo sabendo que alguns alunos já reconhecem e até reclamam que estou sendo repetitivo. Porém, busco reiterar a importância desse entendimento por parte deles, para que as práticas sejam melhor entendidas e vivenciadas, lembrando que alguns alunos podem ainda não entender muito bem o que está sendo proposto no diálogo. Com isso, pretendo reverter o quadro de invisibilidade do conhecimento e daqueles alunos excluídos, mesmo que, para isso, tenha que repetir conceitos, em tese, já apropriados pelos estudantes.

Desse modo, nessa quarta aula, iniciei lembrando o conceito de “futebol”, da sua “origem” inglesa - não quis aprofundar, mas toquei na ideia do futebol como uma possível evolução de outros jogos/brincadeiras também - e sua tradução com a junção das palavras pé e bola (*football*), procurando questioná-los se a atividade prática da última aula teria alguma relação com a ideia do termo e o porquê. Como esperado, a maioria afirmou que sim, mas não sabia explicar muito bem. Outros poucos alunos comentaram, justificando a ideia de a bola estar no pé e completando dizendo sobre uma característica presente no futebol tradicional, as balizas, ou popularmente chamadas, gols. Achei bem interessante essa troca, porque demonstrou que aos poucos, a turma, apesar de alguns momentos de desinteresse,

começou a entender o conceito dos futebóis enquanto maiores possibilidades de vivência dentro do universo futebolístico e sua relação com temas da sociedade que o atravessam (Rezer, 2009; Faria; Santana, 2020; Silveira, Pinto, 2008).

Aproveitando o momento com os comentários a respeito das atividades realizadas na última aula, resolvi, de maneira sucinta (prezando pelas vivências futebolísticas da presente aula), fazer a avaliação das vivências práticas na quadra da aula anterior, que não havia sido possível realizar. Relembramos juntos qual era a proposta da atividade denominada de “artilheiro”, a sua dinâmica, organização e regras. Eu os questionei se lembravam que a atividade realizada diferia da atividade proposta pelos alunos responsáveis pela organização da mesma. Alguns lembraram e até questionaram no momento o porquê o grupo havia feito aquilo. Enquanto outros que não havia percebido, afirmaram que a vivência havia sido legal e que por isso eles podem não ter percebido. O grupo, um pouco meio sem entender, afirmou que aquela atividade realizada foi o que eles haviam entendido da proposta.

Em um primeiro momento eu os cobrei mais atenção em relação às atividades que eles estavam propondo e depois relatei minha percepção positiva em relação à participação e satisfação dos alunos e alunas, e que por isso resolvi não os questionar no momento da atividade. Porém, os fiz pensar, também, que a prática que eles realizaram se aproximou muito de um jogo de futebol tradicional, mas em um espaço menor e com menos pessoas, e que isso poderia acarretar, automaticamente, em uma exclusão daqueles que tem mais dificuldade em jogar esse modelo de futebol. A minha fala foi no intuito de fazê-los pensar na ideia de inclusão nas práticas corporais da EF que eu sempre vinha reforçando nas aulas ao longo do ano e dentro dessa proposta do ensino de futebol. Entretanto, acredito que essas modificações ocorridas foram interessantes (também porque houve uma participação massiva da turma), no sentido dos alunos se apropriarem de uma atividade ao seu modo, ocorrendo uma oportunidade, como nos diz Rezer (2009), a respeito da tematização das brincadeiras com a bola no pé, de experimentação das possibilidades de relação com a bola, buscando ousar nas interpretações, e com a bola se constituindo em um brinquedo prazeroso na relação com o próprio corpo.

Em um segundo momento, ainda dentro da sala de aula tradicional, se iniciou a proposta da presente aula, seguindo a organização construída com os alunos junto do professor, na aula anterior. No quadro escrevi a palavra “Futebóis” e puxei uma seta da palavra para destacar qual seria o tema da presente aula, “brincadeiras com

a bola no pé”. Dei a palavra ao grupo para que então apresentassem a proposta e explicassem à turma como se vivenciam as atividades. O grupo se apresentou lendo toda a proposta e a turma não entendeu a ideia. Pedi que relessem com calma e buscassem explicar o que estava escrito, para que a turma conseguisse compreender o que eles estavam propondo, mas não adiantou muito e precisei intervir.

Consultando a turma e o grupo, me propus a ler com eles ir analisando a proposta. Todos concordaram. A escrita havia ficado confusa e precisei, mesmo não querendo, reinterpretar a proposta e propor ao grupo e à turma alguns combinados e regras em relação às atividades, para que ficasse uma proposta mais viável de se vivenciar e para que mais alunos participassem. Eram duas propostas feitas pelo grupo, com uma muito parecida com a famosa brincadeira do “gol a gol”, onde cada jogador ou time, em seu próprio campo de jogo, precisa acertar a baliza buscando fazer o gol do outro lado, no campo do adversário, para se pontuar. A segunda proposta era parecida com outra brincadeira popular, o “controlinho”, onde os times precisavam controlar a bola no alto, sem deixar cair, e depois de um número específico de toques, chutar na baliza buscando fazer o gol. A ideia era eu não intervir tanto nas propostas, porém observei, já nesse primeiro grupo, que eu precisaria em todas as atividades ao longo das aulas seguintes, organizar junto aos alunos algumas adaptações na materialidade e nas regras para ser possível a realização das mesmas.

Óbvio que eu sabia que, apesar dos alunos serem os responsáveis por trazer as atividades, eu, como professor, precisaria estar ali dando suporte para que elas acontecessem, mas não esperava ter que intervir tanto. Errei em imaginar uma situação em que os alunos trazem as atividades muito organizadas, que eles pensem nos detalhes da materialidade e dos espaços, na organização dos participantes, no tempo das atividades, dentre outros. Como aponta Faria (2014), a presença do futebol na escola é marcada pela experiência que os estudantes têm com essa prática corporal em seu cotidiano. Além do saber jogar, ela acompanha aspectos implícitos, como valores e significações diversas.

Ao verificar a dificuldade dos estudantes em se organizarem em torno de uma prática do futebol na EF, pergunto-me se essa prática, vivida no exterior à escola, possibilite a incorporação de saberes que ampliam a experiência corporal. Questiono se o processo de escolarização do futebol, nas aulas de EF, pode ampliar essa

experiência anterior e paralela à escola. No caso dessa aula, os alunos tiveram dificuldades de organização da prática do futebol, em um contexto com sujeitos muito diversos, e em uma atividade que parecia estranha a sua experiência fora da escola. Algo que é importante pontuar com os alunos. Fato que me propus a realizar nessas aulas e com todos os grupos.

No terceiro momento da aula, já na quadra, busquei ficar mais no suporte da aula para que o grupo se organizasse autonomamente. Até por uma questão de tempo, era necessário que houvesse uma maior organização para que as atividades fluíssem melhor, com maior participação da turma. Reuni os alunos e deixei que o grupo relembresse rapidamente as atividades propostas por eles em sala, enquanto eu corria e organizava a parte da estrutura, dos materiais e da separação dos espaços, buscando agilizar as atividades. Entendi que demandar isso dos alunos poderia acarretar maior demora no início das atividades, reduzindo as possibilidades de vivência prática. Para minha surpresa, alguns alunos, acredito que lembrando da aula anterior, organizaram-se rapidamente e prepararam os materiais e os espaços da quadra. Demonstrando, para além do interesse na prática, e na vivência das atividades, uma percepção daquilo que venho dialogando com eles sobre pensar as atividades para que elas possibilitem uma inclusão de mais pessoas.

Na prática, em comum acordo com os alunos do grupo que apresentaria a proposta, a primeira atividade, o jogo parecido com o “gol a gol”, foi organizado em três espaços diferentes, com três alunos em cada equipe (Figura 14). O objetivo da atividade foi dificultado pelo número de integrantes em cada equipe, com o espaço do jogo ficando muito cheio e dificultando que fossem marcados os gols na atividade. Eu acabei observando isso desde o início e até pensei em propor uma modificação, mas observando mais atentamente a dinâmica da atividade, vi que os alunos estavam se divertindo muito e participando com uma grande empolgação, e que, apesar de terem saído poucos gols, foi intensa a vivência por parte deles. Desse modo, deixei a atividade fluir do jeito que estava sendo realizada e, na conversa ao final da aula, avaliei o que tinham percebido da dinâmica do jogo e perguntei se tinham sugestões de alteração.

Foi interessante o fato da quantidade de alunos em um pequeno espaço, uma vez que eu tinha conhecimento prático da brincadeira do “gol a gol” e entendi, até certo momento, que a atividade deveria ser realizada de um modo “mais correto”, mais próximo do que eu já havia vivenciado. Porém, ao observar o jogo em curso,

mesmo que um pouco confuso, a alegria e satisfação dos alunos, entendi que não deveria intervir e deixar que experimentassem mais livremente, franqueando a eles a possibilidade de exercer o direito de escolha e a iniciativa de resolver os conflitos vividos.

Percebi que, para além do aprendizado de uma atividade específica (ou da aprendizagem técnica), como afirma Faria (2014), a aprendizagem do futebol no cotidiano (e na escola), engloba outros saberes, outras formas de agir e de se movimentar que trazem aspectos implícitos referentes a dimensões identitárias, a significações, a emoções, a valores. Como bem lembra Vago (1996b), a escola permite o espaço e tempo para esses sujeitos exercerem sua condição de seres de cultura (no aprender, compartilhar os diversos saberes, nas trocas de experiências). É também lugar de cultura, pois, na escola, há a produção do conhecimento. Naquele momento, entendi que deixar os estudantes darem conta dos desafios postos pela atividade proposta era possibilitar a experiência de produção de nova forma de fruição com o futebol.

Figura 14 - Brincadeiras com a bola no pé – “Gol a Gol”



Fonte: Arquivo pessoal.

A segunda atividade que o grupo das “brincadeiras com a bola no pé” propuseram, o “controlinho”, não poderia ser realizada com toda a turma, devido ao tempo e envolvimento dos alunos com a primeira proposta trazida pelos estudantes. Desse modo, imaginando que seria importante, ao menos, que alguns alunos vivenciassem a segunda proposta, me organizei com um grupo que estava realizando a primeira atividade, mais próximo de uma das balizas da quadra, para fazer a segunda atividade. Assim, uma das equipes ficaria com seus três integrantes dentro da grande área do futsal, esperando a bola ser lançada, para tentar controlá-

la no alto (sem deixar cair no chão) e buscar fazer o gol. A outra equipe mandaria um dos integrantes para ser o goleiro e defender a baliza, enquanto os dois integrantes restantes ficariam fora da grande área do futsal, na função de lançamento de bola para a equipe adversária. A atividade se demonstrou de grande complexidade para os alunos, então foi necessário negociar uma mudança da regra, com a bola podendo quicar até duas vezes no chão para ser feito o gol (Figura 15).

Figura 15 - Brincadeiras com a bola no pé – “Controlinho”



Fonte: Arquivo pessoal.

Já com a aula acabando, o grupo responsável pelas atividades reuniu a turma na arquibancada e juntou os materiais para uma rápida conversa de avaliação da aula. Logo de início os questionei sobre a dinâmica da primeira atividade, o “gol a gol”. Achei interessante o questionamento dos alunos sobre o número de jogadores em um curto espaço de jogo, afirmando que deveria ter colocado menos pessoas para que a atividade tivesse uma melhor vivência. Eu estava imaginando que não escutaria isso deles, se eu não comentasse, mas fui surpreendido. Justifiquei que fazia todo sentido esse questionamento, uma vez que, menos jogadores no espaço de jogo, facilitaria a realização do objetivo de marcar o gol do seu próprio campo. Porém, trouxe outro argumento para o diálogo, os questionando, qual seria, para além de fazer o gol, o objetivo da atividade, das “Brincadeiras com a bola no pé”.

As aulas com o conteúdo dos jogos e brincadeiras gerais já haviam sido trabalhadas no início do ano, então alguns lembraram a ideia da diversão nas brincadeiras. A resposta me surpreendeu positivamente, pois parecia que tinham incorporado o princípio da ludicidade como uma prioridade. A partir do retorno dos alunos, argumentei que não houve alterações na atividade porque era perceptível que todos estavam envolvidos e compreendendo a dinâmica interna do jogo. E que, caso diminuísse o número de jogadores, alguns alunos teriam que ficar de fora da atividade, diminuindo a participação e, conseqüentemente, a diversão de todos.

Busquei seguir a mesma linha de raciocínio ao comentar rapidamente a segunda proposta (visto que poucos alunos a vivenciaram). Refletindo junto aos participantes da brincadeira do “controlinho”, se a atividade do jeito que havia sido proposta primeiramente, tendo o time que controlar a bola no alto sem deixá-la cair para marcar o gol, era possível de ser realizada devido a sua complexidade. Os alunos que vivenciaram a atividade afirmaram que a mesma era difícil de ser realizada e que as alterações/mudanças, em diálogo com o professor, de permitir que a bola quicasse algumas vezes no chão, facilitou a vivência e permitiu que, ao menos, eles tentassem fazê-la. Assim, a conversa seguiu no caminho de reforçar a ideia de observar a nossa proposta, de se vivenciar os futebolis, a partir do entendimento de possibilitar uma maior participação dos alunos de maneira a conseguir realizar as atividades. Isso poderia ser possível através de adaptações, combinados, para que os jogos se tornassem acessíveis aos alunos com maior ou menor habilidade.

Foi um diálogo pós-aula bem interessante. Consegui, junto aos alunos, reforçar a ideia de novas vivências futebolísticas que podem trazer uma perspectiva diferente do futebol tradicional, objetivando para além do ganhar a atividade, uma participação mais prazerosa por parte dos jogadores. Buscando ampliar, como dizem Souza Junior e Darido (2010), o ensino do futebol para dimensões que irão dialogar e questionar o fenômeno do futebol, trabalhando com a ideia dos conceitos e atitudes que atravessam a prática futebolística. A aula foi concluída com uma cobrança junto aos outros grupos para que pensassem nessa conversa e procurassem entender o real objetivo das práticas, buscando organizá-las para que houvesse a ideia de uma maior participação nas práticas futebolísticas e, conseqüente, diversão por parte dos participantes.

Em relação às relações de gênero, não foi percebido situações que tenham proporcionado algum constrangimento às meninas e atrapalhado a participação delas nas aulas. As práticas foram vivenciadas por todos os alunos e dificuldades em relação às atividades que surgiram foram contornadas com bastante sutileza pelos participantes. Foram vivências onde as próprias diferenças e dificuldades proporcionaram uma atividade prazerosa, onde os alunos não se preocuparam em seguir tanto à risca às regras e buscaram alternativas na diversão que a atividade proporcionou, vide as adaptações na primeira atividade.

As reflexões sobre os acontecimentos da presente aula, nos leva a pensar sobre possibilidades para o ensino do futebol na EF. Foi observado que as propostas futebolísticas organizadas, ao serem vivenciadas pelos alunos, se transformam em uma realidade viva, onde, ao mesmo tempo que podem surgir questões dificultadoras para o ensino do futebol, como a exclusão das meninas e dos menos habilidosos ou questões de respeito às regras, também podem surgir possibilidades de construção cultural por parte dos alunos, com atividades adaptáveis de acordo com os participantes ali presentes e prazerosas, mesmo que não sejam jogadas no seu modo tradicional.

4.8 Sobre quinta aula: Jogos populares/de rua

A quinta aula foi um pouco atípica devido a uma reunião de última hora que foi realizada na sala dos professores no horário do recreio, diminuindo o horário da aula pós-recreio na turma. Desse modo, foi um horário bem corrido e que precisei agilizar dentro de sala, para que pudéssemos sair para a quadra e fazer as práticas propostas pelo grupo dos “jogos populares/de rua”.

Dentro de sala realizei aqueles questionamentos das aulas anteriores, sobre os significados das palavras e dos termos, e observei que muitos dos alunos já estavam impacientes com o retorno constante desses questionamentos nas aulas, porém havia outros que ainda não estavam entendendo os significados. Relembramos juntos qual era o grupo responsável pela aula do dia e logo saímos de sala para a realização das propostas, deixando a explicação do grupo para a quadra. Antes de sair da sala, uns três alunos me questionaram sobre qual grupo estavam e, para minha surpresa, quando vi o planejamento, eles pertenciam ao mesmo grupo dos “jogos esportivos” que daria a aula na semana seguinte. Fiquei

bem preocupado e cobrei, novamente, a responsabilidade sobre a tarefa, colocando-me à disposição para sanar dúvidas.

Ao sair da sala, o grupo responsável pela presente aula, dos “jogos populares/de rua”, me procurou dizendo estar muito ansioso e nervoso para explicar as atividades, visto que eles não tinham tanta vivência com o futebol. No grupo havia três meninas e um menino. Ao longo do caminho para a quadra, a gente foi conversando e eles me passaram a proposta de realização da atividade explicando a organização necessária. Eram propostas, para quem já tinha alguma vivência do futebol de rua, bem tranquilas.

A primeira atividade era o famoso “golzinho”, onde se fazia o jogo do futebol em um campo menor, com menos jogadores e com as balizas marcadas por chinelos. A segunda atividade foi o “gol a gol”, um jogo que normalmente se joga individualmente ou em duplas, onde cada time fica em seu campo de jogo e tenta marcar um gol chutando a bola de longe, do seu próprio campo. Então nesse pequeno percurso até a quadra consegui tranquilizá-los e explicar a proposta que eles haviam organizado, mas não tinham entendido na prática como funcionava. Foi bem perceptível o desconforto do grupo em ter que explicar uma atividade relacionada ao futebol. Não por coincidência, o desconforto era proveniente de um grupo formado, em sua maioria, por meninas e apenas um menino. Podemos inferir que o desconforto manifesto pelo grupo pode ter alguma relação com fato de que as meninas tenham uma relação distanciada com o futebol no seu cotidiano.

Como professor de EF, acredito ser importante destacar a minha percepção de que na escola o avanço da presença feminina no futebol continua deixando a desejar. Nos estudos de Da Rosa, Souza e Borges (2020), emerge o não incentivo e a desvalorização da participação das meninas no futebol dentro da escola, sofrendo com intimidações, insultos e até com jogadas mais ríspidas por parte dos meninos. Situações que acabam gerando um sentimento de desigualdade e exclusão, como aparece nas entrevistas realizadas por Borttolin (2011), com um grupo de meninas da rede estadual de Santa Catarina, sobre a vivência delas no futebol da escola. Com todo esse contexto escolar, e o contexto social e histórico ao qual as mulheres que desejam jogar futebol passam, como destacado em Goellner (2005), é de se entender a insegurança e o desconforto, desse grupo em específico, em ter que apresentar uma prática futebolística para toda a sala, incluindo os meninos.

Na quadra, a explicação dos alunos acabou sendo mais tranquila do que se esperava. Após a explicação do grupo, outros alunos, homens, que já jogavam futebol na rua, ajudaram em algumas dúvidas que ainda ficaram em relação à explicação. Não intervi nessa situação, pois não compreendi, no momento, se essa contribuição dos meninos se tratava de uma intervenção ou de um ato de querer sobressair sobre a explicação do grupo formado, majoritariamente, por meninas. Entendi mais como um ato de querer utilizar de seus conhecimentos para somar na vivência das atividades.

Meu papel aqui foi, como eu imaginava e queria que fosse ao longo de todas as aulas, de mediador, participando de maneira bem sutil. Na conversa entre os alunos aconteceu algo bem interessante no momento da marcação das balizas na atividade dos “golzinhos”, uma vez que estes não tinham chinelos. Logo, na minha cabeça, eu pensei na organização da aula anterior e em utilizar os cones para a realização das atividades, mas decidi não intervir e esperei que eles se organizassem. O que ocorreu foi bem interessante, uma vez que na dinâmica da organização, propuseram transformar o jogo, utilizando apenas uma baliza fixa da quadra e com a divisão de apenas dois times. Imaginei a loucura que seria e que logo eu teria que intervir para que o jogo ocorresse. Porém, aconteceu o contrário do que imaginava. Apesar de uma pequena confusão, devido ao grande número de jogadores por time, o jogo ocorreu da melhor maneira possível, com todos participando e se divertindo muito da prática futebolística. O que fiz, sem combinar com os alunos, depois de um tempo do início do jogo, agindo muito no calor da aula e buscando mais dinamicidade para a atividade, foi alterar um pouco o jogo, colocando mais uma bola na quadra, para observar qual seria a reação deles e o que aconteceria na dinâmica da partida, querendo que ao final, na avaliação, eles comentassem a respeito.

Me lembrei, no pós-atividade, do que Vago (1996a) diz sobre uma provável entrada de práticas corporais lúdicas populares - entre elas o futebol - na escola, no início do século XX. De como, naquela época, os alunos levavam as práticas corporais do seu cotidiano e se apropriaram do espaço escolar para a sua prática. Na vivência da atividade do “golzinho”, imaginei que os alunos pudessem ter feito justamente isso, adaptado a proposta levada para aula com características de suas vivências futebolísticas do dia a dia. Foi algo bem interessante e que me surpreendeu.

Avalio ter sido um acerto didático a aposta no trabalho em grupo e entre grupos. Como bem lembra Vago (2009), a escola é um lugar de culturas: seus protagonistas (adultos, jovens, crianças) são produtores de culturas (juvenil, infantil, adulta). São também produzidos pelas culturas com as quais estão envolvidos (classe, etnia, gênero, marcas de suas histórias).

Figura 16 - Jogos populares/de rua – “Golzinho”



Fonte: Arquivo pessoal.

Como a aula foi bem corrida, devido à diminuição do horário, não teve como realizar a segunda atividade. Assim, optamos por realizar uma avaliação da aula. No diálogo com os alunos, muitos quiseram falar do quanto gostaram da atividade, do quanto se surpreenderam com a prática. Logo os questionei sobre a quantidade de jogadores no espaço e o que esse fato proporcionou, ou não, na vivência da atividade. Para minha surpresa, eles alegaram que foi justamente a confusão que os fizeram gostar e participar mais da atividade. Comentaram, ainda, que a segunda bola tornou o jogo ainda mais movimentado e mais instigante, com mais alunos conseguindo participar.

Houve, nesse momento final, uma crítica de um dos alunos que gosta bastante de futebol, e que possui uma destreza motora específica acima da média de seus colegas, sobre a ideia de se ter muita gente, alegando que isso atrapalhou

que o jogo fosse melhor jogado. Foi importante esse contraponto para que os alunos chegassem no consenso sobre a característica dos jogos populares/de rua: se era se aproximar das regras do futebol institucionalizado ou maior participação dos sujeitos e maior divertimento dentro da prática futebolística. Nessa questão, eu até apresentei para eles, dialogando com Melo (2000), a ideia de que o futebol se tornou popular no Brasil justamente pela facilidade com que essa prática corporal pode ser apropriada pelos sujeitos e atualizada, via ressignificação de espaços, contextos e de formas de jogar.

Valorizei o questionamento do aluno, entendendo que ele é um sujeito que vive o futebol de uma maneira mais intensa, tanto nas mídias como nas práticas, mas expliquei que na nossa aula era necessário que eles compreendessem as diferenças entre os sujeitos e entre suas vivências. Cada um ali trazia, junto de si, uma vivência futebolística única, segundo a estrutura de participação do futebol em sua vida cotidiana, que permitiu uma maior ou menor aprendizagem. Ressaltei que as questões históricas e culturais desfavorecem as meninas e favorecem os meninos, lembrando de Faria (2014). E que, por fim, a proposta daquela aula específica era procurar possibilidades para uma maior participação da turma, múltiplas formas de apropriação do futebol e garantia de experiências lúdicas.

Desta aula, refleti que a escolarização do futebol pode favorecer a ampliação do direito ao acesso a esse bem cultural, como, por exemplo, expandir as experiências já vividas fora da escola, bem como, possibilitar o compartilhamento de outros sentidos sobre a prática do futebol. Buscando tratar, nesse contexto, a prática futebolística, como algo mais profundo, mais complexo e que estabelece relações com as diferentes áreas da sociedade, desde sua aproximação aos esportes e suas características competitivas, como a sua aproximação à ludicidade e suas características brincantes, participativas. Relações essas, inclusive, que não se excluem, mas que podem se complementar, como é possível observar naquelas propostas que buscam trabalhar o futebol através de diferentes perspectivas, como em Faria e Santana (2020). Os autores ressaltam tanto a vivência prática do esporte e das brincadeiras, como a utilização de recursos textuais, de imagens, de vídeos e de músicas, para um aprofundamento no entendimento do futebol, vivenciando essas ideias de maneira crítica e de constante reflexão e contestação, mas também em uma perspectiva de fruição.

4.9 Sobre a sexta aula: Jogos de Salão

Ainda na sala de aula pude perceber a ausência de alguns alunos, os mesmos que já haviam se ausentado em aulas anteriores. Isso me fez refletir que chegaria ao final da proposta das aulas com parte dos alunos com dificuldades de compreender o desenvolvimento da proposta e outro grupo, a grande parte dos estudantes, compreendendo o processo de discussão sobre o conceito do futebol. Como estava havendo ausência de estudantes em algumas aulas, retomei novamente a discussão sobre o conceito de futebol, futebóis e o que tínhamos vivenciado até o momento.

Eu compreendia que aqueles alunos que tinham uma participação mais contundente nas aulas estavam se incomodando com essa repetição de termos e significados. Porém, buscando dialogar com a história do futebol, sua evolução, seus paradigmas e sua popularização, eu sempre reforçava que o futebol era carregado de distintos significados e que, dependendo da cultura local e do momento histórico, era praticado com diferentes propósitos. Retomar a discussão dos significados era imprescindível para que os alunos pudessem chegar ao final da proposta de aulas questionando o que a sociedade, e suas mídias tradicionais, propõem para a prática futebolística.

Relembrei aos alunos o combinado de que a oitava aula seria uma prática futebolística diferente da que eles haviam pesquisado na segunda aula e apresentado nas demais. Assim, a proposição dessa oitava aula, seria trazida por mim. Lembrei também que a 9ª e a 10ª aula seriam avaliativas sobre todo o conteúdo trabalhado. Haveria uma avaliação escrita, respondendo a algumas perguntas, igual na primeira aula, e uma avaliação realizada através da confecção de um trabalho sobre as tematizações dos “futebóis”. Neste, os alunos deveriam explicitar um pouco sobre a ideia das possibilidades na vivência do futebol e falar, especificamente, sobre o tema que o grupo apresentou ao longo das aulas. Aproveitando a conversa sobre os próximos passos, adentrei na explicação do trabalho, os instigando a já pesquisar informações, imagens, desenhos, para colocar nos cartazes a serem expostos no mural da escola, publicizando os conhecimentos tratados ao longo da proposta de aulas sobre as tematizações dos “futebóis”.

Após essa breve introdução, os questionei sobre qual era o grupo que iria apresentar suas atividades futebolísticas na presente aula. Os próprios integrantes

do grupo disseram que seriam os “jogos de salão”. Pedi então que explicassem o significado desse termo e o que ele representava dentro do mundo do futebol, uma vez que os outros alunos ficaram questionando sobre o que seria essa designação, com alguns confundindo com o futebol de salão. Os integrantes explicaram que se tratava de jogos jogados em espaços menores, espaços fechados, jogos que ocorriam em “salões”. Para um melhor entendimento dos alunos, eu completei com exemplos de jogos de tabuleiros e jogos de cartas.

Seguindo, os integrantes continuaram a explicação dos jogos de salão indicando qual a proposta de trabalho que trouxeram. O grupo apresentou o futebol de prego/futebol de pino e o totó/pebolim. Coloquei essas propostas no quadro da sala de aula e pedi ao grupo que explicasse a atividade. A explicação foi sucinta, visto que os alunos apresentaram as possibilidades de se vivenciar esses jogos através de “tabuleiros”, onde se utilizam de equipamentos já prontos, com pouca margem de modificação do jogo, no que trata do espaço e dos materiais utilizados. Cabe ressaltar que existem outras possibilidades de vivência desses jogos de salão e adaptações para uma vivência através de jogos que utilizarão de maior movimento, como, por exemplo, o totó humano, onde se transforma o totó tradicional em um totó com os participantes sendo as próprias “peças do tabuleiro”.

Ao explicarem o jogo do totó houve rápido entendimento da turma, uma vez que a escola tem uma mesa de totó e que os alunos a usam com frequência. Quanto ao futebol de prego, fiquei surpreso porque a maioria dos alunos o desconhecia, apesar de se tratar de um jogo de fácil acessibilidade e muito presente na minha infância e das crianças com que cresci. Entendo que esse desconhecimento, para além de possíveis questões tecnológicas atuais, diz sobre o ensino e a vivência das práticas corporais na EF e, conseqüentemente, no futebol. Sobre a temática, Souza Junior e Darido (2010), comentam a importância de se buscar sair da hegemonia do ensino dos esportes de maneira tradicional, procurando diversificar os conteúdos para se pensar em uma EF renovadora e inclusiva. Os próprios autores propõem uma vivência futebolística a partir do aprofundamento do fenômeno futebol e das diversas possibilidades de sua vivência, incluindo a tematização, denominada por eles de “Resgate de jogos da cultura popular”, incluindo o futebol de botão e o futebol de tampinha, mas que também se encaixaria o futebol de prego.

Antes de sair de sala, pedi que a turma pensasse em outras possibilidades de jogos de salão relacionados ao futebol. Depois de um breve silêncio, um aluno disse

que o “futebol de botão” seria outra possibilidade. Imediatamente acrescentei no quadro da sala de aula, junto às outras propostas que já havia escrito anteriormente e apresentei um “futebol de botão” que havia levado de casa. Levei pensando em proporcionar mais uma das vivências futebolísticas ligadas aos jogos de salão. Novamente, a turma não soube reconhecer essa modalidade da prática dos jogos de salão relacionados ao futebol. Alguns disseram que já tinham ouvido falar, mas que não conheciam profundamente ou nunca tinham jogado. Para a minha satisfação percebi que o conjunto de aulas estava proporcionando aos estudantes uma vivência futebolística inédita, pelo menos, para a maioria dos estudantes.

Lembrei da escrita de Silveira e Pinto (2008), que se propõem a oferecer possibilidades junto ao futebol que não estão presentes e nem são divulgadas ou vivenciadas no dia a dia dos estudantes, acrescentando os jogos de tabuleiro como uma dessas vivências, incluindo aí o futebol de botão. Conclui essa discussão com a turma afirmando que o grupo, em sua pesquisa sobre os jogos de salão na segunda aula da proposta, havia encontrado poucos exemplos de jogos de salão relacionados ao futebol. Nos sites pesquisados, apareciam apenas alguns jogos industrializados, prontos, com pequenos jogadores e diferentes formas de se jogar.

Em relação às possibilidades dos jogos de salão relacionados ao futebol que o grupo responsável trouxe para a aula, eles ficaram de me avisar com alguns dias de antecedência qual seria a escolha para que conseguíssemos organizar as práticas e para que a experiência pudesse ocorrer de forma mais satisfatória. Na escola havia uma mesa de totó, então era algo mais fácil de organizar. Já o futebol de prego foi mais complicado de ser organizado, pois a escola não adquiriu os jogos quando foi solicitado e foi necessário pensar uma alternativa. Decidi comprar três tabuleiros para que a proposta trazida pelos estudantes pudesse ocorrer.

Infelizmente, tal situação, expressa traços do processo de deslegitimação pedagógica da EF, na medida em que não reconhece a diversidade e a singularidade dos objetos didáticos dessa disciplina. Mais do que isso, expressa o que a cultura escolar entende sobre o que seria o futebol na escola: apenas o jogo que acontece na quadra e que exigiria um único tipo de equipamento (a bola de futsal). Questões que entram no processo de invisibilidade do conhecimento disciplinar e de hierarquias de saberes dentro da escola que podem inclusive contribuir para um possível desinvestimento pedagógico por parte dos professores (Gonzales, 2019). Aqui expressam-se importantes aspectos sobre os desafios da

escolarização do futebol pela EF escolar, e de que forma a proposta de aulas como a que desenvolvi, pode interrogar os agentes escolares sobre o papel da EF e sobre a presença dessa prática corporal no currículo escolar. Uma vez que visa, através da prática, se reafirmar como um componente curricular que apresenta uma proposta sistematizada e ir além da tradicionalidade no ensino de um tema referência da cultura brasileira.

Após a conversa em sala de aula, foi bem tranquila a logística ao sair para realizarmos as atividades, com os alunos se prontificando a transportar a mesa de totó, do pátio para a quadra, e carregar os jogos do futebol de prego, enquanto eu levava o futebol de botão. As vivências realizadas na aula geraram um grande envolvimento dos alunos. A organização da aula em três estações de atividades (totó, futebol de prego e futebol de botão) possibilitou, não apenas, a pluralidade de experiências, como ampla participação dos estudantes. Os alunos propuseram a divisão da turma em três grupos e depois de um determinado tempo faziam o rodízio, para que todos pudessem vivenciar os três jogos. Na “estação” do “futebol de botão”, me propus a explicar a dinâmica do jogo.

Foi uma surpresa para mim a participação dos alunos, uma vez que não esperava esse movimento de se proporem a experienciar novas práticas futebolísticas, acreditando que, dado o desconhecimento de muitos desses jogos, estes não se motivariam a participar. Isso dialoga muito com autores que pensam o ensino do futebol como uma forma de aprofundar o fenômeno através da diversificação de seu ensino, proporcionando novas vivências junto aos futebóis e, conseqüentemente, proporcionando uma compreensão crítica do fenômeno. Buscando também, junto a diversificação, estratégias para ocorrer maior adesão e participação dos alunos, podendo gerar assim maiores possibilidades de identificação junto às práticas futebolísticas (Souza Junior; Darido, 2010).

A participação das meninas nesta atividade foi intensa, demonstrando grande interesse e motivação. Em quase todas as aulas, na verdade, não tivemos problemas graves de participação delas, porém surgia um ou outro questionamento a respeito das dificuldades em se jogar no quesito das destrezas motoras. Percebi que nessa atividade as meninas tiveram mais envolvimento do que em outros jogos. Estudos sobre gênero, como o de Romero (1994), refletem que, em função do processo de generificação dos corpos e de uma educação heteronormativa, é esperado das meninas um comportamento que expresse o recato, a delicadeza e a

contenção dos movimentos corporais. Além disso, são estimuladas desde cedo a práticas motoras finas, bem diferente de práticas que envolvem maiores grupos musculares, grandes contatos e experiências de competição mais intensa no âmbito das práticas corporais. A partir desse entendimento, pode ser que as atividades propostas para essa aula, tendo um maior envolvimento de grupos motores finos e um menor contato, tenham proporcionado um maior envolvimento das meninas, sobretudo porque puderam experimentar maior possibilidade de vivências de sucesso do que em outras atividades.

Ao final da aula, o próprio grupo que organizou a atividade também começou a participar das atividades que trouxeram, recaindo sobre mim organização dos tempos e espaços. Não achei ruim, porque os alunos estavam participando bastante, demonstrando alegria e satisfação em conhecer e praticar jogos de futebol que nunca tinham experimentado. Dado o envolvimento da turma, optei por realizar a avaliação na aula seguinte, deixando-os à vontade para experimentar os jogos até bater o sinal.

A aula com a tematização dos “jogos de salão” foi, entre as aulas desenvolvidas até aqui, a que me fez ver com maior clareza como essas possibilidades de aprofundar no ensino do futebol, através da diversificação de vivências futebolísticas, podem ser uma rica oportunidade de ensinar o futebol na EF, buscando uma maior participação e envolvimento dos alunos. Considerando nos dilemas do ensino do futebol junto à participação feminina, as diferenças de habilidades devido ao contexto extraescolar, as questões de respeito às regras e as experiências externas à escola que os alunos trazem junto ao futebol, os “jogos de salão” foram práticas que, não estando presente no cotidiano dos alunos, contribuíram para amenizar esses dilemas que podem gerar embates enquanto a vivência do futebol na escola. Destaco, também, a materialidade que pode se tornar de fácil acesso visto uma organização antecipada, já que não são jogos caros, com exceção do totó, que pode ser adaptado para a versão do “totó humano”.

Figura 17 - Jogos de Salão



Fonte: Arquivo pessoal.

4.10 Sobre a sétima aula: Jogos Esportivos

A sétima aula foi uma das mais complicadas e desafiadoras. Era a aula do grupo de “jogos esportivos”, um grupo que acabou sendo formado por alunos que têm maior desinteresse na aula e que, provavelmente, acarretaria, nas minhas expectativas, uma pior organização ou até uma não apresentação da proposta de atividade. Eu havia percebido essa situação em um diálogo, lá no início da proposta das aulas, na apresentação do segundo grupo, o grupo dos “jogos populares/de rua”. Busquei me aproximar desses alunos desinteressados e fui cobrando deles, ao longo das semanas que restavam, um maior comprometimento na realização da atividade. O grupo havia me dado um retorno positivo enquanto a produção do

trabalho e a busca das atividades, porém, ao chegar na semana da apresentação deles, lembrei que teria um feriado um dia antes dessa aula. Foi desanimador e me preparei para a possibilidade de ter que assumir a aula e as atividades dos “jogos esportivos” relacionados ao futebol.

Chegado o dia dessa aula, adentrei à sala de aula um pouco aflito e me direcionei ao grupo, questionando-os sobre a organização da atividade. Sem nenhuma surpresa, apenas um dos alunos do grupo, um menino, havia pensado mais ou menos em uma atividade, sem muita organização e sem saber como passar para o restante da turma. As duas meninas que compunham o grupo não haviam feito nada no trabalho. Fiquei um pouco mais tranquilo, porque, ao menos, uma atividade eu conseguiria ajudá-los a realizar, seja na apresentação, seja no desenvolvimento da atividade prática.

Após a minha introdução sobre as aulas feitas até o momento, lembrando os significados das palavras e das propostas já apresentadas, procurei fazer a avaliação da aula anterior, referente às atividades dos “jogos de salão”. Além de perguntar sobre o sentimento deles para com a vivência dos futebolis em pequenos jogos, utilizando as mãos, os questionei sobre a participação da turma, se eles perceberam algo diferente da vivência em relação às atividades anteriores realizadas com o pé e a bola. Foi consenso entre a turma, em seus comentários, de que a aula foi diferente do que eles já haviam vivenciado em relação ao futebol e de que foi uma vivência divertida. Afirmaram, que mesmo jogando o “totó” diariamente no recreio, tanto as meninas quanto os meninos, não haviam parado para pensar nessa brincadeira como uma forma de vivenciar uma prática futebolística, e sim mais um jogo corriqueiro com as mãos. E que o futebol de prego e o futebol de botão foram práticas diferentes, que um ou outro afirmou já ter jogado, mas que não era algo presente no dia a dia.

Analisando as falas dos alunos em relação à vivência junto aos “jogos de salão” relacionado ao futebol, observei que as propostas de vivências dos futebolis estavam caminhando junto das minhas expectativas: de proporcionar aos alunos práticas futebolísticas não tradicionais e que, por meio delas, eles comesçassem a perceber novas formas de viver o futebol para além do “rolar a bola” e das práticas tradicionais presentes no seu dia a dia. Além, esperava que essas “novas” experiências contribuíssem, como afirma Rezer (2009), para a uma construção de uma nova cultura para o ensino dos futebolis.

Em relação ao questionamento da participação da turma nas atividades, os meninos afirmaram que jogaram normalmente, como nas outras aulas das práticas, utilizando a bola no pé, e as meninas, de maneira geral, apresentaram afirmações interessantes sobre as práticas. Responderam que, apesar de participarem e gostarem das atividades anteriores, elas ficavam receosas de jogar com os meninos devido ao contato e o medo de se machucar, e que nessa aula dos “jogos de salão” relacionados ao futebol, tiveram muito mais tranquilidade e até mais facilidade devido aos jogos utilizarem a mão. Nesse momento me surpreendi com a fala das meninas, que se colocaram no lugar de questionar, de certa forma, o comportamento dos meninos na vivência daquelas práticas onde se há maior contato. Afirmando, ainda que de maneira tímida, que querem e gostam de participar, mas que os prováveis contatos mais firmes dos meninos as deixam preocupadas e com medo. Desse modo, elas gostaram mais dos “jogos de salão” que, não possibilitando esse comportamento mais agressivo dos meninos, fez sentir até que estavam jogando melhor.

Para além de todo o histórico de negligência e preconceitos que as mulheres passaram ao longo do tempo em relação às vivências das práticas corporais, a fala delas a respeito de um maior contato dos meninos nos jogos futebolísticos utilizando a bola no pé, me faz pensar em maneiras de se propor adaptações para que se construa, dialogando com Vago (1996a), uma cultura futebolística escolar diferente, com práticas onde se permite a realização dos jogos pelos diferentes sujeitos presentes ali (não só as meninas), com diferentes características. Uma vez que o futebol jogado tradicionalmente permite em suas regras, até certo ponto, contatos mais firmes, e reproduzi-lo dessa forma na escola, acaba acarretando esse sentimento de receio, de medo, de afastamento em relação a sua vivência.

Dando prosseguimento, após a avaliação da aula anterior, pedi ao grupo responsável que explicassem a ideia dos “jogos esportivos” relacionados ao futebol e apresentassem a atividade que eles trouxeram. Os integrantes tiveram dificuldade em explicar o porquê se chamava “jogos esportivos”. Neste momento decidi intervir, já pensando no tempo corrido da aula, dando umas dicas e tentando fazer com que eles, e a sala de maneira geral, relembassem um pouco das discussões que tivemos no ano anterior e no início deste ano sobre os jogos/brincadeiras e os esportes. Os questionei sobre o que aquela proposta do grupo diferenciava da que foi trazida pelo grupo de “brincadeiras com a bola no pé”. Com as minhas falas,

alguns alunos foram produzindo comentários a respeito das regras e da organização interna de cada jogo. Observei que daria para caminhar com os alunos até eles que pudessem expressar sobre as principais diferenças entre os esportes e as brincadeiras. Porém, precisaria de toda uma aula para isso e, desse modo, teríamos que abdicar da prática, devido ao tempo de aula exíguo. Precisei agilizar o processo e os relembrei do conceito do esporte institucionalizado, com sua organização em federações, universalização das regras, as formas de conceber a arbitragem dos jogos, a intensidade do nível de competitividade, a espetacularização dos eventos esportivos, os interesses mercadológicos em torno do esporte de rendimento, dentre outras características. Aproveitei para comentar rapidamente a respeito de um histórico das aulas de EF estarem relacionadas a algumas dessas características (esportivização), e sobre a grande presença dos esportes nas aulas. Além, reforcei a ideia de que as aulas de EF deveriam trabalhar com um esporte da escola, no qual o direito ao conhecimento fosse garantido. Esse comentário natural gerou burburinhos por parte dos alunos, com alguns comentários reforçando sobre o fato de sempre terem as mesmas práticas e esportes na EF. Entendi que, de alguma forma, o tratamento da pluralidade de conteúdos apresentados pela proposta de aulas tinha sensibilizado os estudantes.

Ainda sobre os questionamentos a respeito do esporte, optei por passar as informações aos alunos ao invés de esperá-los construir a reflexão sozinhos. Foi uma decisão rápida, devido à situação real da aula, mas um pouco doída, visto estarmos saindo um pouco do planejado. Me vi um pouco no que Caparroz e Bracht (2007) dizem sobre o professor se tornar um autor, buscando reconstruir sua prática com referência na sua experiência em reflexões e teorias. Me vi renunciando ao diálogo para valorizar a vivência futebolística dos alunos.

Buscando concluir a discussão em sala de aula, para irmos à quadra realizar a prática futebolística, pedi ao único integrante do grupo que pesquisou a atividade, para que a apresentasse ao restante dos alunos. De maneira breve, ele falou que era o futevôlei, uma mistura do futebol com o vôlei, que o principal objetivo era controlar a bola sem deixar cair, tendo que jogá-la por cima da rede para o campo do adversário. Apesar da brevidade da explicação, o restante dos alunos da turma não levantou questões, parecendo entenderam como funcionava o jogo. Antes de questionar o grupo, optei por reforçar a ideia, do surgimento de práticas futebolísticas como construções, misturas, evoluções, relacionadas às brincadeiras

com bola no pé. É um entendimento meu de sempre estar reforçando as práticas corporais como práticas culturais, que não surgiram do nada, mas sim de todo um contexto social e cultural. Completei dizendo que eu não sabia a história do futevôlei, mas por esse entendimento, e por ser uma prática que vem de uma junção de outras duas, o vôlei e o futebol, provavelmente, era uma brincadeira de controlar a bola com os pés que acabou se tornando um esporte.

Diante desses diálogos é interessante se pensar a ideia de que jogos/brincadeiras e esportes estão intimamente ligados e se atravessam o tempo todo no ambiente escolar. Tentar separá-los conceitualmente junto aos alunos, não é algo fácil. Muitas das vezes, ao longo das aulas, eles, em pequenos comentários, questionam o porquê de estar brincando com as práticas futebolísticas ou se o futebol é um esporte. Rezer (2009) faz um comentário pertinente, ao propor que precisamos considerar no contexto da proposta dos futebóis (podendo utilizar para outros esportes), que a fronteira entre jogos/brincadeiras e o esporte não são rígidas como às vezes fazemos parecer. Sempre irá depender dos sentidos e significados que nos propomos a dar às práticas.

Aqui podemos retornar ao diálogo sobre os surgimentos das práticas futebolísticas como misturas, evoluções e construções culturais junto às brincadeiras que se utilizavam o pé (Scaglia, 2003), de como as práticas esportivas sempre estarão, no ambiente escolar, caminhando junto às brincadeiras. Vale o questionamento também, lembrando Vago (1996a), de repensarmos a prática esportiva dentro da escola, ressignificá-la, transformá-la em um esporte, em um futebol, da escola, garantindo o direito ao conhecimento sobre essa prática cultural. E assim, considerando muito o meu dia a dia nas aulas, esse esporte da escola, sempre andar de mãos dadas às práticas dos jogos\brincadeiras onde o se divertir, a coletividade, a parceria, a inclusão e a participação terá um papel significativo nas vivências.

Ao final da breve contextualização da atividade prática sobre o futevôlei, procurei questionar o grupo sobre as possibilidades da turma de vivenciar a prática na quadra, se eles acreditavam que o futevôlei, como estava sendo proposto, era de fácil realização. Eu estava querendo observar se eles tinham pensado em adaptações no jogo para fins de promoção da participação de todos os alunos da sala. Os questionei, já imaginando uma não resposta, a falta de organização adequada do conteúdo a ser passado à turma. O grupo não souber responder.

Entendi a situação e logo pedi ao restante dos alunos que saíssem em direção à quadra para a realização da atividade e afirmei que, junto do grupo responsável, eu iria reorganizar a atividade para que pudesse ocorrer a prática, uma vez que o tempo já estava bem corrido. Na situação real da aula, com a expectativa de que as atividades ocorram de uma maneira mais organizada e inclusiva, acabei ficando bastante chateado com o grupo e, possivelmente, transpareci isso em meus comportamentos. Mas é importante ressaltar, que apesar de esses serem alunos que, em outros componentes curriculares não se comprometam tanto (consigo perceber no diálogo com os colegas professores dos outros componentes), tínhamos no grupo duas meninas que tinham um histórico de menor participação e interesse junto ao futebol e às aulas de EF.

Ressalto que aconteceu algo parecido, e já abordado no presente trabalho, com o grupo do tema de “jogos populares/rua”, onde um grupo formado majoritariamente por meninas estava receoso de apresentar as suas propostas. Essas e mais diversas situações que ocorrem em relação à presença e participação das meninas na realização das atividades nas aulas de EF - como vimos em Bortolin (2011) e Da Rosa, Souza e Borges (2020) - não são situações naturais, mas construídas histórica e socialmente, que precisam ser levadas em conta ao se organizar as aulas e no diálogo junto às meninas. É só observarmos, como ressalta Goellner (2005), as dificuldades preconceituosas, sociais, estatais, encontradas pelas mulheres para poderem jogar o futebol no Brasil. E, mesmo quando começam a ganhar espaço no mundo futebolístico, seus corpos são utilizados de maneira instrumentalizada para promover campeonatos.

No caminho para a quadra fui conversando com os integrantes do grupo e explicando a ideia que eu tinha para que eles pudessem organizar a aula, visando uma maior participação dos outros alunos. Combinei com eles para que dividissem a quadra em três espaços iguais na vertical, utilizando a linha do meio para dividir os campos das equipes, e colocassem os cones maiores na linha do meio para representar a rede. Sugeri a eles também que utilizassem a bola de iniciação, mais leve, de mais fácil controle e que quicava mais, alterando, desse modo, uma regra crucial do jogo, permitindo que se pudesse deixar a bola quicar no chão. Como eles entenderam que estavam mal preparados para conduzir as atividades, ao chegar na quadra, rapidamente se direcionaram para montaram o espaço dos jogos, e eu fui ajudando em alguns detalhes para maior organização. Foi uma atitude que não

queria ter tomado, mas que, no momento, acreditei ser o correto para que a aula acontecesse e os outros alunos pudessem vivenciar a prática dos “jogos esportivos” ligados ao futebol.

Quando o espaço estava pronto para começar as atividades, pedi que o grupo juntasse a turma e explicasse a eles o que conversamos antes de chegar à quadra. Que passassem à turma as alterações e do porquê elas foram necessárias. O grupo conseguiu fazer muito bem e eu conclui afirmando que em um momento futuro, com mais calma, a gente faria aquela conversa da alteração das propostas de maneira mais aprofundada. Relembrei nossas conversas, ao longo das aulas anteriores, sobre a escola ser o lugar de conceber outras formas de experimentar a cultura, de forma a refletir, criticar e ressignificar as práticas corporais, favorecendo o interesse do bem comum.

As equipes foram divididas e as atividades começaram. Apesar da falta de organização do grupo, me surpreendi com o desenvolvimento da proposta. Houve uma participação maciça da turma, com os alunos, apesar das dificuldades de controle da bola, buscarem fazer a atividade da melhor maneira possível e se divertindo, mesmo com os muitos erros. Não deixaram que esse jogo desafiador causasse obstáculos à motivação para participação. Alguns alunos, homens, tinham maior facilidade de controlar a bola, mas ainda assim erravam muito. Houve alguns pequenos desentendimentos por um erro ou outro, mas nada que saísse do bom senso. Foi interessante perceber que não ocorreram maiores conflitos, tensões e disputas acirradas entre os alunos, algo muito presente em competições esportivas que envolvem o futebol. Diferente do que apontam Busso e Daolio (2011), quando dizem que há frequentes conflitos quando os alunos - munidos de experiências futebolísticas fora da escola – experimentam o futebol no espaço escolar.

Avalio diferentes motivos. Talvez por ser uma turma que já convive há mais tempo, talvez por não apresentar grandes disparidades no domínio da destreza motora entre os alunos, por ser uma prática futebolística diferente do que os alunos experimentam fora da escola e por trabalhar com eles a necessidade da participação equânime nas aulas, as tensões decorrentes da disputa foram contidas, possibilitando que ações mais gregárias se sobressaltassem. É evidente que se a atividade não acontecesse pela dificuldade dos alunos em praticá-la, poderiam ocorrer frustrações. Porém, os alunos acabaram se adaptando à atividade de um modo que todos, mesmo com as dificuldades, conseguissem vivenciar. Foi

incessante perceber que o manuseio das regras e suas recriações tornou mais interessante o desenvolvimento das atividades, sobretudo, garantindo a permanência da motivação. Os alunos, em comum acordo, aceitaram as dificuldades e observaram que o que importava era todos estarem satisfeitos com a vivência. Observei aqui, que os diálogos em sala sobre toda a questão histórica do futebol e as brincadeiras com bola, a questão da esportivização e da adaptação e construção das práticas corporais na escola, começaram a fazer sentido. Dado o envolvimento da turma, deixei que as experiências com o jogo fossem estendidas até o final da aula.

Figura 18 - Jogos Esportivos - Futevôlei



Fonte: Arquivo pessoal.

4.11 Sobre a oitava aula: Futebol Gaélico

A oitava aula, dentro da organização da proposta realizada com os alunos, ficou sob a minha responsabilidade. Eu deveria organizar uma proposta de futebol diferente, que os alunos não tinham levado em suas apresentações, que não era divulgada nas mídias tradicionais e nem vivenciada pela população de uma maneira geral.

Pensei muito no que autores que problematizam o ensino do futebol na escola (Silveira; Pinto, 2008; Rezer, 2009; Souza Junior; Darido, 2010; Faria; Santana, 2020), dizem sobre as possibilidades do tratamento do futebol na escola. Segundo esses autores, a EF escolar deve expandir a experiência com essa prática corporal, tratando didaticamente das diferentes manifestações do fenômeno futebol na cultura. Entendo que já buscamos essas ideias e objetivos em todas as aulas junto a proposta dos “futebóis”. Porém, visto que são práticas que fazem parte da cultura brasileira, ainda que não tão presentes nas mídias tradicionais e no cotidiano dos alunos, acredito que elas podem surgir aos alunos em algum momento de suas vidas. De maneira breve, via parentes, que já vivenciaram a prática quando criança, ou pelas próprias mídias tradicionais, que em algum momento façam alguma matéria jornalística. Em meio a essas ponderações, optei por levar para a aula uma modalidade de futebol esportivizado produzida em outro país. Algo que acreditei que seria completamente diferente do que os alunos já observaram e vivenciaram em relação ao futebol, e que provavelmente, não teriam um acesso fácil à prática. Decidi, assim, tratar uma modalidade de futebol produzido na Irlanda, denominada de Futebol Gaélico. Uma prática de futebol que mistura elementos do futebol, do handebol e do *Rugby*.

A aula aconteceria em um horário pós-recreio, algo que criava ruídos na administração do tempo da aula, dada a perda de tempo devido ao retorno tardio dos alunos para a sala. Esse fato me preocupava um pouco, visto que, novamente, teria que correr para conseguir conversar dentro de sala e organizar a vivência dos alunos na quadra. Somou-se que, nesse dia em específico, a quadra coberta estava ocupada com material de uma feira de africanidades que havia sido realizada no dia anterior na escola. A aula, desse modo, teve que ser realizada na quadra aberta, em um sol mais a pino, criando dificuldades para o envolvimento dos alunos.

Como de costume, iniciei a aula relembrando toda a nossa trajetória até o

momento, comentando os significados que trabalhamos referente ao futebol, as aulas organizadas e apresentadas pelos grupos, os tipos de futebóis que praticamos. E aqui, pensando em introduzir a conversa sobre a prática do Futebol Gaélico que vivenciariam, entendi ser necessário relembrar a ideia das práticas corporais como práticas culturais, sendo, por isso, influenciadas pelo meio em que estão inseridas, o contexto em que surgem, a cultura em que estão presentes. Abordei a temática, porque realizariam uma prática de futebol completamente diferente de práticas corporais presentes no Brasil, com características peculiares da região onde é praticada e muito ligada à história do futebol e sua separação com o *Rugby*.

Comentei sobre a aula anterior, uma vez que não aconteceu a avaliação ao final da atividade dos “jogos esportivos”, devido à dinâmica vivenciada pelos alunos. Em um primeiro, momento relembrei junto a eles, um pouco da organização do futevôlei enquanto esporte, as regras básicas do jogo e seus objetivos, para só depois voltar à adaptação que ocorreu na vivência dessa prática na aula. Ressaltei a necessidade da conversa junto ao grupo dos “jogos esportivos” para pensarmos a viabilidade da realização do futevôlei em seu formato tradicional (com a rede alta, com a bola não podendo tocar ao chão). Dois pontos acarretaram essa conversa, o que a escola não tinha o mastro de vôlei para armar a rede e que, provavelmente, seria muito difícil realizar o jogo tendo que controlar a bola no alto, entre as equipes, sem ela cair no chão, uma vez que se tratava de uma habilidade bastante complexa e que exige maior tempo de vivência da prática. Após relembrar a organização da prática passada, os questioneei a respeito da vivência de maneira geral, o que acharam das adaptações, se conseguiram participar bem e se gostaram da proposta. Um consenso na turma foi de que o futevôlei é uma prática de difícil realização, onde controlar a bola no alto não é tão simples. Porém, afirmaram que a utilização dos cones substituindo a rede (ficando menor a altura a ser vencida pela bola) e a ideia de poder deixar a bola quicar mais vezes ao chão, facilitou e permitiu que a atividade acontecesse. Além de proporcionar, segundo alguns dos alunos e alunas, uma vivência bastante diferente do que eles estavam acostumados e muito divertida (foi bem perceptível essa diversão para quem estava assistindo). Após as falas, os parabenizei pelo envolvimento junto a atividade que, na minha opinião, havia sido fantástica. Abordei um pouco a minha pequena frustração com o grupo dos “jogos esportivos”, mas esclareci que, após a conversa no momento da aula, o

grupo se propôs a superar a situação ajudando na organização da tarefa. Reforcei, a todas as alunas e alunos, que mesmo com as dificuldades, eles se propuseram a participar e superá-las em grupo, com um buscando ajudar o outro. Isso era algo importante, para vivenciarem as práticas futebolísticas, buscando a inclusão de toda a sala.

Conclui a parte de avaliação da aula passada retomando algumas das conversas sobre as vivências anteriores das propostas dos “futebóis” – e aqui sempre lembrando Vago (1996b) em meus pensamentos - onde falava com eles sobre a ideia de se procurar transformar os esportes em esportes da escola, em esportes da EF, que se propunham a dialogar com os esportes tradicionais, mas um diálogo questionador, buscando sempre adaptações para uma melhor vivência. Uma vivência de sucesso, prazerosa, por parte de todos e não apenas de alguns com maior facilidade na realização de alguns movimentos. E que toda essa proposta que estávamos vivenciando tinha um objetivo, também, de transformar a visão deles sobre o futebol e de proporcionar um entendimento para o ensino dos futebóis na escola, buscando construir uma nova cultura para o seu ensino (Rezer, 2009).

A conversa em sala foi rápida, visto o tempo diminuto decorrente da transição do recreio para a aula. Logo após a introdução, comentei sobre a proposta que eu havia levado e expliquei de maneira bem sucinta algumas características da atividade, das especificidades que o Futebol Gaélico, da sua origem e popularidade na Irlanda. Expliquei um pouco da origem histórica de sua criação, marcada pela forte presença do futebol e *Rugby*. Conteí a história de que a Irlanda era um país que buscava a independência em relação a Inglaterra e que, desse modo, houve uma rejeição aos esportes praticados pelo colonizador, dando origem à modalidade irlandesa¹³.

¹³ Para saber mais sobre a cultura esportiva irlandesa e sobre o futebol gaélico: <https://esportefabico.wordpress.com/2014/06/27/futebol-gaelico-identidade-e-resistencia-em-doses-etilicas-irlandesas/>. Acesso em 20 de julho de 2024.

Figura 19 - Futebol Gaélico



Fonte: Ciaran McGuiggan/Flickr/CC¹¹

Figura 20 - Futebol Gaélico 2



Fonte: allireland49 Michael McGonagle/Flickr/CC¹⁴.

Aproveitei o momento para reforçar o comprometimento deles com as atividades e com as aulas, elogiando a participação deles, mas os questionando em relação à organização dos trabalhos e das aulas a que ficaram responsáveis. Destaquei, inclusive, o último grupo em que precisei intervir para que a aula acontecesse e que não era esse o combinado. Após todo o debate, fomos para a quadra para a realização da atividade.

Ao chegar na quadra, observei alguns alunos indo para os cantos do espaço procurando sombra e lugares para sentar. Tinham alguns meninos, mas a maioria era meninas. Chamei a atenção, para irem ao centro da quadra para a explicação da atividade. Porém, ao perceber que a recusa era grande e o tempo estava passando, entendi que era melhor propiciar a vivência para os alunos que queriam fazer a

¹⁴ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Futebol_ga%C3%A9lico>. Acesso em: 05 de agosto de 2024.

atividade do que “perder” tempo pedindo para que poucos alunos fizessem a atividade no sol forte. Sempre é uma decisão difícil, mas que, na prática do dia a dia das aulas, às vezes precisa-se ser pragmático para que as atividades sejam vivenciadas ao menos por um grupo de alunos. Nesse caso específico, a atividade era uma prática nova e que precisava do comprometimento dos alunos para escutarem e entenderem. Se eu ficasse muito tempo buscando convencer aqueles alunos e alunas a participarem, a aula acabaria e nenhum dos alunos vivenciariam a prática.

O fato da não participação dos alunos, principalmente das meninas, é algo que me incomoda muito. Sabendo de todo o histórico de negação a uma vida mais plena em sociedade, de preconceitos, de proibições, de instrumentalização do corpo feminino, de negação a vivência de movimentos e de práticas corporais, com todo o histórico brasileiro de afastar as mulheres e negá-las o direito a prática do futebol (Goellner, 2005) e, até mesmo, dentro da escola, as meninas sofrendo violências simbólicas e não se sentindo confortáveis em participar das aulas de EF (Borttolin, 2011; Da Rosa; Souza; Borges, 2020), dar uma aula onde a participação feminina é mínima, foi doloroso. Entretanto, era uma situação que precisava de uma tomada de decisão rápida, pragmática. No momento da minha decisão, busquei pensar que era a primeira aula da proposta que a não participação feminina torna-se um grande problema. O sol a pino na quadra atrapalhava a participação de qualquer um dos alunos, independente do sexo. Todavia, parece que, devido a todo o histórico de negação às práticas corporais às mulheres, esse fato afetava mais as meninas que os meninos. Pensando isso tudo, e na necessidade de tomada de decisão, decidi pela realização da prática com quem queria fazê-la naquele momento.

A explicação no centro da quadra foi bem sucinta, mas busquei demonstrar os movimentos junto a alguns alunos para que o restante entendesse melhor, uma vez que era uma prática totalmente nova para eles. As regras básicas apresentadas foram no modo de conduzir/carregar a bola: só poderia dar quatro passos com a bola na mão e, para continuar conduzindo-a era necessário quicá-la no chão, ou no pé, e segurá-la novamente (parecido com uma “embaixinha”). No modo de passar a bola: esta poderia ser passada a um colega espalmando-a, como em um saque por cima do vôlei. E na forma de se pontuar: em que poderia ser marcado o ponto chutando ou espalmando a bola dentro da baliza (gol), marcando 3 pontos, ou por cima da baliza, marcando 1 ponto.

Os alunos ficaram bem confusos, mas eu expliquei que com a prática e a vivência eles entenderiam a lógica interna do jogo, o que loco ocorreu. Algo que me veio no meio do processo, era que eu poderia ter passado vídeos para os alunos, para que eles conseguissem visualizar melhor como é praticado o esporte. Porém, com o tempo restrito que tinha, passar o vídeo resultaria na diminuição do tempo de vivência da prática.

A prática do Futebol Gaélico, gerou nos alunos um forte engajamento e um entusiasmo. O espaço da quadra aberta não era tão grande e gerou algumas confusões no entendimento da atividade, mas nada que não fosse resolvido com o diálogo e as explicações das regras. Acredito que, devido à prática ser totalmente diferente do que os alunos já haviam vivenciado, os efeitos da cultura futebolística dos alunos, anterior e paralela à experiência escolar, as diferenças no saber jogar e a questão de regras mais rígidas dentro espaço escolar, apontadas por Busso e Daolio (2011) e Faria (2014), que poderiam dificultar o ensino do futebol, não se fez tão presente. Dado o envolvimento dos alunos, deixei que o jogo ocorresse até final da aula.

Figura 21 – Futebol Gaélico 3 – Vivência prática



Fonte: Arquivo Pessoal.

4.12 Sobre a nona e décima aula: Avaliações

As duas últimas aulas organizadas junto aos alunos, foi escolhida para que eu pudesse fazer uma avaliação de todas as aulas. Nesse sentido, não ocorreu tanto

um combinado, mas mais uma proposição da minha parte, informando aos alunos que era necessário fazer uma avaliação ao final das dez aulas, tanto para a questão burocrática da escola como para minha própria avaliação formativa. Irei realizar, no presente tópico, a descrição e análise das duas juntas. Porém, irei organizar em dois momentos, primeiro analisando a construção dos cartazes e a exposição no mural da escola e, depois, analisando a avaliação escrita dos alunos após vivência das dez aulas sobre os futebolís.

Foi separada a nona aula, para que cada um dos quatro grupos confeccionassem o seu cartaz com ilustrações e as informações pesquisadas. E a décima aula, para a montagem do mural na escola, colagem dos cartazes e da proposta de responder a uma avaliação sobre todo o processo, com algumas questões a respeito das aulas (que serão apresentadas adiante), e de seus significados futebolísticos.

Importante destacar o entendimento de avaliação do presente trabalho, um processo significativo para a prática escolar, com uma capacidade de reconstrução do processo que contribui para a reflexão e um desenvolvimento de avaliação da própria ação pedagógica e do trabalho docente. Desse modo, as avaliações acompanham a ação no seu processo, “alimentando e reorientando o percurso da aprendizagem do estudante, não havendo ‘a avaliação’, mas um conjunto de avaliações que sinalizam o caminhar dos alunos, dos professores, das instituições formativas, no seu processo de aprender, ensinar e formar” (Santos; Maximiano, 2013, p.892). Com este entendimento, as avaliações, na presente proposta, foram acontecendo ao longo de todas as aulas, com o diálogo, observações e vivências práticas feitas ao longo de todo o processo, influenciando as práticas pedagógicas seguintes, tanto na organização das práticas, quanto nas apresentações dos temas futebolísticos. A escolha dos registros escritos no presente trabalho, junto a construção de um mural expositivo na escola, vem no intuito de buscar materializar, junto a uma transformação do saber-domínio e o saber-relacional em saber-objeto, os diálogos e vivências das práticas futebolísticas que demarcaram suas experiências corporais (Santos; Maximiano, 2013).

Cheguei em sala na nona aula com o pensamento de fazer a avaliação da oitava aula do Futebol Gaélico, já que não havia dado tempo de fazer uma conversa na aula passada, visto a minha opção de valorizar a prática da atividade naquele momento. Porém, percebi que se eu gastasse um tempo da aula para a conversa,

provavelmente não daria tempo de fazer a confecção dos cartazes. Desse modo, preferi iniciar logo com a organização dos trabalhos, deixando para a décima e última aula essa conversa junto aos alunos.

Quando cheguei em sala, solicitei que se organizassem nos grupos, colocassem as carteiras juntas, para iniciar a confecção dos registros. Nesse tempo da organização do espaço da sala, chamei alguns alunos para irmos ao almoxarifado da escola buscar materiais para a atividade - cartolina, papel colorido, colas coloridas, durex, tecido TNT, papel EVA, glitter etc. A escola, no turno da tarde, trabalha com o Ensino Fundamental 1 e, como sei que as pedagogas utilizam muito desse tipo de material, estava tranquilo enquanto a disponibilidade. Porém, ao chegar no almoxarifado, havia a falta de muitos materiais que iríamos utilizar. Assim, tivemos que pegar o que tinha e, junto aos alunos, busquei adaptar alguns materiais para que eles conseguissem confeccionar o trabalho.

Essa aula foi toda utilizada para a confecção, então eu acabei ficando um pouco mais de observador, deixando que os alunos fizessem o trabalho. Ao longo desse processo de observação tentei dar algumas dicas, orientações, e lembrei de alguns termos que trabalhamos ao longo das últimas aulas. Reforcei que esse trabalho seria exposto no mural da escola, então eles deveriam se preocupar bastante com o capricho na confecção. Eu imaginava que os grupos que tinham alunos que se envolveram mais ao longo das aulas, buscariam fazer um trabalho mais completo, enquanto aqueles grupos que não se envolveram tanto (como o grupo dos “jogos esportivos”), o trabalho ficaria bem mais simples. Foi justamente o que aconteceu. Ao final da aula guardamos os trabalhos realizados para, na próxima aula, montarmos o painel e colarmos as produções.

Pude observar em um dos trabalhos, o desenho grande de um campo de futebol verde com as linhas bem organizadas (Figura 22). Os questionei no meio da confecção a opção por esse desenho, ao que me responderam que, para eles, era o que melhor representava o futebol. Interessante, que como lá na primeira aula com os desenhos de jogadores profissionais na avaliação inicial, surgem representações de um futebol mais midiático, mais televisivo, e não do futebol mais próximo da realidade dos alunos, o futebol de rua, as brincadeiras com a bola no pé, o futebol dos campos de terra, da várzea. Isso está muito ligado ao fato da espetacularização do futebol, com o futebol profissional e seus símbolos tendo uma larga divulgação e, consequente, presença na sociedade.

Esse fato me remete muito à história do futebol no Brasil, sua popularização e sua reprodução como fenômeno de massas no século XX (Gomes, 2016b). Fiquei pensando na dificuldade que a escola tem de se contrapor a essa espetacularização do futebol. Isso porque, em nossas aulas, o futebol institucionalizado ocupou um tempo e um lugar menor na organização das propostas. Ainda assim, esse modelo se impõe como representação hegemônica da prática futebolística.

Apareceu em um dos trabalhos, o desenho específico de dois jogos de salão, o totó e o futebol de prego (Figura 24), algo diferente do que havia aparecido na primeira aula junto aos desenhos relacionados ao entendimento de futebol que os alunos tinham. Podendo indicar, de certa forma, que os alunos começaram a perceber e representar outras possibilidades para o futebol.

Figura 22 - Confecção dos Cartazes



Fonte: Arquivo pessoal.

A décima aula tinha duas atividades principais para serem realizadas, em dois momentos distintos, além da avaliação da oitava aula, organizada por mim, sobre o Futebol Gaélico. A primeira atividade consistia em montar o painel e colar os trabalhos produzidos na aula anterior e, a segunda, em responder à avaliação escrita. Como na maioria das aulas anteriores, foi uma correria, comigo chegando em sala e orientando aos alunos para que pegassem logo o trabalho que estava guardado na biblioteca. Ao chegarem na sala com os trabalhos, pedi que deixassem no canto para que fizéssemos rapidamente a nossa conversa sobre o Futebol Gaélico.

Assim, na avaliação da oitava aula, relembramos como havia sido a dinâmica, as circunstâncias em que a aula havia acontecido: utilização da quadra aberta; posição do sol mais a pino, cobrindo grande parte do espaço da quadra e, conseqüentemente, menor participação por parte da turma na atividade, destacando a quantidade de meninas que não participaram. Logo quando acabei de falar desse contexto, algumas meninas já levantaram a mão se justificando pela não participação, afirmando que ao longo de todas as aulas da proposta elas buscaram participar e ajudar na organização das atividades, mas que nessa atividade especificamente elas desanimaram ao observar que a aula seria realizada na quadra aberta com todo aquele sol. Achei bem pertinente a colocação, com uma fala bem firme de questionamento, quando a não participação delas na atividade foi colocada em destaque. Respondi a esse questionamento com uma pergunta sobre o porquê, os meninos, mesmo com todo o contexto da aula, participaram e fizeram o jogo com todo o empenho e alegria? Foi engraçado a surpresa delas com a minha questão, mas logo responderam que eles eram meninos e é normal, já que eles são apaixonados e jogam, em qualquer hora ou lugar, o futebol. Foi uma resposta que eu já esperava e desse modo consegui dialogar com toda a sala algumas questões históricas da masculinidade da sociedade e, conseqüentemente, do futebol, buscando desmistificar essa ideia de uma normalidade dos homens nascerem com o gosto pela bola.

Aproveitei para retomar o debate sobre como, ao longo da história, as mulheres tiveram vários de seus direitos cerceados, tanto pelas obrigações que a sociedade as empunha de ser mãe e dona de casa, quanto pelas proibições governamentais à prática de determinadas atividades físicas, dentre elas o futebol (Goellner, 2005), e como esses fatores históricos fazem com que as meninas

tenham uma menor relação com o futebol e os meninos, ao contrário, crescerem se apaixonando pela prática futebolística.

Ainda na avaliação da oitava aula e já buscando concluí-la, perguntei, diretamente aos que participaram da prática do Futebol Gaélico, sobre como foi a vivência deles junto a essa prática futebolística completamente diferente das vivenciadas no Brasil. Em consenso dos que participaram, apesar de ser bem diferente do que já haviam jogado, a atividade foi muito prazerosa e divertida. Alguns alegaram dificuldades no entendimento da regra e, conseqüentemente, na realização do jogo, uma vez que não sabiam quando era falta ou quando o jogador adversário havia infringido alguma das regras do jogo. Comentei que em todos os jogos que são um pouco diferentes do que estamos acostumados, ao se começar a jogar, irá acontecer um estranhamento e uma dificuldade natural, mas que ao decorrer da vivência, ou seja, depois de um tempo praticando, a atividade se torna mais tranquila de ser realizada.

Conclui afirmando que considerei muito interessante o entusiasmo deles com a prática futebolística diferente, buscando se envolver ao máximo, com boas discussões sobre o entendimento do jogo, suas regras e com as resoluções de conflitos através do diálogo que eles realizaram. Além, lembrei a ideia das práticas futebolísticas compreendidas como práticas culturais, reforçando a não naturalidade das práticas, onde cada sujeito imprime características e sentidos próprios conforme o contexto em que é realizado. Como no Futebol Gaélico, que está ligado a uma questão cultural de um país, a Irlanda, que no passado, devido a questões políticas, escolheu “romper” com a prática do futebol inglês que estava se popularizando na região e fundar seu próprio futebol.

Ao finalizar a avaliação da oitava aula, retomamos à dinâmica da construção do mural. O que havia combinado com eles era que cada grupo iria colar o seu trabalho ao mesmo tempo que enfeitavam o mural. A estética do mural, com os poucos materiais disponíveis na escola, foi ideia dos alunos. Assim, fizeram uma borda com papel crepom e espalharam algumas imagens com desenhos futebolísticos que os próprios alunos tiveram a ideia de pesquisar e me enviar para a impressão na escola. Os desenhos foram impressos em preto e branco e desse modo, ainda dentro da sala, os grupos se organizaram para colorirem antes de colocarem no mural (Figura 23).

Figura 23 - Construção do Mural



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 24 - Mural





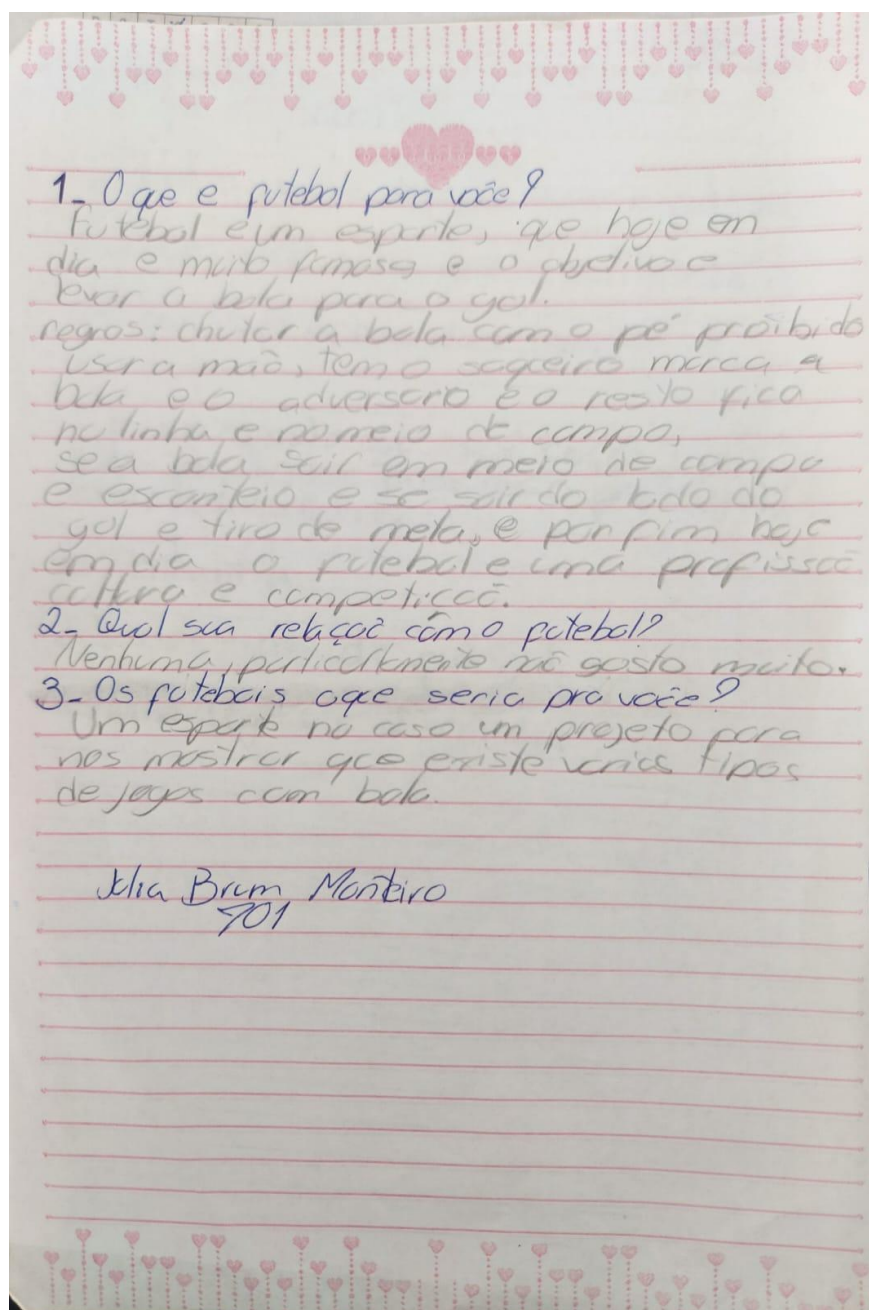
Fonte: Arquivo pessoal.

No segundo momento, com o mural já organizado e montado, partimos para a finalização da proposta das dez aulas sobre os futebóis. Os alunos, cada um em sua carteira, deveriam, em uma folha de caderno separada, copiar e responder algumas perguntas, sendo que duas delas eram as mesmas respondidas na primeira aula da proposta - *“O que é o Futebol?”* e *“Qual a sua relação com o Futebol?”*. O intuito dessas questões foi tentar perceber se os alunos mudaram de opinião em relação ao que eles sabiam sobre o fenômeno do futebol, após terem vivenciado diferentes formas de se praticar a modalidade. As duas últimas perguntas - *“O que seriam os futebóis para você?”* e *“O que você achou das aulas?”* - diferentemente das duas primeiras perguntas, estavam mais relacionadas ao que os alunos se apropriaram da proposta, tanto no âmbito da teoria quanto no âmbito da sensibilidade quanto às vivências de diferentes práticas futebolísticas.

De maneira geral, as respostas às duas primeiras perguntas não apresentaram alterações significativas, tanto das meninas quanto dos meninos, sendo a resposta muito parecida com a avaliação da primeira aula. Na primeira pergunta, as respostas foram mais objetivas, citando regras do futebol, a quantidade de 11 jogadores, a ideia do futebol visto apenas como um esporte, a ideia de se chutar uma bola e marcar o ponto através do gol. Na segunda pergunta, aqueles

alunos que já eram mais próximos ao futebol, continuaram a responder que gostam muito da prática e que tem com ela uma relação muito próxima. Aqueles que já não eram próximos, continuaram não sendo e responderam que são indiferentes ao futebol ou que não gostam. Vale o destaque para o fato de apenas, dentre os meninos, apenas um ter respondido que não tem relação com o futebol e, entre as meninas, todas terem respondido que não gostam e não têm relação nenhuma com o futebol.

Figura 25 - Avaliação escrita 1



Fonte: Arquivo pessoal.

Na terceira e quarta pergunta, que direcionavam a resposta mais para as vivências da proposta, muitos alunos, tanto meninas, quanto meninos, responderam que os futebóis eram uma forma de se jogar o futebol de diferentes maneiras, ou que eram variações do futebol ou eram jogos derivados do futebol. Na quarta e última pergunta, as respostas seguiram na direção das respostas à segunda pergunta. Ou seja, aqueles que eram mais próximos e gostavam mais do futebol, responderam com maior entusiasmo sobre as aulas, reforçando o seu gosto pelas práticas futebolísticas. E aqueles, principalmente as meninas, que se diziam mais distantes do futebol, responderam de maneira muito sucinta, resumindo-se a dizer: “legal”, “divertidas”, ou “legal, mas não gosto de futebol” ou, ainda, um simples “não gostei”.

As respostas nos disseram sobre como o futebol tradicional, presente na cultura escolar, segue padrões parecidos com o futebol do contexto externo à escola, com meninos em sua maioria reafirmando o gosto pela prática e as meninas reafirmando o seu distanciamento. Neste ponto em específico, a situação se coloca desafiadora. Precisamos rever o ensino do futebol para podermos construir vivências mais inclusivas, que irão proporcionar um maior envolvimento, uma maior sensação de prazer e sucesso para com as práticas corporais. Foi o que se buscou na presente pesquisa e o que Rezer (2009), buscando dialogar com essas questões, afirma sobre a ampliação do conhecimento dos futebóis, que podem originar outros vários conteúdos a serem trabalhados nas aulas. Assim, em diálogo com Vago (1996b), pode-se pensar na possibilidade de se construir uma nova cultura escolar para o ensino do esporte e do futebol, um futebol da escola.

As avaliações na primeira e na última aula, tinha um objetivo de comparação das respostas dos alunos antes e depois da realização das aulas. Observando se a vivência dos futebóis, alteraria algo em relação ao entendimento do significado do futebol, da relação com o fenômeno e mesmo do ato de gostar da prática. Entretanto, com as respostas ficando praticamente iguais, ficou claro que não ocorreu uma alteração significativa nem no gosto, nem em relação à vivência do futebol. Novamente, quem já era mais próximo ao futebol continuou sendo, e quem não era tão próximo, afirmou não ter tomado gosto pelo futebol ao fim da proposta de aulas.

O que vale destacar nas respostas, apesar de serem bem sucintas e objetivas, foi o entendimento que tiveram sobre os futebóis, uma vez que grande

parte da turma, independente do sexo, afirmou se ter uma ideia dos futebolis como sendo “maiores possibilidades para a vivência do futebol” ou sendo “diferentes jogos relacionadas ao futebol e a bola no pé”. Entendimentos esses que podem, se continuarem a ser vivenciados e dialogados ao longo dos anos escolares, sofrerem uma apropriação significativa pelos alunos, no sentido de possibilitá-los a se relacionarem com o futebol de uma maneira mais entusiasta, alegre e atraente, além de, sobretudo, possibilitar uma vivência mais autônoma e crítica na relação ao fenômeno futebolístico (Rezer, 2009).

Vale ressaltar que a avaliação escrita, especificamente na EF, devido a toda uma cultura escolar e ao processo de legitimação no qual o componente curricular passa, pode ser realizada com menor seriedade ou menor comprometimento pelos alunos. Visto que a EF, em sua especificidade, “ao lidar com a relação do saber-domínio e saber-relacional que se centraliza na dimensão do fazer com, subverte a forma escolar” (Santos; Maximiano, 2013, p.889). Desse modo, ao lançar mão de uma avaliação escrita nas aulas de EF, um instrumento avaliativo escolar tradicional, pode-se acarretar dificuldades no processo avaliativo. Entretanto, é importante destacar, como mencionado anteriormente, que a avaliação entendida no presente trabalho, se valeu de todo o processo de proposta de aulas, desde os diálogos e a organização das atividades pelos alunos, até as vivências das práticas futebolísticas. Relacionar esses momentos processuais de avaliação, com as respostas na avaliação escrita, mesmo daquelas “negativas”, possibilitou uma compreensão de que as vivências ao longo das aulas ocorreram experiências bastante ricas, com grande participação dos alunos e demonstrações de alegrias, divertimentos e entendimentos em relação às práticas dos futebolis.

Como apresentado nas avaliações, as dez aulas não foram suficientes para alterar de maneira significativa o gosto dos alunos para com o fenômeno futebolístico. Porém, acredito ter impactado na relação dos mesmos ao trazer diferentes maneiras de vivenciar o futebol, conceito incorporado pelos alunos e que emergiu nas respostas escritas. Compreendo, portanto, que de certa forma a relação dos alunos com o futebol foi alterada e que isso se deu mediante ao acesso às informações, às novas experiências de movimento e momentos de reflexões sobre esse conhecimento.

Não fiquei muito frustrado com as respostas nas avaliações referentes ao gosto e à relação com a prática. Eu já imaginava que se tratava de um processo

longo, exigindo anos de acesso a aulas sistematizadas de EF para proporcionar aos alunos uma vivência crítica das práticas corporais, seja por meio da reflexão conceitual, seja pela experimentação corporal. Já esperava que, com apenas dez aulas, não conseguiria alterar significativamente os valores e percepções sobre o futebol transmitidos em um contexto de espetacularização do esporte, nem modificar radicalmente os gostos das meninas pelo futebol, dada a interdição histórica que a cultura impôs à prática do futebol pelas mulheres (Goellner, 2005). Tampouco poderia convencer totalmente os meninos de que o futebol poderia ser diferente do costumeiro "rolar a bola" e das práticas futebolísticas extraescolares, onde predominam a presença dos homens, dos mais habilidosos, dos mais fortes e de uma cultura fortemente esportivizada (Faria, 2014).

Porém, posso dizer que a proposta de aulas produziu pequenas fissuras na forma de compreensão do futebol. Especialmente, de que existe no universo da cultura uma prática futebolística que é distinta daquela presente na TV e nas mídias sociais. Mais que isso, que o futebol está presente, também, nas brincadeiras com a bola no pé, nas brincadeiras populares/ de rua, nos jogos de salão, em esportes distintos daqueles tradicionalmente e que é possível praticar o futebol sem a exclusão das meninas e daqueles tidos como menos habilidosos.

As aulas propiciaram aos alunos experiências exitosas com futebol, como também, demonstraram que é possível ter junto a essa prática corporal experiências de plenitude, alegria, prazer, diversão, e sentimento de participação. Sobre isso destaco a resposta de um aluno, quando indagado sobre o que achou das aulas. "Magníficas", ele respondeu. E de que a partir delas havia começado a gostar mais do futebol. Esse aluno era muito pouco participativo, muitas vezes excluído pelos colegas por suas dificuldades em conseguir realizar as atividades da mesma maneira que o restante da turma. Era um aluno que achava o futebol algo indiferente para a vida dele. Uma resposta que me fez acreditar que a minha proposta, de alguma maneira, se fez presente na vida dos alunos (Figura 26). E fez com que, ao menos naquelas aulas, a maioria ali presente pudesse se sentir realizado, com uma vivência mais plena, mais alegre, mais divertida, conseguindo participar da prática corporal mais popular no Brasil.

Figura 26 - Avaliação escrita 2

D S T Q Q S S Ed. Física! 29.11.23

NOME: ZANEO OLIVEIRA DA SILVA.
TURMA: 701
ESCOLA: Escola Municipal PROF. WANDERLEI PASSOS //

ATIVIDADES

1. O QUE É FUTEBOL?
UM ESPORTE COM FOCO EM ALCANÇAR A BOLA DO GOL

2. QUAL SUA RELAÇÃO COM O FUTEBOL?
SOMENTE UM MEIO PARA DIVERSÃO, NÃO SOU TÃO FOCADO NELA.

3. O QUE SERIA "FUTEBOLIS" PARA VOCÊ?
DIVERSAS VARIAÇÕES DO FUTEBOL.

4. O QUE VOCÊ ESTÁ ACHANDO DAS AULAS?
MAGNÍFICAS, ESTOU ME DIVERTINDO MUITO NELAS ALÉM DO CONHECIMENTO OBTIDO, ESSAS AULAS ME FAZEM GOSTAR MAIS DO FUTEBOL.

Fonte: Arquivo pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo tece como tema central de investigação os processos de escolarização do Futebol, via o desenvolvimento de ações de ensino e aprendizagem no contexto da Educação Física Escolar. Mais especificamente, buscamos entender melhor as implicações curriculares, pedagógicas e didáticas do ensino do futebol na escola e de que forma tal empreendimento educativo pode ampliar a relação dos estudantes com esse saber. Parafraseando González e Fensterseifer (2009) buscamos respostas à seguinte questão: *o que muda na relação dos estudantes com futebol quando este é conhecido/vivenciado como conteúdo da EF escolar?*

A partir das leituras, reflexões, diálogos e observações das vivências realizadas nas aulas, foi possível perceber como o tratamento sistematizado do futebol na escola pode possibilitar a ampliação do conhecimento sobre a temática. Tanto no que compete aos conhecimentos de ordem conceitual, como também, o fazer corporal, ambas constituindo a prática do futebol.

Conceitualmente, foi possível construir com os alunos uma significação de termos futebolísticos mais ampla e aprofundada, que difere muita das vezes do que é demonstrado pelas mídias hegemônicas e apresentado aos alunos em seu cotidiano fora da escola (ou mesmo no espaço escolar). Apesar de as ilustrações e os relatos sobre a participação nas propostas pedagógicas dizerem de um futebol tradicional e midiático, ao escreverem sobre os significados do futebol e dos futebóis, após a vivência da proposta de aulas, os alunos demonstraram um entendimento mais amplo, de maiores possibilidades e vivências dos diferentes futebóis apresentados ao longo das aulas.

No saber fazer corporal, os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar práticas futebolísticas diferentes daquelas ao qual eles vivenciam em seu cotidiano. Práticas corporais relacionadas ao futebol que proporcionaram novas possibilidades de se movimentar junto ao ato de chutar uma bola. Tanto para aqueles que já eram próximos ao futebol, quanto para aqueles que não gostavam ou se diziam indiferentes. E mesmo que não tenha surgido na escrita de algumas avaliações, as questões de vivências prazerosas e de sucesso ao longo da proposta, na prática real das aulas, foi perceptível o quanto os alunos se propuseram a vivenciar as

práticas futebolísticas de maneira intensa, alegre, divertida e buscando, cada um ao seu modo, aprender maneiras diferentes de se movimentar para se praticar o jogo.

O ensino do futebol através da proposta de tematizações de Rezer (2009) sobre os “futebóis”, seguindo princípios de uma concepção crítica da EF e buscando o reconhecimento da diversidade das formas de manifestação desse fenômeno no seio da cultura e da seleção destas manifestações para dentro do currículo da EF, se demonstrou uma boa oportunidade de apresentação aos alunos do quão é possível diversificar a vivência para além do que é divulgado nas grandes mídias e saindo da tradicionalidade que, no caso do futebol, mais exclui do que inclui.

Mesmo sabendo, como nos diz Faria (2014), que as estruturas de participação do futebol na vida cotidiana englobam uma aprendizagem técnica, formas de agir e movimentar o corpo, dimensões identitárias, significações, emoções e valores, observamos que a escola também pode ser um espaço, a partir de uma sistematização do conhecimento, de um aprendizado significativo para com o futebol, ampliando e ressignificando às suas experiências.

Em relação às dificuldades de lidar com futebol na escola, dada às experiências anteriores e extraescolares dos alunos com o futebol, em geral, marcadas pela esportivização, pela predominância da misoginia no Brasil e no mundo e pela relação de maior conhecimento dos estudantes, dada a grande popularidade dessa prática cultural na sociedade, posso dizer que o nosso esforço de didatização do futebol contribuiu para minimizar o peso de tal experiência pregressa vivida pelos estudantes. Com isso, tal experiência pode ser revisitada, criticada, ampliada e ressignificada.

Ainda que tenham aparecido questões de recusas dos alunos homens no tratamento de conhecimentos conceituais dentro da sala de aula tradicional e algumas questões pontuais de não participação das aulas pelas meninas, o esforço de envolver os estudantes na construção de algumas das atividades e de responsabilização na proposição e organização das práticas, possibilitou a construção de sentidos mais claros sobre os temas que envolvem os “futebóis”. Fato que acabou, também, por produzir maior interesse e envolvimento nas aulas. Todavia, questiono se esse maior envolvimento tem relação com a cultura da escola e do ofício de aluno, no qual a produção de trabalhos para fins de avaliação escolar torna-se o eixo motor central de participação dos estudantes nas atividades de ensino.

Destacamos também que a turma escolhida para desenvolver a proposta de aulas não contava com alunos homens altamente habilidosos no futebol, o que criou um ambiente mais propício ao diálogo e contribuiu para a criação de um contexto com menor tensão na resolução de conflitos. Isso possibilitou, além de um melhor diálogo sobre o conhecimento conceitual e as significações do futebol, uma vivência mais participativa das práticas futebolísticas pelos alunos e alunas da sala. Como o nível de habilidade entre os alunos não variava tanto, houve menos pressão para seguir a prática tradicional do futebol ou um movimento de “rolar a bola”, e a cobrança sobre os alunos menos habilidosos pouco aconteceu.

Outra questão importante que merece destaque, foi a participação efetiva de parte significativa das meninas nas práticas de movimentação corporal com o futebol durante as aulas. Levando em conta as questões trazidas por Borttolin (2011) e Da Rosa, Souza e Borges (2020) sobre o entendimento das próprias meninas em relação ao descaso que elas sofrem nas aulas de EF relacionadas ao futebol; as questões históricas sobre a proibição e o impedimento que a sociedade produz às meninas no acesso às práticas corporais levantadas por Romero (1994); e a presença das mulheres na história do futebol brasileiro sofrendo diversos tipos de preconceitos e dificuldades para a vivência da prática futebolística mencionadas por Goellner (2005); observei que as meninas se envolveram e participaram de maneira significativa das vivências futebolísticas. Com exceção, como já mencionado, da oitava aula onde a maioria das meninas desanimou e não quis participar, devido à realização da atividade na quadra aberta em exposição ao sol mais a pino.

Em relação às meninas, mesmo que não tenha aparecido nas avaliações escritas realizadas após a proposta de aulas, uma mudança de interesse, uma aproximação ao futebol, ou uma vivência mais plena nas práticas futebolísticas realizadas, na vivência das atividades de movimentação elas se destacaram e demonstraram grande interesse em participar. Essas respostas nos dizem sobre como o futebol tradicional presente na cultura escolar segue padrões e influências parecidos com o futebol no contexto fora da escola, com as meninas reafirmando o seu distanciamento e o seu desinteresse, mesmo que, na realização das práticas futebolísticas, tenha sido diferente o envolvimento delas.

Podemos inferir que o envolvimento das meninas e um maior envolvimento da turma como um todo nas aulas práticas (movimentação), pode ter sido provocado pela suspensão e distanciamento dos valores e códigos esportivos. Isso parece ter

criado uma percepção de igualdade e nivelamento entre meninos e meninas, o que teria tornado mais confortável a participação delas nas aulas. Paralelamente, como falado anteriormente, ao fato de a turma ser constituída, em sua maioria, por alunos que não são reconhecidos (pelos próprios estudantes) como bons jogadores de futebol. Fato que pode ter possibilitado a produção deste ambiente, em tese, de menos cobrança por rendimento obrigatório.

Por fim, uma terceira questão a ser destacada, foi a minha presença como professor e o meu esforço de diálogo com os estudantes, problematizando com eles os conflitos, as dificuldades de aprendizagem e, também, incentivando-as a participar, reconhecendo suas pequenas e grandes conquistas na relação com a prática do futebol. Desta forma, destaco que esta pesquisa foi fundamental para qualificar a reflexão sobre a minha relação com a temática.

Dada a minha relação orgânica com a prática do futebol, em função de ser sido jogador de futebol profissional e atuar como jogador em competições do futebol de várzea na cidade Belo Horizonte, também apresentava dificuldades em pensar um ensino do futebol na escola que fosse, radicalmente, distinto da experiência que tive com essa prática corporal. Vivia tensões internas entre o “Murilo, jogador de futebol” e o “Murilo, professor de EF escolar”, esse último, responsável em tematizar o ensino do futebol na escola, com a necessária autonomia pedagógica em relação aos códigos da instituição esportiva. Muitas vezes me via espelhando as percepções de meus estudantes que, como eu, tinham dificuldades de conceber uma prática do futebol na escola distinta daquela existente expressa nas mídias sociais, no futebol profissional e nas escolas de iniciação esportiva.

Assim, reitero, o desenvolvimento da unidade didática sobre “futebóis” foi fundamental para que pudesse estabelecer uma relação mais lúcida e crítica com as representações sobre o futebol, e o ensino do futebol na escola, que constituíam a minha subjetividade e limitavam a expansão da minha relação de ensino e aprendizagem com essa prática corporal. Mesmo entendendo que tais tensões internas ainda não estão totalmente resolvidas, hoje tenho mais clareza sobre a sua existência e de que preciso avançar na reflexão qualificada sobre a sua presença em mim, na escola e em meus estudantes.

Ainda sobre o necessário distanciamento crítico em relação às representações sociais da prática do futebol que atravessam o meu “eu” pessoal e profissional, tenho a convicção de que o diálogo com a teoria, construído no decorrer

do desenvolvimento da pesquisa, foi fundamental para estabelecer uma relação mais crítica com esse fenômeno social. A compreensão mais aprofundada sobre os aspectos históricos, culturais, sociais e econômicos que constituem o futebol, possibilitou a expansão da minha relação didática e pedagógica com esse objeto de conhecimento.

O domínio de conceitos sobre esse elemento da cultura foi fundamental para que pudesse passar de uma espécie de “negação” de práticas de ensino inovadoras com futebol, para a materialização de proposições concretas de ensino com e sobre os “futebóis”. Mais que isso, a relação com a teoria possibilitou me projetar ao futuro. Isso porque, após esta pesquisa-ensino, sinto-me mais capaz para pensar ações de ensino com o futebol que podem ir além (e melhor) do que foi desenvolvido na unidade didática aqui narrada. Com isso, tenho mais segurança em produzir ações de ensino que visem modificar a cultura do futebol instalada na escola e na EF escolar.

Todas essas reflexões e sínteses provisórias foram possibilitadas pela experiência de desenvolver uma pesquisa-ensino. Primeiro, destacamos o quão complexo foi a experiência de pesquisar minha prática docente, em diferentes momentos: no planejamento das ações didáticas, na realização do que foi planejado, na produção de reflexões que ultrapassam o senso e na interlocução com a teoria instalada sobre o meu tema de pesquisa.

Tal experiência proporcionou uma nova vivência enquanto professor, o que ornou mais aguçada a minha capacidade de observação e análise de detalhes que envolvem a prática docente em EF. Hoje posso dizer que me considero um pesquisador da minha área docente, um pouco mais preparado para atuar mais criticamente na escola. A experiência com a pesquisa-ensino evidenciou que a minha atuação profissional é uma variável dos problemas de ensino, e é algo que levarei para minha carreira, para além da realização do mestrado profissional.

O presente estudo não procurou trazer uma solução definitiva para se pensar o “ensino de futebol nas aulas de EF”, mas sim propor possibilidades de ensino que, além da crítica às formas tradicionais de tratamento desse tema na escola, pudesse propor ações pedagógicas inovadoras no trato com esse conhecimento na escola. Entendo, ainda, que há necessidade da produção de novos estudos sobre o ensino do futebol na EF escolar, envolvendo temas como as relações de gênero e sexualidade, as relações étnico-raciais, o torcer no futebol, a violência, os jogos

escolares, dentre outros não menos relevantes, que poderão contribuir para o incremento das ações de ensino com esse conteúdo e suas possibilidades.

Concluindo, entendo ser importante ressaltar a importância da formação continuada proporcionada pelo Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (Proef). A partir dessa experiência pude retomar parte da minha história enquanto sujeito cidadão e enquanto sujeito professor, vindo de um local único que é a universidade, com um olhar reflexivo junto a pesquisas na área da Educação e da Educação Física, que me proporcionaram refletir junto de outros colegas professores as nossas práticas docentes de maneira aprofundada. Ao longo desse processo pude me reinventar enquanto trabalhador, professor, pesquisador, lutando por uma teoria crítica da educação e da EF realizada no dia a dia do chão da escola.

Desse modo ressalto, por fim, a importância de pensarmos políticas públicas para a educação continuada no país e investimentos em programas como o Proef, além de refletirmos sobre o diálogo das universidades junto ao Estado na busca por melhores condições para a realização da educação continuada, visto que ser trabalhador em tempo integral, sem um tempo específico para se dedicar à pesquisa de maneira exclusiva, se torna um grande desafio.

6 PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional, gerado junto a esta pesquisa, se inspira no entendimento do Futebol como uma manifestação cultural com possibilidades infinitas de apropriação, fruição e invenção pelos sujeitos e coletivos sociais. Sendo uma dessas possibilidades a de se manifestar de diferentes maneiras como práticas corporais, brincadeiras com a bola no pé, jogos populares/futebol de rua, jogos de salão, jogos esportivos, jogos eletrônicos, aprofundamento técnico/tático (Rezer, 2009). A partir desse entendimento é que apresento um material com indicações de vivências práticas de movimentação para o ensino do futebol na escola.

Tal material configura uma possibilidade de documento orientador e não um manual a ser seguido sem contextualização e apropriação crítica pelos professores de Educação Física. Serão apresentadas indicações práticas de movimentação que estão diretamente articuladas aos desafios e dilemas do ensino de futebol na Educação Física escolar que contribuirão, junto de toda a proposta de aulas e suas especificidades, para buscar minimizar tais questões que dificultam o ensino do futebol.

O material está disponível no *QR code* abaixo:

Figura 27 – QR code



Fonte: Elaborado pelo autor.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Amarildo da Silva; RIBEIRO FILHO, Carlos Coelho. In: CORDEIRO, Leandro Batista; SILVA, Silvio Ricardo; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira (Orgs.). **O ensino do futebol: para além da bola rolando**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016. pp. 49-64.

ARRUDA, Eduardo. FPF institui jogadora-objeto no Paulista. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 de setembro de 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1609200119.htm>>. Acesso em: 12 de julho de 2024.

BORGES, Flávio Adriano; SILVA, Alexandre Rodrigo Nishiwaki da. O diário de pesquisa como instrumento de acompanhamento da aprendizagem e de análise de implicação do estudante/pesquisador. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, 2020.

BORTTOLIN, Anilse Maria Pícollo. “Futebol também é coisa de menina”: um estudo sobre o gênero feminino na escola. **Revista Univap**, v. 17, n. 30, p. 100-112, 2011. Disponível em: <<https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/27/28>>. Acesso em: 20 de julho de 2024.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 1. ed. São Paulo: **Perspectiva**, 1983.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 19, 1999.

BRACHT, Valter. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. In: _____. **Educação Física e Aprendizagem Social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997. pp. 15-31.

BRAZUCA (Remix). Intérprete: Gabriel o Pensador. Compositor: Gabriel o Pensador. In: Nádegas a Declarar. [Compositor e intérprete]: Gabriel o Pensador. [S. l.]: Sony Music, 1999. faixa 9 (4:53min). Disponível em: <https://youtu.be/DrOMRBN7zGI>. Acesso em: 20 junho 2024.

BUSSO, Gilberto Leandro; DAOLIO, Jocimar. O jogo de futebol no contexto escolar e extraescolar: encontro, confronto e atualização. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, pp. 69-86, 2011.

CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 2, pp. 21-37, 2007.

DA ROSA, Marcelo Victor; SOUZA, Marizete de Oliveira; BORGES, Andrey Monteiro. Preconceito contra a mulher na educação física escolar no nono ano. **Revista Práxis**, v. 1, pp. 102-117, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/1789/2501>>. Acesso em: 20 de julho de 2024.

DAOLIO, Jocimar. O Drama do Futebol Brasileiro. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 3, pp. 57-61, 1989. Disponível em: <https://www.jocimardaolio.com.br/_files/ugd/19c8e4_07d6b83015714e78a8fa9071adfd4b.pdf>. Acesso em: 20 de janeiro de 2024.

DOS SANTOS SILVA, Matheus. O futebol como forma de ascensão social do negro no início do século XX: O Rio de Janeiro e o CR Vasco da Gama. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 13, n. 52, p. 88-110, 2021.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolares em Belo Horizonte (1906/1918). 1996. Tese (**Doutorado**) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

FARIA, Eliene Lopes. Quando "rola a bola": reflexões sobre as práticas futebolísticas e a forma escolar nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, pp. 501-513, 2014.

FURLAN, Cássia Cristina; DOS SANTOS, Patrícia Lessa. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, n. 30, pp. 28-43, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, pp. 143-151, 2005. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590/18303>>. Acesso em: 20 de junho de 2024.

GOMES, Eduardo de Souza. O Olhar Político para o Futebol em seu Período de Profissionalização: Um Estudo Comparado dos Casos do Brasil (1933-1941) e da Colômbia (1948-1954). **PODIUM Sport**, Leisure and Tourism Review, v. 5, n. 1, pp. 78–93, 2016a.

GOMES, Eduardo de Souza. Respeitável público: espetacularização e popularização do futebol profissional no Rio de Janeiro (1933-1941). **FuLiA/UFGM**, v. 1, n. 1, pp. 90-110, 2016b.

GONZÁLES, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 1, 2009.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. Desafios da EFE: temáticas da formação em serviço no Proef. São Paulo: **Cultura Acadêmica**, pp. 130-148, 2019.

GRIFONI, Tiago. Processos educativos emergentes de uma unidade didática com o fútbol callejero nas aulas de educação física. 2020. 166 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional-Proef) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2020.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Artmed Editora, 2007.

HUBERMAN, Michael et al. O ciclo de vida profissional dos professores. **Vidas de professores**, v. 2, pp. 31-61, 1992.

LOPES, F.S. Vai ter campeonato de novo? Limites e possibilidades de uma proposta pedagógica para o ensino do futsal na educação física escolar a partir do Sport Education Model. 2020. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física em Rede) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2020.

MACEDO, J. A. S. O ensino de esportes de invasão na Educação Física escolar: construção e análise de uma proposta de ensino pautada nos jogos desportivos coletivos e nos estilos de ensino. 2020. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física em Rede) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

MACHADO, T. S. et al. As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, RS, v. 16, n. 2, pp. 129-147, abr./jun. 2010. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/10495/8924>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

MALVAR, Antonio J. M. A participação das meninas nas aulas de Educação Física: dilemas de um professor no ensino do futsal. 2020. 114 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional-Proef) – Universidade Federal de São Carlos, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, São Carlos, 2020.

MELO, V. A. Futebol: que história é essa?! In: CARRANO, P. C. R. (Org.). Futebol: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. pp. 11-28.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (**org.**). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Fabio de. Educação física escolar e a contribuição da metodologia callejera nos conhecimentos atitudinais. 2020. 193 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física em Rede Nacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

MORAES, Hugo da Silva. Jogadas insólitas: amadorismo, profissionalismo e os jogadores de futebol do Rio de Janeiro (1922-1924). **Esporte e Sociedade**, v. 6, pp. 1-26, 2009.

MOREL, M.; SALLES, J.G.C. Futebol feminino. In: DaCOSTA, L.P. (Ed.). Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005. Disponível em: <<http://www.listasconfef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>>. Acesso em 25 de junho de 2024.

NERY, Marcos Leiva da Silva. Fazendo história e vencendo preconceitos: uma experiência na escola pública com o futsal para meninas. 2020. 149f. Dissertação

(Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

OLIVEIRA, Edilson Medeiros de. Metodologia de ensino do futsal na Educação Física escolar: uma proposta baseada nos jogos táticos por compreensão. 2020. 155f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

PAIVA, M.S. Currículo da Cidade : análise documental e métodos de ensino em Educação Física. 2021. 391f. Dissertação (Mestrado em Educação Física em Rede) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2021.

PENTEADO, Heloisa Dupas; GARRIDO, Elsa. **Pesquisa-ensino**: a comunicação escolar na formação do professor. 2010.

PEREIRA, William E. Nunes; AZEVEDO, Luiz Vinícius de. O futebol como um instrumento de inserção étnica no Rio de Janeiro: 1888-1930. **Argumentos-Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes**, v. 18, n. 2, pp. 169-197, 2021. Disponível em: <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/4483/4515>>. Acesso em: 20 julho 2024.

PEREIRA DE CASTRO FILHO, W. Educação Física Escolar e o Conteúdo de Esportes: Uma ação possível no atendimento das Diretrizes Curriculares. 2020. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física em Rede) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

REZER, Ricardo. Pressupostos orientadores para o ensino dos “futebóis” na Educação Física escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, pp. 71-87, set. 2009.

ROMERO, E. Educação Física a serviço da ideologia sexista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v. 15, n. 3, pp. 226-234, jan., 1994.

SANTOS, E. S. Esporte de invasão: inovações para ensino do Futsal no ensino fundamental. 2020. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física em Rede) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

SANTOS, Wagner dos; MAXIMIANO, Francine de Lima. Avaliação na educação física escolar: singularidades e diferenciações de um componente curricular. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, pp. 883-896, 2013.

SCAGLIA, Alcides José. O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes. 2003. **Tese** de Doutorado. [sn]. CAPÍTULO 1.

SCAGLIA, Alcides José. O futebol que se aprende e o futebol que se ensina. 1999. **Tese** de Doutorado. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. CAPÍTULO 1.

SCHWANDT, T. A. Constructivist, interpretativist approaches to human inquiry. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Handbook of qualitative research. Thousand Oaks,

CA: Sage Publications, 1994.

SILVA, F. L. Práticas corporais de movimento na escola. 2004. 115f. Dissertação (**Mestrado**) – Curso de Educação, Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2004 – CAPÍTULO 2.

SILVA, Silvio Ricardo da; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **O Ensino do futebol**: para além da bola rolando. Rio de, 2016.

SILVEIRA, Guilherme Carvalho Franco; PINTO, Joelcio Fernandes. Oficina Curricular de Futebol. Escola de Tempo Integral - **Caderno Pedagógico** 02. 2008. pp. 29-55. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Caderno Pedagógico da Escola de Tempo Integral de Minas Gerais). Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/EnisonCampos1/brinquedo-peteca-futebol-230077634>>. Acesso em: 8 de maio de 2024.

SOARES, Carmen Lúcia e colaboradores. **Metodologia do ensino de educação física**. 1992.

SOIHET, R. O povo na Rua: manifestações culturais como expressões de cidadania. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. O Brasil republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Vol. 2. 3ª edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2010. p. 287-321.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. História do futebol. In: CORDEIRO, Leandro Batista; SILVA, Silvio Ricardo; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira (orgs.). O ensino do futebol: para além da bola rolando. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016. pp. 25-48.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. **Motriz**: Revista de Educação Física, v. 16, pp. 920-930, 2010.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo!**: construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008.

SOUZA, M. J. G. Jogos escolares do estado do Tocantins: uma proposta de adaptação da modalidade futsal. 2020. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física em Rede) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

VAGO, Tarcísio Mauro. Da rua para a escola: a escolarização de práticas corporais lúdicas da Cultura Urbana de Belo Horizonte (1897/1930). **Motrivivência**, n. 9, p. 269-278, 1996a. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5846/20470>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2024.

VAGO, Tarcísio Mauro. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter Bracht. **Revista Movimento**, Escola Superior de Educação Física da UFRGS, ano III, n. 5, dez. 1996b.

VAGO, Tarcísio Mauro. Enraizamento da “Gymnastica” na cultura escolar de Belo Horizonte. In: _____. Cultura escolar, cultivo de corpos: educação physica e gymnastica como práticas constitutivas de corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002. pp. 219-246.

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 1, 2009.

VERÍSSIMO, L. F. Regras do futebol de rua. In: “O rei do rock”, Coleção RBS/Editora Globo, 1978, pp. 11-15.

WITTER, José Sebastião. Futebol-um fenômeno universal do Século XX. **Revista USP**, São Paulo, n. 58, pp. 161-168, junho/agosto 2003.

ANEXO I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa (TCLE)

ANEXO 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: "O ensino de futebol na Educação Física escolar: dilemas, desafios e possibilidades"

Prezado responsável, este termo solicita vossa autorização para que seu filho/a, estudante do sétimo ano, possa participar como voluntário da pesquisa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (Proef/UFGM), intitulada "O ensino de futebol na Educação Física escolar: dilemas, desafios e possibilidades". Sob responsabilidade do professor pesquisador Murilo Otávio Menezes Costa e sob orientação do professor Dr. José Ângelo Gariglio, a realizar-se na Escola Municipal Professor Wancleber Pacheco, onde o pesquisador é membro do quadro efetivo de professores.

Este trabalho tem por objetivo desenvolver uma sequência didática a partir do ensino do futebol, com o intuito de ampliar e ressignificar esse fenômeno/prática corporal tão presente na cultura brasileira e escolar. Oportunizando momentos de vivências e experiências sobre a temática citada, além de ser um importante momento para o desenvolvimento de atividades e decisões coletivas, no que tange a proposta de estudo. Para tanto, a pesquisa pretende aprimorar a prática pedagógica do conteúdo de Educação Física nesta instituição, de forma a levar conteúdos mais atraentes e estimulantes aos alunos e maior interesse em participação nas aulas. Da mesma forma, o pesquisador objetiva refletir sua própria prática docente.

O estudo será realizado através da análise de conteúdo de algumas aulas de Educação Física da turma ao qual o/a estudante faz parte. Serão realizadas observações, gravações de áudios/vídeos, fotografias, durante as aulas destinadas à pesquisa, rodas de conversa, que serão utilizadas para corroborar os registros de um caderno de campo, ou seja, um caderno/diário do pesquisador, onde o mesmo, fará suas anotações sobre o percurso de cada aula. Todo o material recolhido como registro da pesquisa será usado apenas nas análises do referido estudo, onde os mesmos serão transcritos para compor o texto de sua dissertação. As imagens e áudios captados durante as aulas serão utilizados exclusivamente para a produção do trabalho final do curso de Mestrado.

Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: "É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor."

A metodologia e procedimentos a serem utilizados para esta coleta de dados/informações e imagens indicam baixo riscos aos voluntários, visto que os mesmos não serão submetidos a nenhum procedimento invasivo. Mesmo assim, podem surgir desconfortos tais como: aversão a fotos ou qualquer constrangimento durante as atividades práticas, bem como, as que estão relacionadas com os diálogos nas rodas de conversa e afins, como as apresentações de trabalho em sala. Caso o/a estudante venha a sentir algum desconforto ou algo dentro desses padrões, ou outros não mencionados, deverá comunicar imediatamente ao professor pesquisador, que seguirá a seguinte conduta: será dada a possibilidade de continuar participando da pesquisa/aula, sem que sejam feitos registros fotográficos ou filmagens suas, durante uma ou mais aulas. Você também poderá desistir da participação total na pesquisa, sendo eliminados todos os registros anteriormente coletados sejam em diálogos, fotografias, áudios e/ou vídeos.

De acordo com a Res.466/12, que dispõe sobre o cuidado e zelo ao participante da pesquisa, uma vez que, haverá atenção às atividades programadas para segurança de todos os envolvidos, especialmente no que diz respeito à gestão de riscos durante a execução das aulas e demais programações, para que a referida pesquisa possa ser desenvolvida com cautela seguindo o cronograma planejado, e em respeito à integridade física dos participantes.

No que assegura à Res. 466/12, salva o direito dos participantes da pesquisa, sobre a segurança de seus dados, a eticidade, indenização, garantia e comprometimento de maior benefícios e menor riscos em seu desenvolvimento, pois, o proposto já se desdobra nas aulas de Educação Física na escola em outras unidades didáticas. Para tanto, as situações a que o pesquisador se propõe, já faz parte da vivência dos estudantes no cotidiano escolar. Além da Res. 510, onde considera que "a produção científica deve implicar benefícios atuais ou potenciais para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida a partir do respeito aos direitos civis, sociais, culturais e a um meio ambiente ecologicamente equilibrado". Além de dispor sobre assistência ao participante da pesquisa e a confidencialidade, que é a garantia do resguardo das informações dadas em confiança e a proteção contra a sua revelação não autorizada e outras regulamentações. A utilização dos dados está vinculada somente a este projeto de pesquisa. De acordo com a CNS 466/2012 e também de acordo com a CNS 510/2016, cabe ao pesquisador responsável "manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa".

Campo para rubrica do participante: _____

Campo para rubrica do pesquisador: _____

É preciso que fique claro, que os estudantes que optarem por não participar da pesquisa não terão suas conversas registradas, cabendo ao pesquisador respeitar e preservar o anonimato e a imagem dos mesmos.

Os participantes não terão nenhum custo e poderão consultar ao professor pesquisador responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida. Da mesma maneira, o/a senhor/a como responsável do estudante participante, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (COEP/UFMG) caso possam surgir dúvidas de natureza éticas, através do endereço e contatos listados neste termo. A pesquisa pretende aprimorar a prática pedagógica do conteúdo de Educação Física nesta instituição, de forma a levar conteúdos mais atraentes e estimulantes aos alunos e maior interesse em participação das aulas de Educação Física.

É importante ressaltar que não haverá nenhum tipo de custo para a sua participação, e também não está prevista remuneração de nenhum tipo para tal. Caso o/a senhor/a tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá nos contactar por meio dos endereços fornecidos neste termo.

Responsável

Eu, responsável por: _____ li e compreendi as informações fornecidas acerca dos procedimentos propostos sobre a pesquisa. Por estar de acordo com as condições do estudo, como descritas:

(☐) **Autorizo** a participação na pesquisa referida, e compreendo que posso retirar meu consentimento e interromper tal participação a qualquer momento, sem penalidade ou perda de benefício.

(☐) **Não autorizo** a participação na pesquisa referida, sem penalidade ou perda de benefício.

Esta autorização ao uso dos dados/imagem/voz se refere ao/a estudante _____, 7º ano.

Nome responsável (completo): _____

R.G.: _____

Endereço: _____

Fone: () _____

Ao assinar este termo, **não** estou **desistindo** de **quaisquer direitos meus**, de acordo com os termos das **Res.466/12 e Res. 510**. Uma via deste termo me foi dada.

Contagem, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do Responsável

Pesquisadores:

Nós garantimos que este termo de consentimento será seguido e que responderemos a quaisquer questões que o participante apresentar, da melhor maneira possível.

Murilo Otávio Menezes Costa - Pesquisador
José Ângelo Gariglio Orientador da pesquisa

Orientador da pesquisa: José Ângelo Gariglio
E-mail: angelogariglio@hotmail.com Tel: 31 3313-2175

Pesquisador Responsável: Murilo Otávio Menezes Costa
E-mail: otaviomurilo@hotmail.com Tel: (31) 98519-0917

COEP/UFMG: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901. Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005
Telefone: (031) 3409-4592 - E-mail: coep@prpq.ufmg.br.

ANEXO 2 - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

ANEXO 2 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Título da Pesquisa: “O ensino de futebol na Educação Física escolar: dilemas, desafios e possibilidades”

Orientador da pesquisa: Prof. Dr. José Ângelo Gariglio

E-mail: angelogariglio@hotmail.com Tel: (31) 3313-2175

Pesquisador Responsável: Murilo Otávio Menezes Costa

E-mail: otaviomurilo@hotmail.com Tel: (31) 98519-0917

Este termo de assentimento diz respeito aos estudantes do sétimo ano da referida turma participante da pesquisa supra citada abaixo. Para que os mesmos possam afirmar a sua participação voluntária e de livre espontânea vontade, na pesquisa que será desenvolvida na escola durante as aulas de Educação Física, ação essa que foi explicada em aula, bem como, retirada dúvidas de alguns estudantes que surgiram no momento da explicação e convite. Solicitamos por gentileza que ao final do documento que o mesmo, seja assinado pelo/a próprio/a estudante, bem como de seu responsável.

Prezado/a estudante, você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa intitulada “O ensino de futebol na Educação Física escolar: dilemas, desafios e possibilidades”. Sob responsabilidade do pesquisador Murilo Otávio Menezes Costa e sob orientação do professor Dr. José Ângelo Gariglio, na Escola Municipal Professor Wancleber Pacheco, onde o pesquisador é membro do quadro efetivo de professores.

Este trabalho, tem por objetivo desenvolver a partir do ensino do futebol, com o intuito de ampliar e ressignificar esse fenômeno/prática corporal tão presente na cultura brasileira e escolar. Oportunizando momentos de vivências e experiências sobre a temática citada, além de ser um importante momento para o desenvolvimento de atividades e decisões coletivas, no que tange a proposta de estudo. Para tanto, a pesquisa pretende aprimorar a prática pedagógica do conteúdo de Educação Física nesta instituição, de forma a levar conteúdos/atividades mais atraentes e estimulantes aos alunos, tendo como meta, maior interesse e participação nas aulas. Da mesma forma, o professor pesquisador objetiva refletir sua própria prática docente.

O estudo será realizado através da análise de conteúdo de algumas aulas de Educação Física da turma ao qual o/a estudante faz parte. Serão realizadas observações, gravações de áudios/vídeos, fotografias, durante as aulas destinadas à pesquisa, rodas de conversa, que serão utilizadas para corroborar os registros de um caderno de campo, ou seja, um caderno/diário do pesquisador, onde o mesmo, fará suas anotações sobre o percurso de cada aula. Todo o material recolhido como registro da pesquisa será usado apenas nas análises do referido estudo, onde os mesmos serão transcritos para compor o texto de sua dissertação. As imagens e áudios captados durante as aulas serão utilizados exclusivamente para a produção do trabalho final do curso de Mestrado.

Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

A metodologia e procedimentos a serem utilizados para esta coleta de informações e imagens indicam riscos, podendo surgir desconfortos tais como: aversão a fotos ou qualquer constrangimento nos momentos de reflexões/debates nas rodas de conversa em aula. Caso você (estudante), venha a sentir algum desconforto ou algo dentro desses padrões, ou outros não mencionados, deverá comunicar imediatamente ao professor pesquisador, que seguirá a seguinte conduta: será dada a possibilidade de continuar participando da pesquisa, sem que sejam feitos registros fotográficos ou filmagens suas, durante uma ou mais aulas. Você também poderá desistir da participação total na pesquisa, sendo eliminados todos os registros anteriormente coletados sejam em diálogos, fotografias ou vídeos. É preciso que fique claro, que os estudantes que optarem por não participar da pesquisa não terão suas conversas registradas.

De acordo com a CNS 466/2012 e também de acordo com a CNS 510/2016, cabe ao pesquisador responsável “manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de **5 anos** após o término da pesquisa”.

Você não terá nenhum custo e poderá consultar o pesquisador responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida.

Campo para rubrica do participante: _____

Campo para rubrica do pesquisador: _____

Os seus pais (ou responsáveis) autorizarão você a participar desta pesquisa, caso você deseje. Você está livre para participar ou não. Caso, inicialmente, você deseje participar, posteriormente você também está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa. O responsável por você também poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

Ressaltamos que você será informado de todos os resultados obtidos, independentemente do fato de estes poderem mudar seu consentimento em participar da pesquisa. Você não terá quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa.

Diante das explicações, se você concorda em participar deste projeto, forneça os dados solicitados e coloque sua assinatura a seguir.

Nome Completo (do estudante): _____

R.G.: _____

Endereço: _____

Telefone: () _____

Assinatura do/a estudante

Assinatura do Responsável

Contagem, ____ de ____ de 2023.

Pesquisadores:

Nós garantimos que este termo será seguido e que responderemos a quaisquer questões que o (a) participante colocar, da melhor maneira possível.

Pesquisador responsável: Murilo Otávio Menezes Costa

Orientador da pesquisa: José Ângelo Gariglio.

Estamos cientes, de que caso tenhamos (minha família juntamente comigo) alguma dúvida sobre a pesquisa, meu responsável poderá entrar em contato através do e-mail: otaviomurilo@hotmail.com, pessoalmente e/ou pelo telefone (31) 98519-0917 ou através do e-mail: angelogariglio@hotmail.com e/ou pelo telefone (31) 3313-2175. Bem como, ao Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) – UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901. Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005. Telefone: (031) 3409-4592 - E-mail: coep@prpq.ufmg.br.

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao estudante e a outra ao pesquisador

ANEXO 3 – Carta de Anuência Institucional

ANEXO 3– Carta de Anuência Institucional

Carta de Anuência Institucional

Título da Pesquisa: “O ensino de futebolis na Educação Física escolar: dilemas, desafios e possibilidades”

Orientador da pesquisa: José Ângelo Gariglio

E-mail: angelogariglio@hotmail.com Tel: (31) 3313-2175

Pesquisador Responsável: Murilo Otávio Menezes Costa

E-mail: otaviomurilo@hotmail.com Tel: (31) 98519-0917

Prezada direção da Escola Municipal Professor Wancleber Pacheco, o Mestrando, Murilo Otávio Menezes Costa, do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO/UFMG) realiza uma pesquisa intitulada “O ENSINO DE FUTEBÓIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DILEMAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES”, sob orientação do pesquisador da EEFFTO/UFMG, Prof. Dr. José Ângelo Gariglio. A pesquisa tem por objetivo desenvolver uma sequência didática a partir do ensino do futebol, com o intuito de ampliar e ressignificar esse fenômeno/prática corporal tão presente na cultura brasileira e escolar. Oportunizando momentos de vivências e experiências sobre a temática citada, além de ser um importante momento para o desenvolvimento de atividades e decisões coletivas, no que tange a proposta de estudo.

A investigação será desenvolvida no decorrer do ano de 2023, especificamente nos meses de outubro e novembro. Não haverá auxílio financeiro, tampouco benefícios de qualquer natureza para participação no estudo. Vossa instituição estará livre em qualquer fase da pesquisa para se recusar a participar ou para retirar sua anuência, sem prejuízos adicionais para a mesma. Qualquer dúvida, favor entrar em contato por meio dos endereços fornecidos neste termo. Antecipamos agradecimentos.

Murilo Otávio Menezes Costa/
Prof. Dr. José Ângelo Gariglio – Orientador da pesquisa